

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MIRELA STENZEL

O ATO NA ADOLESCÊNCIA: ENTRE A DEMANDA SOCIAL E A ÉTICA DA  
PSICANÁLISE, UMA DIREÇÃO DE TRATAMENTO POSSÍVEL

Curitiba  
2011

MIRELA STENZEL

O ATO NA ADOLESCÊNCIA: ENTRE A DEMANDA SOCIAL E A ÉTICA DA  
PSICANÁLISE, UMA DIREÇÃO DE TRATAMENTO POSSÍVEL

Dissertação apresentada ao Curso de  
Pós-Graduação em Psicologia, Área de  
Concentração em Psicologia Clínica,  
Departamento de Psicologia, Setor de  
Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Universidade Federal do Paraná, como  
parte das exigências para a obtenção do  
título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães  
Darriba.

Curitiba  
2011

Catálogo na publicação  
Sirlei do Rocio Gdulla – CRB 9ª/985  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Stenzel, Mirela

O ato na adolescência: entre a demanda social e a ética da psicanálise, uma direção de tratamento possível / Mirela Stenzel.  
– Curitiba, 2011.

109 f.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Adolescentes – Conduta. 2. Psicanálise – Adolescência.  
2. Passagem ao ato – Adolescentes. I. Título.

CDD 155.5



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes  
Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia  
MESTRADO EM PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO  
PSICOLOGIA



MIRELA STENZEL

**“O ATO NA ADOLESCÊNCIA: ENTRE A DEMANDA SOCIAL E A ÉTICA DA PSICANÁLISE — UMA  
DIREÇÃO DE TRATAMENTO POSSÍVEL”**

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do  
Título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado  
em Psicologia, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR — Universidade  
Federal do Paraná, e APROVADA (aprovada/reprovada) pela Banca Avaliadora  
abaixo assinada.

Prof.º Dr.º Vinicius Anciães Darriba  
Universidade Federal do Paraná  
Professor Orientador

Prof.ª Dr.ª Helena Maria Sampaio Bicalho  
Universidade de São Paulo  
Professora Titular

Prof.ª Dr.ª Ana Beatriz Freire  
Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Professora Titular

Curitiba, 29 de abril de 2011.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Vinicius Anciãs Darriba, por acreditar naquilo que era apenas um projeto, pelas orientações, confiança e indispensável apoio.

À professora Helena Maria Sampaio Bicalho pela acolhida, momentos de troca e contribuições a este trabalho.

Aos amigos e colegas de pós-graduação, principalmente, ao Marcos Vinicius Brunhari, pela amizade, companheirismo, momentos fecundos de trabalho e descontração.

À Mariângela Resende, secretária da Coordenação do Mestrado em Psicologia, pela sua organização, disponibilidade e orientações.

Ao Olavo Gasparin, ex-diretor geral do C.P.M. e à Marlene Salete Alquieri, atual diretora geral do C.P.M. pela confiança e abertura que possibilitaram a viabilização deste trabalho.

Aos colegas de trabalho, em especial aos amigos do ambulatório infanto-juvenil e à Anaides Pimentel Orth, pelo apoio.

Aos colegas e amigos da Biblioteca Freudiana de Curitiba, pelas discussões teóricas e clínicas sempre pertinentes.

Agradeço em especial aos meus pais Cida e João Nestor, ao meu irmão Angelo, ao meu marido Clelio, a minha sogra Julia e a minha filha Maria Antonia pela paciência, auxílio direto ou indireto e aposta, mesmo quando eu não acreditava muito que seria possível.

## RESUMO

Pretende-se aqui abordar um fenômeno que se observa na prática clínica em ambulatório infanto-juvenil de saúde mental. Trata-se do que a psiquiatria denomina de transtorno de conduta na adolescência e que se apresenta no comportamento de adolescentes, como atos impulsivos, irrefreáveis, disruptivos e que podem tomar forma de uma série de comportamentos inadequados e desadaptados. Estes atos se apresentam numa dimensão patológica para os pais, escolas e instituições, e são, no âmbito desta dissertação, tomados como *acting out* e passagem ao ato, assim como trabalhados por Lacan (1962-1963/2005) no “Seminário 10: A angústia”. Se, por um lado, há uma demanda social ao psicanalista, para que estes adolescentes parem de incomodar; por outro lado há uma orientação ética da psicanálise, que não toma este ato na dimensão patológica, mas como algo que pode convocar o sujeito a se questionar sobre o que se passa e possibilitar um trabalho analítico. Frente a estas duas posições colocam-se impasses à psicanálise. Na primeira, tem-se um questionamento sobre a eficácia da psicanálise e a própria dificuldade do analista de não responder a esta demanda. Na segunda, depara-se, no atendimento, com pontos de satisfação que não permitem a abertura para que se possa estabelecer uma divisão subjetiva. Ao se deparar com esta dificuldade, o analista pode pressupor a impossibilidade do dispositivo analítico. Pretende-se defender que há possibilidade de trabalho se não se cair na armadilha da demanda social e se supuser a possibilidade de um sujeito dividido que pode se direcionar para o desejo. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar estes atos a partir do suporte teórico da psicanálise - em que nível estes atos se relacionam com o desejo, com o *objeto a*, de forma a possibilitar uma direção de tratamento que ultrapasse a adaptação e vise o desejo. Na primeira parte desta dissertação, constrói-se e analisa-se o grafo do desejo apresentado em Lacan (1957-1958/1999), no “Seminário 5: As formações do inconsciente” e no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998). Em seguida, articula-se o grafo do desejo com o *objeto a*, conceituado no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005) e analisa-se o *acting out* e a passagem ao ato, em suas relações com o *objeto a*, situando-os nas relações propostas no grafo do desejo, de modo a possibilitar a formalização da clínica psicanalítica. Na segunda parte, articula-se a retomada teórica realizada com um caso clínico, traz-se as posições teóricas encontradas na psicanálise sobre a adolescência e discute-se a demanda social e a tendência a catalogar esta manifestação como patológica. Espera-se que, ao final, seja possível, a partir da singularidade de um caso clínico, ampliar uma direção de tratamento que pressupõe a ética da psicanálise para a abordagem destes casos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência. *Acting out*. Passagem ao ato, Direção de tratamento. Grafo do desejo.

## **ABSTRACT**

The intention here is to address a phenomenon that is observed in clinical practice in outpatient child and youth mental health. This is what psychiatry calls for conduct disorder in adolescence and is characterized by the behavior of adolescents as impulsive acts, unstoppable, disruptive and may take the form of a series of maladaptive behaviors and inappropriate. These acts are presented in a pathological dimension for parents, schools and institutions, and are, in this dissertation, taken as acting out and passage to the act, as worked out by Lacan (1962-1963/2005) in the "Seminar 10: anguish. " If, on the one hand, there is a social demand to the psychoanalyst, for these teenagers to stop bothering him, on the other hand there is an ethical orientation of psychoanalysis, which does not take this act on the pathological dimension, but as something that can summon the person to question about what is happening and allow an analytical work. Regarding these two positions put up impediments to psychoanalysis. On the first, we have a debate on the efficacy of psychoanalysis and the analyst's own difficulty of not responding to this demand. On the second, we are faced in attendance, with satisfaction points that do not allow for the opening which would establish a subjective division. Confronted with this difficulty, the analyst may assume the impossibility of the analytical device. It is intended to argue that there is no chance for work falling into the trap of social demand and one assumes the possibility of a split subject that can be directed to desire. Thus, the objective of this research is to examine these acts from the theoretical support of psychoanalysis - at what level these actions are related to desire, with the object in order to allow a direction of treatment that exceeds the adjustment and affects desire . In the first part of this thesis, we build and analyze the graph of desire presented in Lacan (1957-1958/1999), in "Seminar 5: The formations of the unconscious" and the article "Subversion of the subject and dialectic of desire in Freudian unconscious "(1960/1998). Then articulates the graph of desire with the object, ranking in the "Seminar 10: Anguish" (1962-1963/2005) and analyzes the acting out and passage to the act in its relations with the object , placing them in the relationships proposed in the graph of desire, so as to allow the formalization of psychoanalytic practice. The second part is structured the resumption theoretical performed with a clinical case brings to the theoretical positions in psychoanalysis found on adolescence and discusses the social demand and the tendency to categorize this event as pathological. It is expected that in the end, it is possible, from the uniqueness of a clinical case, extend toward a treatment that involves the ethics of psychoanalysis to address these cases.

**KEYWORDS:** Adolescence. Acting out. The acting. Direction of treatment. Graph of desire.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRAFO 1	CADEIA DE SIGNIFICANTE E A CORRENTE DO SIGNIFICADO .....	22
GRAFO 2 .....		23
GRAFO 3 .....		24
GRAFO 4	PRIMEIRO PATAMAR DO GRAFO DO DESEJO .....	25
ILUSTRAÇÃO 1	QUADRO DA ANGÚSTIA .....	28
ILUSTRAÇÃO 2	SEGUNDO ESQUEMA DA DIVISÃO .....	28
ILUSTRAÇÃO 3	A ANGÚSTIA ENTRE O GOZO E O DESEJO .....	30
ILUSTRAÇÃO 4	ESQUEMA ÓTICO .....	31
GRAFO 5	CONSTITUIÇÃO CIRCULAR DO <i>OBJETO a</i> .....	34
ILUSTRAÇÃO 5	METÁFORA PATERNA .....	39
GRAFO 6	GRAFO DO DESEJO .....	41
GRAFO 7	GRAFO NA PSICOSE .....	51
GRAFO 8	GRAFO NA PERVERSÃO .....	51
ILUSTRAÇÃO 6	QUADRO DA ANGÚSTIA .....	56
GRAFO 9	PERCURSO DO PRIMEIRO TEMPO DO CASO .....	78
GRAFO 10	PERCURSO DO SEGUNDO TEMPO DO CASO .....	87



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A CONSTRUÇÃO DO GRAFO DO DESEJO E O <i>ACTING OUT</i> E A PASSAGEM AO ATO EM SUAS RELAÇÕES COM O <i>OBJETO a</i> .....</b>	<b>17</b>
2.1. DO DESEJO DE RECONHECIMENTO AO RECONHECIMENTO DO DESEJO .....	18
2.2. <i>OBJETO a</i> .....	27
2.2.1. <i>Objeto a</i> : o resto não significantizável .....	27
2.2.2. <i>Objeto a</i> : o esquema ótico .....	30
2.2.3. <i>Objeto a</i> : a causa do desejo .....	32
2.2.4. <i>Objeto a</i> e função de corte .....	33
2.2.5. <i>Objeto a</i> : entre o desejo e o gozo .....	35
2.3. METÁFORA E METONÍMIA .....	36
2.4. O NOME-DO-PAI .....	37
2.5. O FALO: SIGNIFICANTE DO DESEJO .....	40
2.6. O GRAFO DO DESEJO .....	40
2.7. O <i>ACTING OUT</i> E A PASSAGEM AO ATO .....	55
<b>3. A INCIDÊNCIA DO <i>ACTING OUT</i> E DA PASSAGEM AO ATO NA ADOLESCÊNCIA E A DIREÇÃO DE TRATAMENTO .....</b>	<b>59</b>
3.1. A ADOLESCÊNCIA .....	60
3.2. O TRANSTORNO DE CONDUTA .....	68
3.3. O CASO CLÍNICO .....	73
3.4. PRIMEIRO TEMPO DO CASO: A INIBIÇÃO INTELECTUAL E O <i>ACTING OUT</i> .....	76
3.5. SEGUNDO TEMPO DO CASO: A INCONSISTÊNCIA DO OUTRO.....	84
3.6. A TRANSFERÊNCIA .....	90
3.7. A DEMANDA SOCIAL E A ÉTICA DA PSICANÁLISE .....	92
<b>5. CONCLUSÃO .....</b>	<b>98</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXO .....</b>	<b>108</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação aborda um fenômeno que se observa na prática clínica em ambulatório infanto-juvenil de saúde mental ligado ao SUS. Fenômeno que evidencia uma dificuldade de manejo clínico. Trata-se do que a psiquiatria denomina de transtorno de conduta na adolescência. Algo que se apresenta no comportamento de adolescentes, como atos impulsivos, irrefreáveis, disruptivos e que podem tomar diversas formas, desde maus comportamentos na escola, comportamento opositivo no meio familiar, atos agressivos contra si ou contra os outros, até atos de delinquência e anti-sociais.

Estes atos<sup>1</sup> se apresentam numa dimensão patológica, o que acaba por convocar os profissionais que são solicitados a tratar destes casos a responder por uma via adaptativa. Porém, a psicanálise lacaniana pode acrescentar outra dimensão na medida em que insere a relação destes atos com o desejo, o Outro, o *objeto a*, o que permite o manejo destes como formações clínicas.

No percurso desta pesquisa ocorreram muitos questionamentos sobre o que se pretendia referir ao se falar do ato na adolescência e em que nível este se articulava na teoria psicanalítica. Cabe esclarecer que se pretende abordar o que se apresenta como uma série de comportamentos inadequados e desadaptados de adolescentes e que é chamado, pela psiquiatria, de transtorno de conduta. Estes comportamentos não encontram na psicanálise uma classificação ou enquadramento em uma determinada estrutura, até porque não é da prática psicanalítica tratar os fenômenos desta forma, mas sim tomá-los na singularidade do caso, levando em conta a dimensão subjetiva e suas relações com o desejo e o Outro. A partir de Lacan, é possível deduzir que estes comportamentos não se referem genericamente a uma estrutura clínica, não são típicos da perversão, psicose ou neurose, mas estão intimamente ligados a estrutura, no que ela determina o sujeito. Ainda em Lacan, tem-se os conceitos de passagem ao ato e *acting out* que permitem a descrição destes atos.

---

<sup>1</sup> Neste parágrafo, tem-se o uso da palavra “ato” em dois sentidos: no primeiro, como as manifestações que se apresentam na conduta de adolescentes e, no segundo, na dimensão que se pretende abordar nesta dissertação como *acting out* e passagem ao ato, o que será esclarecido adiante.

Portanto, o que mais se aproxima do ato na adolescência, como aqui proposto, na teoria lacaniana, são os conceitos de *acting out* e de passagem ao ato. Será esta a via privilegiada nesta dissertação: a aproximação destes comportamentos inadequados que se apresentam na conduta do sujeito e que são a queixa que motiva a busca de tratamento com o *acting out* e a passagem ao ato, assim como trabalhados por Lacan (1962-1963/2005) no “Seminário 10: A angústia”. Desta forma, o ato aqui será tomado como se tratando do *acting out* e da passagem ao ato e, em alguns momentos, pode-se referir a estes de forma conjunta por meio da palavra ato. Este esclarecimento é importante visto existir outro Seminário de Lacan, o “Seminário 15: O ato analítico” que aborda o ato de forma diferente, não como um ato impulsivo, disruptivo e irrefreável, mas sim como um ato do analista, em que há uma implicação do sujeito, na medida em que a dimensão do desejo e da falta estão subsumidos a este ato<sup>2</sup>.

Este último é diferente do ato como aqui proposto, que toma ares de sem sentido, sem sentido para o sujeito que o comete, sem sentido para os outros e sem sentido para o analista. Algo que comparece justamente nesta dimensão do sem sentido, na qual o sujeito é tomado por algo que lhe é desconhecido. Mas este ato tem como característica se referir a uma posição do sujeito, sem que seja reconhecido pelo próprio sujeito que o executa. Desta forma, pode ser entendido como uma resposta, quem sabe a única possível naquele momento, e como tal deve ser tomada.

Nota-se que a função de desconhecimento é a que mais se evidencia quando estes adolescentes são levados para tratamento. Não se queixam dos atos que cometem, quem se queixa são os pais, a escola, as instituições, de forma que o sofrimento nestes adolescentes se apresenta de forma vaga, imprecisa, o que acaba por elidir qualquer demanda subjetiva que possa estar em jogo. Estes sujeitos apresentam dificuldades no estabelecimento da relação psicanalítica, a transferência. Não se apresentam como sujeitos divididos, que de alguma forma se questionam sobre seu sofrimento e podem remetê-lo a uma suposição de saber no Outro.

---

<sup>2</sup> Outra forma de ato abordado pela psicanálise, que difere do *acting out*, da passagem ao ato e do ato analítico, é o ato falho.

Pode-se pensar que se apresentam numa posição muito particular, presos a uma certa satisfação pulsional que obstaculiza e freia o trabalho clínico, por impedir a articulação do desejo e da transferência. É um sujeito que não tem perguntas, que não se questiona sobre o que se passa, e esta pergunta, que deveria estar do lado do sujeito, está do outro lado, do lado do analista, é este que se coloca aqui como sujeito dividido e pergunta o que se passa com estes sujeitos.

Esta divisão que se dá do lado do analista motivou esta pesquisa. Sabe-se que, segundo Freud (1912/1980), pesquisa e tratamento coincidem e um dos resultados da pesquisa analítica é o relato de um caso clínico e a articulação conceitual. Assim, tendo como parâmetro a psicanálise, realizar-se-á uma retomada teórica e sua articulação com o que se apresenta na clínica, numa tentativa de formalizar esta experiência.

Por meio da articulação teórica do caso, a psicanálise pode produzir conhecimento e pode-se refletir sobre a experiência. No entanto, é válido salientar que a pesquisa em psicanálise não vai tentar totalizar um universo que se apresenta falho. Desde Freud, a psicanálise remete à falta e o analista opera a partir do não-saber. A falta é própria da realidade do humano que, ao ser introduzido na linguagem, torna-se faltante e, portanto, desejante; desejo que, ao mesmo tempo que movimenta, divide, pois se deseja aquilo que falta. A orientação, portanto, passa a ter um direcionamento ético. O psicanalista tem compromisso com o sujeito naquilo que ele pode se direcionar pela via de seu desejo.

Nota-se que, em razão disto, o psicanalista, quando articula teoricamente um caso clínico como pesquisador, está implicado, não se desvinculando desta experiência para observar de fora, numa posição de imparcialidade, o que seria exigido em outra modalidade de pesquisa. A psicanálise não considera o analisante como objeto de investigação, mas desde o início, estabelece-se entre analista e analisante uma relação, a transferência, que é uma formação inconsciente e, portanto, está sujeita a suas leis. Nesta relação, além da transferência, há o desejo do analista, que questiona o saber que o analisante traz, pela via da linguagem, o que pode mudar a posição simbólica, de forma a implicar aquele que sofre em seu sofrimento.

A partir da clínica desenvolvida em ambulatório infanto-juvenil, nota-se uma incidência grande destes atos na adolescência. No âmbito desta dissertação, a adolescência será tomada como o tempo lógico de colocação em jogo na subjetividade do encontro com o real da sexualidade. Assim, organizar-se-á uma nova posição e o sujeito deverá responder com os meios de que dispõe. Quando estes meios de que dispõe não dão conta da questão que se coloca no encontro com o real da sexualidade, pode-se pensar na incidência do ato na adolescência. Muitas vezes, antes que se possa falar em inibição, em sintoma, em angústia, ou outra formação clínica, o que se evidencia é o ato. Assim, questiona-se se esta não seria uma via privilegiada, neste momento, de surgimento de algo que fala do sujeito do inconsciente.

Além das interrogações que a incidência do ato na adolescência traz, a própria clínica com adolescentes interroga o saber teórico e prático, remete ao real e a um repensar a clínica. De qualquer forma, é pela via da escuta como portadora de um apelo à verdade que se pode pensar numa via para estes impasses, permitir que estes atos sejam substituídos pela questão singular e específica do desejo do sujeito. Quando o adolescente incomodado consigo mesmo pode colocar algo de sua divisão, é possível escutar um para além do ato e possibilitar que o sujeito do inconsciente surja. Como afirma Lacan (1958/1998), em “A direção da cura e os princípios de seu poder”, criar demanda a partir da oferta, oferta de escuta.

Desta forma, o impasse com que se deparou e que motivou esta pesquisa pode ser delimitado da seguinte forma. Por um lado, há uma demanda social, um pedido para que estes adolescentes parem de incomodar os pais, a escola, as instituições, com seus atos impulsivos e descontrolados. E por outro lado, uma orientação ética, a da psicanálise, que não toma este ato na dimensão patológica, mas sim como algo que pode convocar o sujeito a se questionar sobre o que se passa, a delimitar um sofrimento e possibilitar um trabalho analítico.

No entanto, frente a estas duas posições se colocam impasses à psicanálise. Na primeira posição, tem-se um questionamento sobre a eficácia da psicanálise, na medida em que ao propor um giro nesta demanda social pode-se causar um mal estar e uma desconfiança naquele que pede esta adaptação, o que desacreditaria o trabalho. Também aí pode-se entrever a própria dificuldade

do analista de não responder a esta demanda tão premente. Na segunda posição, depara-se, no atendimento destes adolescentes, com pontos que denotam uma impossibilidade de trabalho analítico, na medida em que estão presos a uma satisfação que não permite uma abertura para que se possa estabelecer uma divisão do sujeito, por meio de questionamentos e da instalação da transferência, o que permitiria que o trabalho analítico se iniciasse. Assim, muitas vezes, ainda nas entrevistas preliminares, o analista, ao se deparar com esta dificuldade, pressupõe a impossibilidade do dispositivo analítico, o que de fato acaba por ser fatal ao trabalho, na medida em que não supõe que está diante de um sujeito de desejo. No entanto, aqui se pretende defender que há possibilidade de trabalho se não se cair na armadilha da demanda social e se supuser a possibilidade de um sujeito dividido que pode se direcionar para o desejo.

Desta forma, o objetivo desta pesquisa é analisar estes atos a partir da psicanálise, analisar o que o suporte teórico da psicanálise pode auxiliar no entendimento do que se passa com estes adolescentes e em que nível estes atos relacionam-se com o desejo e, portanto, com o *objeto a*, de forma a possibilitar uma direção de tratamento que ultrapasse a adaptação e vise o desejo.

Para tanto, parte-se da construção e análise do grafo do desejo em Lacan (1957-1958/1999), no “Seminário 5, As formações do inconsciente” e no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998). Para, em seguida, articular o grafo do desejo, como apresentado nestes dois textos, com o *objeto a*, conceituado no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005). E, posteriormente, analisar o *acting out* e a passagem ao ato, em suas relações com o *objeto a* e situando-as nas relações propostas no grafo do desejo.

Nota-se que é no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005) que Lacan relaciona o *acting out* e a passagem ao ato com o *objeto a*, com o objeto causa de desejo, já que é aí que Lacan trata de evidenciar o estatuto deste objeto. Acredita-se que, como o grafo está relacionado ao desejo, ele possa ser articulado com o *objeto a* e, desta forma, permitir a análise do *acting out* e da passagem ao ato, de modo a possibilitar a formalização da clínica psicanalítica.

Sabe-se que Lacan buscou meios de formalizar a experiência analítica. Apelou para as diversas disciplinas e teorias científicas, de modo a propor

instrumentos para pensar a clínica e a teoria psicanalítica, numa tentativa de formalização e de dar cientificidade à psicanálise, mesmo que para tanto tenha subvertido os conceitos emprestados, na medida em que insere a dimensão da falta, da impossibilidade de fechamento. Por este motivo, a psicanálise sempre se apresenta numa subversão em relação à ciência. Porém, pode-se falar que estes empréstimos conceituais trouxeram à psicanálise uma coerência e um maior rigor na prática e na teoria. Num primeiro momento, Lacan, em 1957, apropriou-se do signo de Saussure para elaborar uma teoria do significante. Posteriormente, utilizou-se da matemática, com o grafo, a teoria dos conjuntos. Também se apropriou da lógica matemática e modal, da topologia, para encerrar seu ensino com o nó borromeo.

A formalização que Lacan chama de matemática é a que faz parte do grafo do desejo, remete à matemática, na medida em que esta é a linguagem que a ciência se utilizou para criar uma linguagem universal, em que símbolos universais representam um objeto e suas relações. Lacan criou os matemas como símbolos que remetem aos conceitos fundamentais da psicanálise, de modo a formalizar esta experiência. A psicanálise, como investigação do singular, só pôde construir, por meio da experiência clínica, da relação analista-analisante, conceitos universais e, desta forma, qualquer ser falante que se encontre numa relação analítica, o que pressupõe a transferência, evocará as estruturas propostas pela psicanálise.

Pretende-se, nesta dissertação, utilizar-se do grafo do desejo e seus matemas como tentativa de formalização. Trata-se de tentar substituir a experiência clínica por uma correspondência da linguagem com ela própria, pois o grafo tem suas conexões internas de linguagem e permite estabelecer relações entre os matemas próprios à constituição subjetiva. Assim, a partir de recorte de caso clínico, em que *acting out* e passagem ao ato, nas suas relações com o *objeto a* enquanto causa do desejo, evidenciam-se, buscar-se-á articulá-los com os matemas e as relações que Lacan estabelece no grafo do desejo.

Na primeira parte desta dissertação busca-se trazer o aparato teórico que embasará a articulação com a experiência clínica. Para tal, inicia-se com a construção do grafo do desejo como apresentado no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), neste Lacan aprofunda a noção de desejo,

parte da dialética do senhor e do escravo de Hegel, do desejo de reconhecimento, para superar esta posição com o reconhecimento do desejo e do desejo como desejo do Outro. Constrói o primeiro patamar do grafo para articular o desejo nas suas relações com a linguagem. Também indica um para além do reconhecimento do desejo, indicando o segundo patamar.

Este para além do reconhecimento do desejo irá se constituir, no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), pela castração dada pelo Nome-do-Pai, tendo como significante o falo. No entanto, antes de entrar no segundo patamar, propõe-se nesta pesquisa a conceituação realizada por Lacan, no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005), do *objeto a* enquanto objeto causa do desejo. Opta-se por esta estratégia para indicar uma dimensão que escapa ao imaginário e ao simbólico no desejo, que só fica evidente com o *objeto a*. Além disso, acredita-se que o *objeto a* é essencial nesta pesquisa por permitir a análise do *acting out* e da passagem ao ato.

Posteriormente à conceituação do *objeto a*, retoma-se a construção do grafo do desejo. Por meio das noções de metáfora e metonímia e dos três tempos do Édipo, aprofunda-se o conceito de Nome-do-Pai, como metáfora paterna, que institui a castração, estabelecendo o falo como significante privilegiado do desejo. Estas noções permitem e justificam os matemas do segundo patamar do grafo, permitindo a finalização da construção do grafo.

Nesta construção teórica, nota-se que, no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), a dimensão daquilo que escapa ao imaginário e ao simbólico ainda não fica muito clara, ela é apenas esboçada. Torna-se necessária, a retomada do artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998), em que Lacan começa a delinear as relações do grafo com a pulsão e o gozo. A partir desta nova perspectiva dada por este artigo, articula-se o grafo com o *objeto a*.

Com estas conceituações, torna-se possível, a partir da retomada teórica do *acting out* e da passagem ao ato, nas suas relações com o *objeto a*, articulá-las com o grafo do desejo.

Na segunda parte articula-se a retomada teórica da primeira parte com um caso clínico, oriundo da experiência clínica em ambulatório infanto-juvenil de saúde mental. Entende-se que para tanto seja necessário trazer as posições



teóricas encontradas na psicanálise sobre a adolescência, os impasses transferenciais e a direção de tratamento.

Esta pesquisa surgiu da dificuldade de manejo do ato, como algo que se apresenta na adolescência como forma de manifestação privilegiada e que, além das dificuldades na clínica, também traz ecos nos diversos âmbitos sociais, marcando um demanda do social ao analista de adaptação destes sujeitos. Pretende-se, portanto, discutir ainda em que nível a psicanálise pode dar uma resposta a esta demanda, sem perder de vista sua orientação ética.

Assim, nos desdobramentos da segunda parte discute-se esta demanda social e a tendência a catalogar esta manifestação como patológica, como um transtorno, no caso transtorno de conduta. Como a psicanálise pode de alguma forma contrapor algo de novo a esta perspectiva, em razão de seu direcionamento ético.

Espera-se que, ao final desta pesquisa, possa-se, a partir da singularidade de um caso clínico, ampliar uma direção de tratamento que pressupõe a ética da psicanálise para a abordagem dos casos, os quais chegam para tratamento apresentando uma dimensão patológica que pressupõe a adaptação destes adolescentes a um padrão socialmente aceito. De forma a permitir que, para além da demanda social de adaptar-se, possa ser escutado um sujeito que sofre e que de alguma forma expressa este sofrimento sob a forma do que aqui está sendo chamado de atos, o que possibilita um trabalho analítico e uma retificação subjetiva, por supor um sujeito dividido que pode ir direção ao seu desejo.

## 2 ARTICULAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE A CONSTRUÇÃO DO GRAFO DO DESEJO E O *ACTING OUT* E A PASSAGEM AO ATO EM SUAS RELAÇÕES COM O *OBJETO a*

Neste capítulo, articula-se, à construção do grafo do desejo, o *acting out* e a passagem ao ato nas suas relações com o *objeto a* como causa do desejo, conforme descritas por Lacan (1962-1963/2005) no “Seminário 10: A angústia”.

Para tanto, torna-se necessário aprofundar a noção de desejo para Lacan. Neste sentido, parte-se de sua elaboração do desejo como desejo de reconhecimento a partir da dialética do senhor e do escravo de Hegel, até sua elaboração do grafo do desejo no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999) e no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1996), com a articulação do desejo como reconhecimento de desejo e como desejo do Outro. Tem-se, assim, a construção do primeiro patamar do grafo do desejo, onde se situa o imaginário e o simbólico.

Frente aos impasses que se colocam na teoria, como algo que escapa à dialética do desejo proposta até então, vê-se a elaboração do conceito de *objeto a*, como causa de desejo, da forma como é apresentado no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005).

A partir do conceito de *objeto a*, retoma-se a construção do segundo patamar do grafo do desejo, de forma a articular este com o *objeto a*. Isto se torna necessário visto, que quando o grafo foi construído, Lacan não possuía, em sua teoria, o recurso do *objeto a*, enquanto causa do desejo. Como este é essencial na análise do *acting out* e da passagem ao ato, é necessário resgatar a sua incidência na formalização dada pelo grafo, para a posterior análise do *acting out* e da passagem ao ato e de como estes poderiam se inserir no grafo do desejo.

Este percurso se justifica na medida em que se busca um modo de formalizar o *acting out* e a passagem ao ato, visto sua incidência na clínica com adolescentes, na forma de atos impulsivos, irrefreáveis, disruptivos e que podem se apresentar como comportamentos inadequados nos diversos contextos. Acredita-se que o grafo do desejo é instrumento adequado à formalização do *acting out* e da passagem ao ato, e permite ao analista se orientar na clínica.

## 2.1. DO DESEJO DE RECONHECIMENTO AO RECONHECIMENTO DO DESEJO

No começo do século XIX, Hegel apresenta, no texto “Fenomenologia do espírito” (1807/2002), a dialética do senhor e do escravo. Para Hegel, no que se depreende da leitura de Kojève (1933-1939/2002), o homem é movido pelo desejo; este desejo é o que o transforma em consciência-de-si<sup>3</sup>. Para satisfazer-se, o homem precisa suprimir um objeto, uma realidade objetiva, e, com esta assimilação, pode criar uma realidade subjetiva. O Eu adquirirá a natureza do objeto suprimido. Assim, se a ação negadora foi direcionada para um animal, ou uma coisa, o Eu adquirirá a natureza animal ou de coisa e, desta forma, revelar-se-á aos outros (KOJÈVE, 2002, p. 12).

Para que seja verdadeiramente homem é necessário que o desejo supere o desejo de conservação, deve arriscar a vida por um desejo igual ao dele. Deseja-se que o que sou ou o que represento seja desejado pelo outro, trata-se de um desejo de ser reconhecido como desejável pelo outro, um desejo do desejo do outro (KOJÈVE , 2002, p. 12).

Para que a consciência-de-si passe pela intersubjetividade é necessário que seu desejo de reconhecimento se confronte com outro desejo de reconhecimento, e que estas duas consciências-de-si estejam dispostas a lutarem pelo reconhecimento do outro, a buscarem a satisfação através da assimilação do outro. Por esta via, a realidade humana poderá se constituir como uma realidade reconhecida pelo outro.

Os dois adversários devem sobreviver. Um adversário, diante da angústia provocada pela morte, deve ceder, deve recusar ir até o fim da luta, deve preferir se submeter ao outro a morrer. Reconhece, mas não é reconhecido pelo outro, torna-se escravo. Enquanto que aquele que não cede diante da morte vai até o fim da luta, poupa a vida do escravo, mas destrói a sua autonomia, subjuga-o, é reconhecido pelo outro.

---

<sup>3</sup> Para Hegel a consciência-de-si é a reflexão da consciência a partir do mundo sensível e da percepção, no processo de conhecimento.

Para Hegel, o homem é resultado desta inter-ação com os outros, o seu Eu e a idéia que tem de si são mediados pelo reconhecimento obtido pela sua ação. É no outro que revela sua realidade. Por meio de um desejo igual ao seu, de ser reconhecido, condensa-se o sentido de sua vida, precisa da certeza do reconhecimento do outro (KOJÈVE, 2002, p. 19).

Lacan, no início de seu ensino, utiliza-se da dialética do desejo de reconhecimento de Hegel como metáfora, para elaborar o conceito de desejo para a psicanálise. Para tanto, Lacan faz um corte em relação a Hegel, na medida em que a noção de desejo para a psicanálise está para além do desejo de reconhecimento da dialética do senhor e do escravo, seu percurso não é de uma *Aufhebung*<sup>4</sup> logicizante. Obedece a uma lógica, porém não se trata de tese, antítese e síntese, como em Hegel, e sim está vinculado à linguagem e suas leis. Está regulado pela insatisfação permanente, própria da linguagem, o que impossibilita a satisfação universal do desejo que é pressuposta por Hegel (RABINOVICH, 2005a, p.13).

A partir desta ruptura, Lacan (1957-1958/1999), no “Seminário 5: As formações do inconsciente”, constrói o grafo do desejo e supera o desejo de ser reconhecido pelo outro da dialética do senhor e do escravo. Este grafo também é apresentado já finalizado no texto “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1996).

Lacan (1957-1958/1999), no “Seminário 5: As formações do inconsciente”, começa a construir o grafo do desejo, a partir de exemplos particulares de chistes e de um esquema que poderá ser usado para as formações do inconsciente. O grafo do desejo é uma das primeiras formalizações<sup>5</sup> de Lacan que se baseiam na matemática. Assim, os símbolos, que chama de matemas, os vetores que indicam relações e o formato de gráfico são alguns dos empréstimos que traz da

---

<sup>4</sup> *Aufhebung* é traduzido por auto-supressão, termo utilizado por Hegel. No encontro das duas consciências-de-si, a que vence a luta de puro prestígio suprime a outra. Esta supressão opera na dialética hegeliana que obedece a lógica: tese, antítese e síntese.

<sup>5</sup> No entanto, mesmo se dedicando a formalizar a psicanálise, Lacan (1957-1958, p. 79) coloca uma ressalva: “[...] não existe metalinguagem no sentido de isso querer dizer uma completa matematização do fenômeno da linguagem e isso porque não há meio de formalizar para além daquilo que é dado como estrutura primitiva da linguagem, não obstante, a formalização é não só exigível, mas necessária.”

matemática. Em momentos posteriores de seu ensino estes empréstimos foram mais evidenciados e justificados. Aqui Lacan (1957-1958/1999, p.69) afirma:

Aprendamos a dizer coisas simples e evidentes à maneira como procedem os matemáticos quando manejam seus simbolozinhos,  $x$  e  $y$ ,  $a$  e  $b$ , isto é, sem pensar em nada, sem pensar no que eles significam. Posto que estamos investigando isso, não investiguemos o que significa.

Também se delineia a idéia que retomará mais tarde no “Seminário 16: De um Outro ao outro” (1968-1969/2008), sobre a redução do material. Toma-se aqui e no decurso desta dissertação a formalização da psicanálise proposta por Bicalho (2007- 2011) na sua leitura do “Seminário 16: De um Outro ao outro”, em que afirma que o grafo é uma tentativa de redução, um esforço de substituir toda a experiência por uma correspondência da linguagem com ela própria (Seminário inédito).

A estrutura do grafo é dada pela estrutura significante, que impõe sua grade a tudo o que acontece com a necessidade humana. Trata-se de uma estruturação tópica, ideal à formalização, com referenciais estáveis e seguros por serem estruturais e estarem ligados às vias de construção significante<sup>6</sup>, por mais que algumas ambigüidades não sejam redutíveis a linguagem (LACAN, 1957-1958/1999, p.79).

Lacan justifica o uso destas formalizações, o uso dos matemas e do grafo, insistindo nas relações estabelecidas de acordo com uma certa ordem:

Assim, essa minha redezinha, imaginem que vocês a pegam, amassem, fazem uma bolinha com ela e a colocam no bolso. Pois bem, em princípio, as relações continuam sempre as mesmas, na medida em que são relações ordenadas. (LACAN, 1957-1958/1999, p.436).

Para Lacan, a estrutura além de ser um conceito que implica o lugar da falta, é um conjunto de elementos heterogêneos, coerente com a idéia de conjunto nas matemáticas, que estabelecem certas relações entre os elementos do conjunto e entre outros conjuntos. Assim, justifica-se a construção do grafo do desejo como tentativa de formalização, por estabelecer relações estruturais e por permitir uma redução da experiência clínica.

Para saber do desejo é necessário interrogar o inconsciente. A necessidade pura não existe para o ser humano por ele ser atravessado pela

---

<sup>6</sup> “Os matemas são originais como significantes. Seu interesse não reside tanto em seu sentido, que é necessariamente ambíguo e até contraditório, mas em sua conjunção como significante.” (LACAN, 1957-1958/1999, p.527).

linguagem. Lacan subverte a idéia de uma satisfação alucinatória da necessidade<sup>7</sup>, e vincula à relação de um suposto objeto da necessidade ao significante, o que implica, desde o início, um certo lugar no Outro. No lugar da necessidade pura, surge a demanda que é dada pela linguagem, pelo que o Outro fala da necessidade. Esta demanda nunca será satisfeita plenamente, há um resto, no qual o sujeito diz: “não foi como eu esperava”. Introduce-se o desejo, que é a relação do sujeito com a castração, com a falta de um objeto que possa satisfazer o sujeito plenamente, mas esta falta de objeto a partir da castração organizará e regulará o desejo, através de um significante primordial, o falo<sup>8</sup>.

A partir desta hiância entre necessidade e demanda, na qual se insere o desejo, Lacan aponta a importância da linguagem para o homem, enquanto ser falante. Para tanto, formaliza a noção de significante. O significante é parte essencial do ensino de Lacan e começa a ser melhor delimitado no “Seminário 3: As Psicoses” (1955-1956/1998). Porém, é em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957/1998) que Lacan aprofunda esta noção. Parte do signo de Saussure (1906-1911/1998) como uma unidade lingüística, constituída por uma união de dois elementos, o signo lingüístico, que une um conceito a uma imagem acústica, respectivamente significado e significante:

$$\frac{S}{s}$$

Lacan inverte este algoritmo:

$$\frac{s}{S}$$

Afirma a supremacia do significante sobre o significado e a importância da barra. Como o significado está sob a barra, ele está recalcado. Há sempre uma hiância entre o enunciado e a enunciação. Em razão da desvinculação do significante ao significado, um significante pode ter várias significações, possibilita o sujeito cifrado, aquele em que sempre existe uma diferença entre o que se diz e

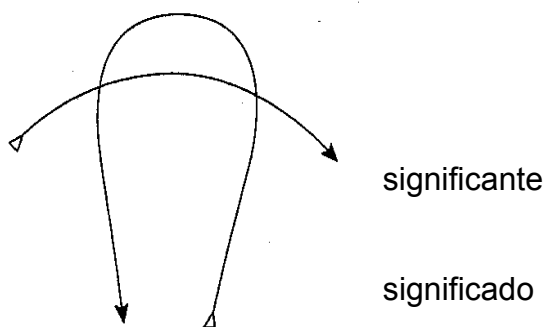
---

<sup>7</sup> Freud já no “Projeto para uma psicologia científica” (1985/1980) faz referência a uma satisfação alucinatória da necessidade, a uma satisfação que está perdida desde sempre.

<sup>8</sup> A noção de falo como significante do desejo será desenvolvida adiante.

o que se quer dizer, assim como uma diferença entre o que é escutado e o que foi emitido. O que marca a essência da divisão do sujeito. Lacan (1957-1958/1999, p. 33) acredita que é o significante que engendra, que faz surgir o significado, “[...] o arado do significante sulca no real o significado [...]”, evidenciando a supremacia do significante em relação ao significado. Também coloca como essencial a natureza substitutiva do significante, que pode substituir a si mesmo.

Por ter desvinculado o significante do significado, as palavras só tem um sentido quando contrapostas com outras até que venha um último significante. Os significantes só encontram uma significação quando há uma pontuação, no *après coup*<sup>9</sup>. Uma significação só é possível na cadeia significante. Assim, no grafo 1, Lacan ilustra que entre a cadeia significante e a corrente de significado há um deslizamento recíproco e introduz o ponto de basta pelo qual o sentido do que está sendo dito se mostra, num efeito retroativo.

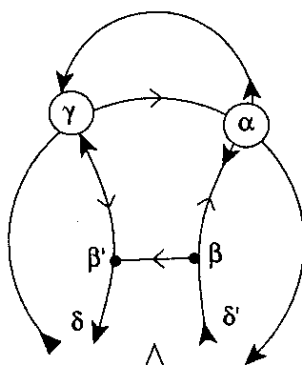


**Grafo 1: Cadeia de significante e a corrente do significado (Lacan 1957-958/1998, p. 17)**

Lacan diz, no “Seminário 5: As formações inconsciente” (1957-1958/1999), que é impossível representar o sujeito, o significante e o significado em um mesmo plano (p.18). O grafo, a partir daí, lidará apenas com significantes e as relações entre eles. Todo e qualquer sentido está na relação de um significante com outro significante.

---

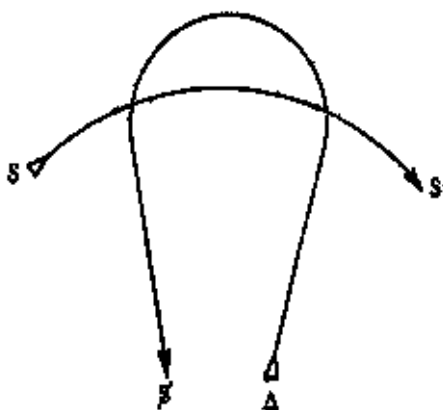
<sup>9</sup>*Après coup* é traduzido por *a posteriori*, só depois. Marca assim um efeito retroativo. Assim, uma mensagem pode se anunciar de maneira que só *depois* o falante possa reconhecer ali seu lugar de sujeito.



**Grafo 2: Lacan (1957-1958/1998, p. 18)**

No Grafo 2, duas linhas, nas quais a base da flecha é o começo do percurso e a ponta seu fim, cruzam-se em sentido inverso, deslizam uma sobre a outra. A primeira linha é a cadeia significante, permeável pela metáfora e pela metonímia. A segunda, do discurso racional,  $\delta'\delta$ , é a linha dos empregos já admitidos do significante, às vezes vazio de sentido. Elas se cortam em dois pontos: o primeiro em  $\alpha$ , o lugar do Outro; o segundo corte  $\gamma$ , o momento da mensagem, em que o sentido pode ser criado. De  $\gamma$  tem-se dois sentidos divergentes e simétricos, pela via de retorno do discurso, a mensagem vai em direção ao objeto metonímico e ao Outro. Da mensagem há, portanto, um apelo ao Outro, de um objeto aceitável por este Outro, o objeto metonímico, refletido em  $\beta'$ , que volta a refletir na mensagem. O curto-circuito entre  $\beta'$  e  $\beta$  representa a relação imaginária, na qual  $\beta'$  representa o objeto metonímico e o  $\beta$  representa o eu do discurso. Desta forma, o eu constituído pelo Outro, dirige-se para um objeto que é sempre outro, porque se desloca.





**Grafo 3: Lacan (1960/1998, p. 819)**

No texto "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano" (1960/1998), este grafo é apresentado com outras notações. No grafo 3, o primeiro vetor<sup>10</sup>  $\overrightarrow{SS'}$  designa a cadeia significante. O segundo vetor  $\overrightarrow{\Delta S}$  parte da necessidade para, no final do vetor, se ter o sujeito barrado. Porém, a necessidade, com a entrada do sujeito no mundo da linguagem, passa a ser demanda; na medida em que é cortada pelo significante, passa para o registro do desejo. Por isso, o vetor  $\overrightarrow{\Delta S}$  é retomado e, a partir daí, será comandado, desde o início, pelo sujeito dividido ( $\$$ ). Como resultado do percurso feito pela demanda, surge, a partir das primeiras simbolizações, tendo como fim a passagem pelo complexo de Édipo e a instituição da Lei, o Ideal do Eu,  $I(A)$ . Assim, o grafo passa a se apresentar na forma abaixo, a cadeia significante corta o vetor  $\overrightarrow{\$I(A)}$ , que parte do sujeito barrado até o Ideal do Eu.

<sup>10</sup> Nota-se que, quando Lacan insere os matemas da constituição do sujeito no grafo em construção, as linhas constitutivas, como descritas no grafo 2, passam a ser denominadas vetores, o que implica que cada vetor parte de um lugar e chega a outro, demarcando direções e relações, cada vetor devendo ser lido apenas nas relações que sua direção indica.



discurso,  $\overrightarrow{s(A)A}$ , na medida em que ele permite que depois de evocado pela mensagem, haja uma retroação  $\overrightarrow{As(A)}$ , que autentica  $s(A)$ .

Um sujeito que fala a um outro, endereça sua mensagem a este outro, ele o toma e o reconhece como Outro. A partir deste reconhecimento, o sujeito pode, por meio da mensagem, se fazer reconhecer pelo Outro. É no reconhecimento que o sujeito institui o Outro, não como um elemento da realidade, mas como aquele do qual depende o próprio valor da palavra, na qual o sujeito se faz reconhecer. Assim, em “Você é meu mestre”, é porque o sujeito já se fez reconhecer como discípulo pelo Outro, que ele pode reconhecer, em sua fala, o outro como seu mestre.

O Outro é um lugar simbólico, ligado à ordem cultural, é o lugar do tesouro dos significantes, das frases, da metonímia, das idéias que se encadeiam, sem as quais a mensagem e a formação do inconsciente não pode adquirir valor, nem alcance. O desejo do sujeito encontra seu sentido no desejo do Outro, porque irá se constituir como sujeito pela palavra do Outro, este dará significação a sua necessidade, transformando-a em demanda. Porém, este desejo se manifesta dissimulado e mascarado pelas formações do inconsciente e, assim, pretende ser presentificado e encontrar acolhida no Outro, para fazer-se reconhecer.

A formação do inconsciente se produz na mensagem, em  $s(A)$  e aí aparece como o que testemunha o reconhecimento do desejo. Mas trata-se de um reconhecimento sob uma forma significativa e incompreensível.

O sujeito pode ver o seu desejo reconhecido, em um reconhecimento que ultrapassa a ordem imaginária e irá atuar como uma mensagem passível de sentido, algo da ordem do desejo pode ser satisfeito no nível simbólico, pela formação do inconsciente. Na medida em que evoca o Outro, tem um sentido que pode ser dado e, por esta via, permitirá que o Outro reconheça o desejo e o restitua ao sujeito, como desejo reconhecido.

No entanto, a mensagem tem um caráter ambíguo. É uma formulação que se aliena, na medida em que parte do Outro e leva ao que é o desejo do Outro. Este Outro ratifica a mensagem como fracassada e aí reconhece a dimensão de um para além no qual se situa o desejo, aquilo que em razão do significante não consegue ser significado (1957-1958/1999, p.156).

Assim, o desejo pode ser reconhecido pelo Outro, pela linguagem, num acordo da fala, ou seja, no simbólico. Ou, caso isto não seja possível, ser reconhecido pelo outro, como evocado por Hegel, pela agressividade.

Aqui se interrompe a construção do grafo do desejo para inserir o que escapa a esta dialética do desejo, por meio da elaboração do conceito de *objeto a*, como causa de desejo. Para, posteriormente, retomar a construção do segundo patamar do grafo do desejo, de forma a articular este com o *objeto a*.

## **2.2. OBJETO a**

Para além das duas possibilidades do desejo subsistir, evocadas acima, seja na ordem simbólica ou na imaginária, no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005) Lacan aponta para algo que escapa à dialética de desejo de reconhecimento ou de reconhecimento de desejo. Trata-se de algo que não é significantizável, o resto.

### **2.2.1 Objeto a: o resto não significantizável**

Apesar de Lacan, no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005), introduzir o ponto de vista hegeliano, apontará para algo que não se presta a esta dialética, o que não se presta ao significante, o resto. O esforço de Lacan é elaborar uma falta irredutível ao significante.

Como afirma Miller (2005), este resto é o resto-órgão, não mais resto-desejo, da hiância entre necessidade e demanda, mas resto-gozo. Resto de gozo entregue na divisão subjetiva, como pontos de fixação da libido, que na economia do gozo não cede a uma significantização. Este resto é articulado como *objeto a*, em um regime de exceção. Lacan demonstra que, na estrutura da linguagem, há algo que não pode ser reduzido ao significante, que é assimilado ao corpo.

Para aprofundar o estatuto do *objeto a*, Lacan, parte da angústia como uma formação clínica. Inicia o “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005) com a construção de um quadro conceitual para abordar a angústia, por meio dos termos freudianos: inibição, sintoma e angústia<sup>12</sup>. Este quadro se propõe a trazer parentescos e relações entre os termos nele inseridos. Parte de dois vetores, o horizontal, a dificuldade e o vertical, o movimento; ambos seguem em sentido crescente. Em um primeiro momento, deixa duas casas vazias que serão preenchidas posteriormente com os termos *acting out* e passagem ao ato que terão especial interesse quanto ao manejo da angústia.

	DIFICULDADE		
M O V I M E N T O	Inibição	Impedimento	Embaraço
	Emoção	Sintoma	Passagem ao ato
	Perturbação	Acting-out	Angústia

**Ilustração 1: Quadro da angústia (LACAN, 1962-1963/2005, p.89)**

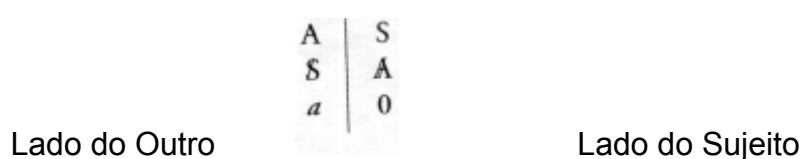
Este quadro traz uma das formas de se abordar a angústia, pela via conceitual; busca os significantes que bordejam a angústia. No entanto, para Lacan, a via do significante, que é a que tem articulado até então, é insuficiente para se tratar a angústia. Afirma que “[...] dominar o fenômeno por meio do pensamento é sempre mostrar como se pode fazê-lo de maneira enganosa, é poder reproduzi-lo, fazer dele um significante.” (LACAN, 1962-1963/2005, p.89).

Esta concepção de que o significante é o que engana já está presente na obra anterior de Lacan, principalmente após o artigo “Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, conhecido como “Discurso de Roma” (1953/1998), como uma característica própria do significante, que se revela na dimensão da ficção. Em “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957/1998, p. 529), Lacan aponta que o lugar de engodo é dado pelo significante. Traz a queixa dolorosa do judeu para seu amigo para exemplificar o caráter sempre enganoso do significante: “Por que me dizes que vais a Cracóvia

<sup>12</sup> Termos que se referem ao artigo de Freud (1925/1980) “Inibição, Sintoma e Angústia”.

para que eu ache que vais a Lemberg, quando na verdade estás indo a Cracóvia?” No “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005), contrapõe a idéia do significante como o que engana com a angústia que nunca engana, pois não se deixa significantizar, é o resto real.

Lacan (1962-1963/2005, p.128) apresenta, neste “Seminário”, uma operação subjetiva. Parte da divisão entre o Outro (A), pré-requisito para a criação de um sujeito, Outro originário, lugar dos significantes e o sujeito (S) por vir, sujeito hipotético, sujeito inexistente.



**Ilustração 2: Segundo esquema da divisão (LACAN, 1962-1963/2005, p. 128)**

Nesta divisão, o sujeito aparecerá como barrado (\$), do lado do Outro como marca do significante, quociente em virtude do traço unário que vem de A. Só há o aparecimento do sujeito a partir da introdução primária de um significante. Desta forma, a presença do Outro é anterior.

O sujeito do significante se inscreve no Outro. Por consequência perde a sua identidade, divide-se, só reaparecendo como um sujeito representado por pelo menos dois significantes. Um sujeito é o que representa um significante para outro significante. Um significante sozinho, isolado, não pode nunca representar o sujeito.

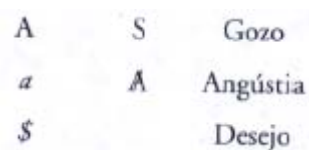
Esta divisão deixa um resto, pois se fosse exata o sujeito todo se esgotaria numa inscrição significante no Outro. Este resto transforma o Outro em Outro barrado, na medida em que cai do lugar da falta no Outro. Se algo falta, o Outro deseja e, a partir daí, falta a garantia da existência do Outro.

É no campo do Outro que surge o sujeito barrado e o *objeto a*. Se se articula ambos os termos com a punção<sup>13</sup>, nota-se a fantasia, segundo sua fórmula (\$◊a), que se escreve no campo do Outro. Assim, a divisão subjetiva

<sup>13</sup> A punção representada por ◊ é a união da conjunção (^) e da disjunção (v). A fórmula da fantasia pode ser lida da seguinte forma: o sujeito marcado pelo significante é, na fantasia, corte de *a*. O corte entendido como o corpo afetado por uma perda de gozo, que isola uma parte do corpo. Esse corte produz o *objeto a*, condiciona a fantasia e a busca da pulsão.

entrega o \$, o sujeito marcado pelo significante, mas acrescenta um termo diferente e não assimilável ao significante, o *objeto a*.

Durante o “Seminário 10: A angústia”, Lacan (1962-1963/2005, p.192) traz uma alteração nesta operação: o *objeto a* passa a ser o resto da divisão do sujeito mítico pelo traço unário que vem de A e antecede o sujeito barrado, portanto passa à posição de causa.



**Ilustração 3: A angústia entre o gozo e o desejo (LACAN, 1962-1963/2005, p. 192)**

O A, como na primeira versão da divisão, comparece como o tesouro dos significantes anterior ao sujeito, S. Trata-se do sujeito do gozo, só isolado como sujeito, miticamente.

O *objeto a*, enquanto resto, surge nesta primeira operação interrogativa do sujeito em A, como uma diferença entre o A barrado e o A sem barra. O *objeto a* é o que representa o S em sua irredutibilidade, é a sobra da operação subjetiva. O que advém no final da operação é o sujeito barrado, o \$ é o término da divisão.

Lacan articula a divisão subjetiva com os termos gozo, angústia e desejo. O gozo se aproxima do sujeito enquanto mítico, enquanto gozo perdido. A angústia aparece em uma função mediana entre o gozo e o desejo, no nível do *objeto a*. O desejo constitui-se aquém da zona da angústia que separa o gozo e o desejo. No nível do desejo está o sujeito barrado que pode se dirigir ao desejo.

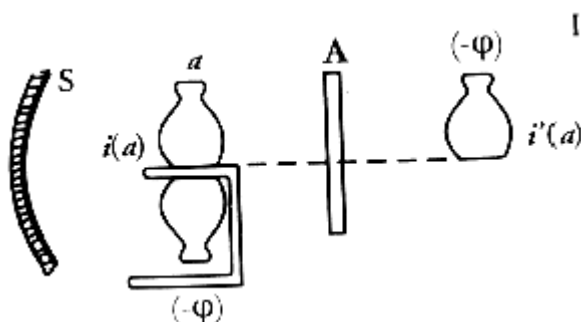
### **2.2.2. Objeto a: o esquema ótico**

Lacan busca outra referência do seu ensino, o esquema ótico, que se encontra no texto “Observações sobre o relatório de Daniel Lagache” (1960/1998), para situar a angústia no registro imaginário. Não deixando de articular as

relações entre o imaginário e o simbólico, demarca uma hiância, algo que escapa à imaginarização e que remete ao *objeto a*.

Lacan afirma haver um entrejogo do imaginário e do simbólico, que estaria em uma articulação do sujeito com o *objeto a*, como o resto da operação subjetiva, e o Outro. O sujeito por vir pede ao Outro, na virada da cabeça, que ratifique o valor dessa imagem. Desta forma, é na relação ao Outro que se tem o advento da função da imagem especular  $i(a)$ . O  $i(a)$  é, portanto, uma unidade dada a partir do traço unário, que constitui a identificação primária e articula imaginário e simbólico.

A imagem especular encontra com um limite imposto pela castração: o  $-\phi$ , o falo precedido pela negatividade, que marca que nem tudo é especularizável. (HARARI, 1997, p.55). Nem todo investimento libidinal passa pela imagem especular. Lacan introduz uma descontinuidade na libido, por meio de uma operação de corte que permite ao falo funcionar como reserva libidinal.



**Ilustração 4: Esquema ótico (LACAN , 1962-1963/2005, p. 49)**

Como destaca do esquema ótico (Lacan, 1962-1963/2005, p. 49), do lado de  $i'(a)$ , a imagem do corpo libidinizado, o falo aparece como uma lacuna, que não é representado no nível imaginário, o falo negativizado  $-\phi$ , reserva libidinal, ligado a um órgão-instrumento, e, por isso, também reserva operatória, ligado ao gozo. E do outro lado, o de  $i(a)$ , o  $a$ , resto que escapa ao objeto derivado da imagem especular. O *objeto a* é aquilo que falta, é não especular, não é visível. No entanto, é esta falta que orienta e polariza o desejo, numa função de captação. Desta forma, o *objeto a* e o  $-\phi$  são duas formas heterogêneas da falta, ambos surgem num mesmo lugar, onde no espelho não se vê nada (RABINOVICH, 2005a, p.71). Se do lado de  $i'(a)$  há o  $-\phi$  como função de falta, do lado de  $i(a)$  se encontra a falta como tal. Lacan distingue a função imaginária do falo, função não



especular,  $-\phi$ , da função significante, simbólica, do falo  $\Phi$  e, as duas, da função do *objeto a* como real, causa do desejo (p.72)<sup>14</sup>.

A partir do estágio do espelho, há uma imagem do corpo próprio, que produz no sujeito um sentimento de jubilação, mas também um total desconhecimento da estranheza do *objeto a*. Em  $i(a)$  se mascara o *objeto a*, articulando além dos registros imaginário e simbólico, o real. Daí se depreende que tanto  $i(a)$  como *a* são o suporte da função do desejo como desejo do Outro, já que se constituem no estágio do espelho, no momento da virada da cabeça. O *objeto a* “é esse objeto inapreensível do espelho que a imagem especular  $i(a)$  dá sua vestimenta.” (LACAN, 1960/1998, p. 832).

### 2.2.3. *Objeto a*: a causa do desejo

Lacan traz as referências simbólica e imaginária, para demonstrar como ambas são insuficientes para abordar a angústia. O que traz destes dois registros aponta sempre para algo que escapa, que denomina *objeto a*. Há uma dessimbolização, uma dessignificação e uma desimaginarização do objeto (MILLER, 2005, p.19).

Este objeto que Lacan articula se diferencia do objeto da ciência, na medida em que esta tem a ambição de considerar a falta como preenchível, o que é contrário à experiência psicanalítica que leva em conta a falta (LACAN, 1962-1963, p.161). Lacan insiste que o objeto enquanto objeto de conhecimento é uma ilusão, pois se funda no próprio ato de desconhecimento, como referido no item anterior, quando entra em jogo o estágio do espelho, no qual o sentimento de júbilo frente à imagem do corpo próprio torna o objeto transparente. Esta ilusão se estende para todo objeto do conhecimento.

O *objeto a* está atrás do desejo, não é objeto do desejo, mas sua causa. O desejo do sujeito acha-se apenso à relação do sujeito com o Outro (A) por intermédio da constituição anterior do *a*, como demonstrado na segunda operação subjetiva, no item 2.2.1.

---

<sup>14</sup> Esta distinção será retomada no item 2.6 desta dissertação.

A causa pressupõe uma hiância entre ela e seu efeito. O que determina a causa como uma lacuna é o fato dela ser causa do desejo, que sempre aparece numa espécie de *gap*, de resíduo da função significante (LACAN, 1962-1963, p.239).

Ao introduzir a função da causa, Lacan rompe com o desejo estruturado pela intencionalidade. O *objeto a* se encontra na posição de originar o desejo. Como o desejo é o desejo do Outro, o Outro barrado lança um resto na constituição do sujeito que, proposto como *a*, origina o desejo. No entanto, o *objeto a* simula estar diante do desejo e permite a manutenção deste, pela distância.

#### **2.2.4. Objeto a e função do corte**

Lacan remete esta causa ao objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz um corte. Assim, se é objeto do desejo como corpo (LACAN, 1962-1963/2005, p.237). No entanto, na dialética da causa, trata-se do corpo, que em virtude de seu engajamento na dialética significante, apresenta algo de separado, de inerte. O *objeto a* é extração do corpo, dele só se pode dar representações.

O *objeto a* subsiste sob modalidades diversas, todas elas ligadas a fatos anatômicos. Lacan enumera a constituição mamífera, o funcionamento do órgão copulatório, a plasticidade da laringe humana, a função excrementícia, o valor antecipatório da imagem especular a partir da prematuridade neonatal do sistema nervoso. Aborda como em cada um destes fatos anatômicos opera a função de corte. Esta função de corte remete a um vazio que tem relação com o desejo. O órgão envolvido faz parte do circuito pulsional e se apresenta como algo intermediário entre o sujeito e o Outro. Este órgão de função ambígua, Lacan chama de amboceptor, que adquire esta função por uma característica anatômica, o que permite funcionar estruturalmente como *objeto a*.

Os cinco objetos (oral, anal, fálico, olhar e evocante) não podem se separar das repercussões que têm sobre todos os demais. Por isso, Lacan traz um grafo

para demonstrar a constituição circular do objeto. Em todos os níveis dessa constituição, o objeto adere a si mesmo como *objeto a*. Sob as diversas formas em que ele se manifesta, trata-se sempre de uma mesma função, de como ele se liga à constituição do sujeito no lugar do Outro e o representa. Desta forma, fica evidente que o *objeto a* não é o seio, as fezes, o falo, a voz, o olhar, mas a função de corte que intervém na relação com estes objetos, enquanto objetos pulsionais ligados a uma zona erógena. Trata-se de desnaturalizar e dessubstancializar o *objeto a*; o que conta é a sua função, o objeto se constitui precisamente no momento em que se perde.



**Grafo 5: Constituição circular do *objeto a* (LACAN, 1962-1963/2005, p. 320)**

No grafo 5 nota-se que a constituição circular do *objeto a* tem a fase fálica como central em relação aos diversos estágios do objeto, pois neste nível a função do *objeto a* é essencialmente representada por uma falta, a falta do falo como constitutiva da disjunção entre desejo e gozo<sup>15</sup>. Este grafo tem a função de destacar o falo e demonstrar que o conjunto se orienta pela seta que sobe e depois desce. O que exprime que toda regressão tem uma faceta progressiva, e vice-versa (LACAN, 1962-1963/2005, p.321). Este grafo, traz a idéia de que toda regressão remete ao atual e ao quanto estes objetos estão interligados, pois, de formas diferentes, marcam a função de causa do desejo.

<sup>15</sup> No que se refere ao falo, Lacan articula a castração de forma diferente do que vinha fazendo até então, na qual o Édipo inscrevia a Lei e a interdição, pela via da castração, no falo simbólico. A ameaça de castração implicava a incidência do Outro. No “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005), a castração remete à detumescência do órgão, o apagamento da função fálica no ato sexual (MILLER, 2005, p.36), indica que o objeto cai em sua relação com o desejo. O que se torna central na ideia de detumescência é o falo-órgão, que se opõe ao falo-significante. (p.29). Quando Lacan escreve  $-\phi$ , ele resume a falta de objeto, o objeto falo enquanto faltante. Aí o falo se apresenta na função de *objeto a*, para articular não a falta de objeto, mas o *objeto a*, como uma presença que se mantém inapreensível (p.26).

Nos cinco níveis há um confronto radical, traumático, em que o sujeito cede à situação. O que inscreve um caráter de fixidez primitiva e inarticulável, pela qual o sujeito ficará marcado. Trata-se de um objeto escolhido por sua qualidade de ser cedível, por ser um objeto solto, um objeto a ser construído em sua função de ser representado pelo *objeto a* (LACAN, 1962-1963, p.367). O que no sujeito é *objeto a* é o que há de mais exterior, por ter sido cortado.

#### **2.2.5. Objeto a: entre o desejo e o gozo**

O *objeto a*, como causa do desejo, como resto irredutível à simbolização no lugar do Outro, depende do Outro. O sujeito se constitui no campo do Outro que não importa por sua função metafórica, como acreditava Lacan no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), mas pela relação de queda, na qual encontra-se em relação ao *objeto a*. O sujeito acredita que o *a* é o Outro e que ao lidar com o *a* está lidando com o Outro.

O sujeito se constitui a partir do desejo do Outro, na medida em que no Outro algo falta. Como é faltante, algo cai do Outro, o *objeto a* que se mostra constitutivo do sujeito desejante. Não mais como sujeito do gozo, mas como objeto causa do desejo do Outro, o que implica um eterno desconhecimento do *objeto a*.

O que o sujeito tem para dar é o que ele é, o que ele é só entra no mundo como resto. O sujeito é, para sempre, o objeto cedível, o objeto de troca. É esse objeto que é o princípio que o faz desejar, que o torna desejoso de uma falta, falta que não é uma falta do sujeito, mas uma carência imposta pelo gozo situado no nível do Outro.

Assim, a função do *objeto a* se refere à lacuna que separa, no nível sexual, o desejo do lugar do gozo, e o condena ao imperativo de que o gozo não está prometido ao desejo. O desejo só pode ir ao encontro do gozo ao transpor a própria fantasia que o sustenta e o constrói (LACAN, 1962-1963, p.359). Por isso, a única via em que o desejo pode revelar-se, pelo *objeto a*, é quando se situa o *objeto a* no campo do Outro, já que a fantasia se situa neste campo (p.366).

Desta forma, o *objeto a* está entre gozo e desejo. A partir da entrada no mundo do significante, o sujeito perde algo, se perde como objeto de gozo, o que constitui uma falta, um resto irreduzível ao simbólico, o *objeto a*. Mas será este resto que mobilizará o desejo como causa e que instituirá o sujeito desejante.

A partir das considerações do *objeto a*, enquanto causa do desejo, pode-se retomar o grafo do desejo, na passagem do primeiro para o segundo patamar. Ali se localiza a inconsistência do Outro, enquanto barrado, que não responde à demanda do sujeito e acarreta o “*Che vuoi?*” “O que queres?”, a pergunta insistente sobre o desejo do Outro que o sujeito busca responder, de diversas formas, entre elas pela articulação do sujeito barrado com o *objeto a*, a fantasia (\$◊a).

### 2.3. METÁFORA E METONÍMIA

Acredita-se que aprofundar a noção do desejo, por meio do grafo do desejo e do *objeto a*, pode permitir a análise do *acting out* e da passagem ao ato como proposta nesta dissertação: em relação ao *objeto a*, enquanto causa do desejo e, posteriormente, articulados ao grafo do desejo.

Dando continuidade à construção do grafo desejo, torna-se necessário inserir as noções de metáfora e metonímia como abordadas por Lacan (1957-1958/1999), no “Seminário 5: As formações do inconsciente”, visto que a metáfora paterna é essencial na construção do grafo. Metáfora e metonímia são os nomes retóricos dados por Lacan aos dois mecanismos do processo primário do inconsciente, condensação e deslocamento, respectivamente<sup>16</sup>.

A partir da cadeia significante e da noção de significante trabalhada anteriormente, pode-se dizer que a metonímia é combinação significante, é a concatenação da cadeia (LACAN, 1957-1958/1999, p.34), função assumida por um significante na relação com outro significante na continuidade da cadeia significante (p.78), na qual o objeto, enquanto objeto metonímico, está por traz dessa combinação significante. Já a metáfora é substituição significante, que

---

<sup>16</sup> Tais mecanismos foram descritos por Freud (1900) no artigo “Interpretação dos sonhos”.

possibilita novos desenvolvimentos significantes. A metonímia é a estrutura fundamental em que se pode produzir algo novo e criativo: a metáfora.

A metáfora e a metonímia só são possíveis com a sanção do Outro (LACAN, 1957-1958/1999, p.49). O Outro reconhece um para além no qual se situa o desejo. Este para além é dado pela palavra que funda a fala, funda a fala como ato signifiante, conferindo autoridade à lei (p.152). É o Nome-do-Pai que, como signifiante da falta, inscreve o Outro como sede da lei.

## **2.4. O NOME-DO-PAI**

Para falar do Nome-do-Pai, Lacan nos remete, no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), aos três tempos do Édipo, dando aí o lugar privilegiado ao signifiante falo, nas relações com o desejo, a partir da metáfora paterna.

Num primeiro momento do desenvolvimento infantil, forma-se um ternário imaginário (criança/mãe/falo), este é formado pela relação da criança com a mãe, que depende do desejo da mãe. Aí já vem se fixando a ordem simbólica, com as primeiras simbolizações, como colocado por Freud (1920/1980), no texto “Além do princípio do prazer”, em que se refere à brincadeira de seu neto, *Fort-da*. Nesta ele substitui a ausência e a presença da mãe por estas palavras. Assim, simbolizando o desejo da mãe, instituindo o que a mãe pode desejar de diferente (LACAN, 1957-1958/1999, p. 188). Existe algo do desejo da mãe que está para além da criança e que se presentifica para esta, no plano simbólico, como o falo, objeto privilegiado na ordem simbólica. A relação da criança com o falo se estabelece na medida em que o falo é objeto do desejo da mãe. Nesta perspectiva, as fases do complexo de Édipo se desencadearão, de maneira sempre a apontar para onde se direciona o desejo da mãe, para o falo.

Primeiro, a criança buscará satisfazer o desejo da mãe. Introduz sua demanda em A, o Outro materno. Em s(A), o desejo da mãe aparecerá como mensagem, a criança entende que é tudo para a mãe, é seu objeto. A criança, então, identifica-se com este objeto e busca ser este, que para ela é o desejo da

mãe, ser o que falta à mãe. Coloca-se, em resposta a esta dinâmica, dois pontos: o eu,  $i(a)$  e, em frente a ele, aquilo com que a criança se identifica,  $m$ , que ela vai procurar ser, ou seja, o objeto satisfatório para a mãe. Trata-se de ser ou não ser o falo imaginário, o  $\phi$ , que é objeto do desejo da mãe (LACAN, 1957-1958/1999, p. 208). A criança aqui se esboça como *assujeito*, porque a princípio ela se sente como *assujeitada* ao capricho da mãe (p. 195). Esta posição só é abalada, quando por meio da proibição do pai este circuito não fecha.

O primeiro tempo permite que se instaure o pai como significante, fundado pela mãe, como mediador de algo que está para além de sua lei, de seus caprichos. Graças a um ponto de referência simbólico, a substituição de significantes, a criança pode se posicionar ao se identificar com o objeto do desejo da mãe, o falo. No segundo tempo, o pai intervém efetivamente no discurso da mãe, este discurso passa a ser mediado pelo pai. O pai detém a palavra em  $s(A)$ , uma proibição, no lugar onde a criança esperava a mensagem da mãe (LACAN, 1957-1958/1999, p.209). O pai instaura o interdito do incesto e sua lei ao privar a mãe do objeto do seu desejo, ou seja, daquele que havia sido inscrito no primeiro momento, como uma substituição significante que se refere ao objeto do desejo da mãe, o falo. No segundo tempo, a falta de um objeto para o desejo da mãe é atribuída ao pai como privador. É na medida em que ocorre esta interdição que a criança se desaloja da posição de objeto da mãe, ligando-se ao primeiro aparecimento da lei a angústia de não ser o falo, referindo-se metonimicamente ao ter. É o pai instaurado como aquele que faz a lei, a quem a mãe se reporta para autenticar sua fala (p. 197).

É no segundo tempo que se coloca o que Lacan chama de ponto nodal, em que o pai entra em função como privador da mãe. Quando a criança não ultrapassa esse ponto nodal, não assume, não aceita ou recusa a privação do falo do pai na mãe, ela se mantém em uma certa forma de identificação com o objeto da mãe e isso pode ocorrer quer se trate de fobia, neurose ou perversão (LACAN, 1957-1958/1999, p.191-192).

No terceiro tempo, é o pai como agente de uma castração que permitirá a saída do complexo de Édipo. O pai privador será sucedido pelo pai que tem a chave do desejo da mãe como mulher. O pai se revela como aquele que tem e

poderá dar o falo, transmiti-lo à criança, como uma promessa. A criança não tem o falo hoje, mas poderá assumir uma posição de ter o falo, se renunciar a sê-lo.

É no terceiro tempo do complexo de Édipo que se estabelece a identificação com o pai, que permite a formação do Ideal do eu. É por intervir como aquele que tem o falo que o pai é internalizado no sujeito como Ideal do eu, e a partir daí o complexo de Édipo declina. A criança detém consigo todas as condições das quais pode se servir no futuro. Se, no momento da puberdade, o sujeito não conseguir se servir destas condições, isto estará relacionado a algo que não cumpriu completamente a identidade metafórica com a imagem do pai (LACAN, 1957-1958/1999, p. 201). Assim, mesmo que o Nome-do-Pai se institua, é preciso que o sujeito se saiba servir dele (p. 163).

Os três tempos do Édipo trazem uma inovação ao que se pensava sobre o Édipo até este momento na psicanálise, trazem uma perspectiva positiva ao pai, como aquele que intervém não como privador, mas como potente, aquele que indica o caminho, o que depois, no ensino de Lacan, dará lugar ao pai real. O Nome-do-Pai, instituído pela metáfora paterna, será a marca do significante que alienará o sujeito na identificação primária que forma o Ideal do eu e que procura preencher o vazio deixado pela ausência de um significante original.

A metáfora paterna é uma substituição de significantes, na qual um significante, o Nome-do-Pai, substitui o primeiro significante, o significante materno que está ligado a alguma coisa, um x, um significado que se refere às idas e vindas da mãe, ao seu desejo, ao falo (LACAN, 1957-1958/1999, p.181).

$$\frac{N \text{ do } P}{DM} \cdot \frac{DM}{x} \rightarrow N \text{ do } P \times \frac{A}{\text{falo}}$$

**Ilustração 5: Metáfora paterna (LACAN, 1966/1999, p.563)**

A ordem significante é sustentada pelo Nome-do-Pai, que irá organizar e delimitar o campo da linguagem, enquanto que o falo será o significante do desejo.



## 2.5. O FALO: SIGNIFICANTE DO DESEJO

No artigo “A significação do falo” (1958/1998), Lacan define o falo como “[...] o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante.” (p.697). Há dois conjuntos, o dos significantes e o dos significados. Um significante é retirado da bateria significante e é destinado à função de ser o indicador do conjunto dos significados, de se referir ao significante do desejo.

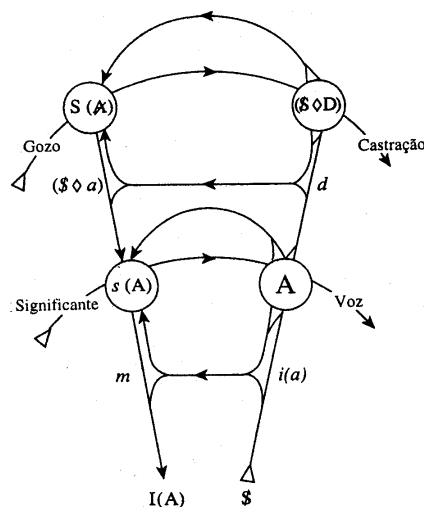
O falo se escreve no conjunto do significante e altera a natureza do Outro, pois introduz no Outro o significante do desejo, a impureza do desejo. A inscrição do falo indica que há desejo no Outro (MILLER, 1999, p. 105). É o significante da falta, significante da distância entre a demanda do sujeito e seu desejo, e este desejo, seja qual for, tem referência fálica.

O Outro é faltante, desejante e não o sabe por estrutura. O seu desejo é tão inconsciente como o desejo do próprio sujeito. Desta forma, a castração do Outro é correlativa a do sujeito, a castração é o outro nome do desejo como desejo do Outro.

Há uma transição, no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), no estatuto do falo que, de objeto passa a significante do desejo. Neste momento do ensino de Lacan há a preponderância do significante: o Nome-do-Pai, a partir da metáfora paterna, é significante; o falo é significante; o Ideal do eu é um significante e, assim, com todos os conceitos psicanalíticos. Ele busca dar um estatuto simbólico a todos os elementos, pois acredita que, para operar com eles na análise, é necessário que tenham estatuto de significante.

## 2.6. O GRAFO DO DESEJO

A partir do Nome-do-Pai e do falo como significante, pode-se retomar o grafo, na sua versão final, para uma posterior articulação do grafo com o *objeto a* e, conseqüentemente, com o *acting out* e a passagem ao ato.



**Grafo 6: Grafo do desejo (LACAN, 1957-1958/1999, p.525)**

Antes de seguir na construção do segundo patamar, nota-se, no grafo 6, o grafo completo, uma diferença, em relação ao grafo 4, na cadeia significativa do primeiro patamar. Há, no final do vetor, a voz que se articula com o *Significante* como vazio, como algo que fica além de cada um dos elementos que são articulados e que por natureza são fugazes, evanescentes. A passagem de um significante para outro constitui o essencial do que se chama cadeia significativa e é essa passagem que se faz voz, como a manifestação atual de algo que está além, o significante (LACAN, 1957-1958, p. 355).

Dando continuidade à construção do grafo, a metáfora paterna modifica o desejo, pois há um desvio ou alienação do desejo no significante. O que remete à relação fundamental da dependência primordial do sujeito em relação ao desejo do Outro. O sujeito se depara com outro desejo, o desejo do Outro, reconhece um desejo para além da demanda, situa-o no para-além do primeiro Outro a quem dirigia sua demanda, a mãe (LACAN, 1957-1958/1999, p.371). Percebe que, para além dos caprichos da mãe, há um desejo que é desejo daquela falta que, no Outro, designa um outro desejo (p.340).

No grafo, tem-se a duplicação da cadeia. A primeira cadeia de significante é a resposta do Outro primordial, a mãe. A segunda cadeia duplica a relação significativa, é a presença paterna, o para além da mãe, que está para além de qualquer articulação significativa (p.452). É onde se inscreve o desejo

inconsciente, numa *Spaltung*, e se distancia o desejo da demanda, desejo marcado pelo significante especial, o falo. Neste patamar, do desejo inconsciente, Lacan afirma uma dimensão irreduzível e impossível de formular, não do pré-verbal, mas de um para além do verbo. Assim, “[...] o fato de o desejo não ser articulável não é razão para que não seja articulado.” (p.341). O desejo é articulado, na medida em que está vinculado à entrada do homem na linguagem, mas não é articulável justamente por se tratar da ligação com o significante e este nunca ser plenamente articulável, já que o significante não remete a um significado, mas sempre a outro significante.

Assim, é na segunda cadeia que o efeito de articulação significante é dado em seu conjunto, sua simples presença faz aparecer simbólico no real. Neste vetor situa-se tudo que é mediado, que entra numa relação indireta. Já que estabelecer uma relação com a própria demanda é um grau mais elevado do que quando o sujeito fala e pede (MILLER, 1999, p.109).

O *d*, o desejo, é o desejo como desejo do Outro, num para além da demanda. É uma zona intermediária, em que o desejo se apresenta em sua forma de condição absoluta, desmedida, sem nenhuma proporção com a necessidade de qualquer objeto. Abole o Outro, por ser uma exigência na qual o Outro não tem de responder sim ou não e se produz na margem entre a satisfação da necessidade e a demanda. Esta, por sua vez, é sempre demanda de amor, demanda daquilo que não é nada, nenhuma satisfação particular, demanda do que o sujeito introduz por sua pura e simples resposta à demanda (1957-1958/1999, p.394).

O desejo do homem tem de ser buscado no lugar do Outro como lugar da fala, o que faz com que o desejo seja um desejo estruturado nesse lugar do Outro (LACAN, 1957-1958, p.454). O desejo se apresenta sob uma forma ambígua que não permite orientar o sujeito em relação a esse ou aquele objeto, tem um caráter mascarado que se manifesta nas formações do inconsciente. O desejo permanece, como um ponto de interrogação, um x, um enigma e possui uma excentricidade em relação à satisfação. O desejo permanece inconsciente, como o desejo do Outro.

Quando se constitui um para além do desejo temos a possibilidade da relação  $\$ \diamond D$ . Na medida em que o Outro não responde, o sujeito é remetido à sua

própria demanda, é colocado numa certa relação com a demanda. Desta forma, o desejo se articula como demanda. O matema  $\$ \diamond D$ , matema que posteriormente será chamado matema da pulsão, marca na relação do sujeito com a demanda, um irreduzível, que neste momento denomina e faz coincidir o mesmo lugar topológico do falo,  $\Phi$ , do significante do desejo. Assim, o além do desejo é simbolizado na relação do sujeito com a demanda ( $\$ \diamond D$ ), na qual o sujeito não está completamente incluído até o momento em que esse para além se constitui na articulação com o significante falo.

Tanto o significante paterno instaura e autoriza o jogo dos significantes, quanto o falo, como significante privilegiado, faz instituir no Outro algo que modifica sua natureza, que barra o Outro. Assim, homólogo a  $\$ \diamond D$  tem-se  $S(\bar{A})$ , o significante do Outro barrado, retorno da passagem da demanda pelo Outro, mensagem de um significante que expressa que o Outro é marcado pelo significante.

O significante barra o Outro. O falo, como ponto extremo da manifestação do desejo, entra na área do significante, é o que desencadeia a barra que divide o sujeito e, por conseguinte, o Outro. Por ter uma função simbólica e por poder ser revogável, o significante do desejo acarreta que o Outro barrado possa decair da função que constitui seu lugar, possa deixar a desejar, constituir um lugar vazio (LACAN, 1957-1958/1999, p.356).

É na medida em que o Outro é marcado pela barra significante que se manifesta a castração no Outro. A castração é inicialmente encontrada no Outro. O desejo é barrado pelo Outro e o falo é o significante do que é atingido pela ação do significante, do que está sujeito à castração (LACAN, 1957-1958/1999, p.450).

O  $S(\bar{A})$  conhece a Spaltung, ele mesmo é estruturado por ela e já sofreu seus efeitos. Esse Outro como castrado está no lugar da mensagem. Os termos se invertem em relação à mensagem,  $s(A)$ , do patamar inferior. Onde se tinha o significado do Outro, agora se tem a mensagem do desejo, o significante do Outro barrado  $S(\bar{A})$ , o que é articulado no inconsciente. A mensagem do desejo é essa (LACAN, 1957-1958/1999, p.406). É por meio da divisão do Outro que o sujeito pode ter acesso a algo de sua identidade de sujeito dividido. A dimensão do  $S(\bar{A})$

está presente, no neurótico, mas nem sempre articulada, esta mensagem pode não se produzir.

Homólogo ao  $d$ , depois da passagem por  $S(\bar{A})$ , tem-se  $\$a$ , o matema da fantasia, onde o  $\$$ , o sujeito está no ponto articulado de sua presentificação em relação ao  $a$ . Neste momento do ensino de Lacan, ainda não se trata do *objeto a* e sim do objeto metonímico, o objeto que se desloca na cadeia significante e é sempre outro. A fantasia é o suporte do desejo, o ponto em que o sujeito, marcado pelo significante, fixa-se em seu objeto, que é constituído por uma certa posição do sujeito em relação ao Outro. É com a ajuda dessa relação fantasística que o homem se encontra e situa seu desejo. A fantasia inconsciente é diferente de imaginação, pois se estrutura pelas condições do significante (LACAN, 1957-1958/1999, p.263), é aprisionada em um certo uso do significante, que lhe dá sua consistência e ao mesmo tempo sua insistência, tem aspectos de roteiro ou de história e pode permanecer latente num ponto do inconsciente.

Nota-se como Lacan, neste momento, constrói o grafo do desejo dando grande importância ao aspecto simbólico, ressaltando as relações entre os seus diversos termos que chama de significantes. Valoriza o significante falo que, apesar de não ter sua escrita no grafo, encontra-se presente, como substituto do matema  $\$D$ . Também é o significante que barra o Outro, na medida em que insere a castração; é o responsável pela modificação do desejo em  $A$ , visto ser efeito da metáfora paterna; está presente no sintoma como significação do Outro,  $s(A)$ , na medida em que a castração é o nó na estruturação dinâmica dos sintomas no que é analisável nas neuroses, perversões e psicoses (LACAN, 1958/1998).

Lacan acredita que tudo pode se transformar em significante, inclusive o eu, por meio do Ideal do eu, que é o significante do eu que está por advir,  $I(A)$ . A identificação simbólica é a significantização do eu, o que é bem diferente de sua posição posterior em que há uma cisão entre o eu (*moi*), lugar do desconhecimento, e o eu (*je*), o sujeito inconsciente, que está entre significantes. Lacan pretende dar conta das relações do sujeito pela via significante, como forma de não cair no engodo da imagem e de apreender o real.

No entanto, mesmo com esta intenção, em alguns momentos começam a se delinear alguns impasses desta posição. Na construção do segundo patamar

do grafo, coloca o caráter do desejo como sendo o que não é articulável, que há uma dimensão irreduzível e impossível de formular no desejo. A forma como estrutura o desejo remete à insatisfação permanente da linguagem, a uma defasagem e, neste momento, a única satisfação possível se dá no fracasso do dizer. Este caráter de insatisfação é o que posteriormente delineará o lugar da perda do gozo todo à qual a constituição do desejo obriga. Perda que assume, *après-coup*, o caráter de uma renúncia ao gozo, na medida em que só assim este aparece como perdido, o que já está presente no “Seminário 10: A angústia”, quando Lacan (1962-1963/2005, p.192) traz a operação subjetiva em que a incidência do traço unário insere uma perda no sujeito, que toma a forma de *objeto a*<sup>17</sup>.

Também traz a noção de Outro barrado, em que faz conviver no Outro, o lugar da fala e o Outro do desejo, onde há uma queda, uma relação dupla, que esboça com as duas cadeias significantes, o que remete à inconsistência do Outro, que será desenvolvida mais tarde no “Seminário 16: De um Outro ao outro” (1968-1969/2008), por meio da teoria dos conjuntos. Esta inconsistência do Outro no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999) fica evidente no seguinte momento: “[...] na medida em que o Outro como objeto do desejo é percebido como falo, e em que, como tal, é percebido como falta no lugar de seu próprio falo, que o sujeito experimenta uma coisa que se assemelha a uma curiosíssima vertigem.” (p.398). Situa a relação do Outro com o desejo no nível do Outro barrado, onde o sujeito pode encontrar a resposta para o desejo e não no lugar do código<sup>18</sup>, do A. De qualquer maneira, quando Lacan faz referência a uma certa impossibilidade do simbólico em dar conta de tudo, ainda está preso ao desenvolvimento que elaborou a partir da lingüística. Pela própria estrutura da linguagem, em que um significante sempre se encadeia e remete a outro, não existe um significante que se prenda a um significado único. Há, nos momentos de escansão do discurso, efeitos de sentido. Assim, a noção de real que pode ser

---

<sup>17</sup> Remete-se o leitor ao item 2.2.1.

<sup>18</sup> Nota-se que o A do primeiro patamar do grafo é denominado de código no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), o que já no artigo “A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998) é revisto, pois o código faz referência a uma correspondência entre significante e significado. A partir daí o A será o tesouro dos significantes, posição que mantém até o final de seu ensino.

deduzida está ligada ao que escapa a linguagem, na medida em que o significante remete a outro significante e não a um significado.

Lacan ainda não elaborou sua noção de real e este ainda não ocupa em seu ensino o valor que terá nas décadas de 60 e 70. Isto fica evidente, ainda, na análise do *Witz* freudiano, no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), em que há uma prevalência do simbólico, nos efeitos de significante, o que remete à insatisfação, já que o sistema significante está baseado na insatisfação, o que inclusive é diferente da perspectiva de Freud que ressalta o caráter pulsional do *Witz*, de satisfação.

No que se refere ao gozo, Lacan, no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), aproxima-o, como fez com a pulsão, do desejo. É o que se depreende das seguintes citações: “O sujeito não satisfaz simplesmente um desejo, mas goza por desejar, e essa é uma dimensão essencial de seu gozo.” (LACAN, 1957-1958, p.325). O sujeito “[...] (está) numa posição tal perante o Outro, que, tanto no que ele apreende quanto naquilo com que goza, trata-se de algo diferente de uma relação com o objeto, trata-se de uma relação com seu desejo.” (p.326). Assim, pode-se deduzir destas citações que o gozo corresponde ao desejo de desejo. Evidencia-se, portanto, o caráter articulado deste, de vinculado à linguagem.

Neste momento, para Lacan, tem-se um impasse entre o desejo e a sexualidade, já que não pode explicar a sexualidade a partir da necessidade em sua relação com a demanda, nem a partir do desejo do reconhecimento, nem do significante (RABINOVICH, 2005b, p.33). A solução virá quando articular gozo, desejo e demanda, quando articular a dimensão da pulsão. No entanto, no artigo “A significação do falo” (1958/1998), contemporâneo ao “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), começa a articular este impasse, remetendo o campo do desejo a uma hiância, tanto do sujeito como do Outro na relação sexual: “[...] não pode bastar serem sujeitos da necessidade ou objetos do amor, devem ocupar o lugar de causa do desejo.” (p.698). Tem-se o conceito de causa de desejo, anterior ao *objeto a*, o que indica que, na relação entre sexualidade e desejo, não há um objeto fim, mas o que causa o desejo, o que remete a uma irreducibilidade do desejo e, portanto, a uma dimensão pulsional.

O “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999) traz o grafo completo, mas o seu desenvolvimento teórico não ocorre completamente. Algumas definições, inclusive dos matemas, se alteram durante o “Seminário”. A segunda cadeia, que aparece como a cadeia do gozo, não é trabalhada nesta dimensão, o real aparece de forma tímida, seja na falta do Outro dada pela castração, seja na estrutura do desejo. Desta forma, retoma-se o grafo como apresentado no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998), para aprofundar a construção do grafo, dando especial atenção à dimensão pulsional, que começa a se delinear neste texto. Para, posteriormente, articular o grafo com o *objeto a*, com o objetivo final de analisar as relações entre o *acting out* e a passagem ao ato com o *objeto a*, enquanto causa do desejo, tendo como parâmetro o grafo do desejo.

Na retomada do grafo do desejo, no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998), Lacan dá espaço para o que escapa ao simbólico. Assim, o sujeito toma sua dimensão de real, sendo o que representa um significante para outro significante, não podendo ser apreendido. Mais uma vez Lacan retoma a frase de Freud que se encontra no artigo “A dissecação da personalidade psíquica” (1933/1980), *Wo Es war, soll Ich werden*, traduzindo-a: “lá onde isso era, *je*<sup>19</sup> pode vir a ser, por desaparecer de meu dito.” (LACAN, 1960/1998, p.816). Enfatiza o tropeço, como o momento em que o sujeito pode aparecer e, portanto, este não surge na unidade do sujeito ou na fala do sujeito no enunciado. Remete, desta forma, ao real, ao que surge no inesperado.

Aqui tanto o Ideal do eu como o eu ideal marcam a alienação do sujeito. O que era a saída do Édipo no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), as insígnias do Ideal do eu, marca a alienação do sujeito tanto na imagem quanto no significante e aponta para a unidade do eu.

Lacan ressalta a opacidade do desejo já que é a partir do desejo do Outro que o desejo do homem se constitui, o que determina seu desconhecimento por parte do sujeito. Para saber de seu desejo tem-se, no grafo, a pergunta que o sujeito, ao não conseguir responder a demanda do Outro, se faz, o “*Che vuoi?*” “O que o Outro quer de mim?”, que Jacques Cazotte (1772/1992) faz surgir na boca

---

<sup>19</sup> O *je* se refere ao sujeito do inconsciente.



de um demônio no livro “O diabo enamorado”. Esta pergunta pode conduzir ao caminho de seu próprio desejo.

Como resposta, tem-se a fantasia que regula o desejo, representada pelo algoritmo  $\$ \diamond a$ . Lacan esboça que o objeto pode assumir diversas formas, inclusive a de objeto causa do desejo, como o que está no inconsciente, onde causa o desejo, segundo a estrutura da fantasia.

No algoritmo da fantasia, o objeto tem a função de objeto do desejo, que resgata o sujeito de seu desvanecimento no remetimento próprio da cadeia significante, de seu *fading*; dá uma ancoragem, detem a metonímia da cadeia. Assim, sustenta o Outro, estabiliza, fissa-o no instante da fantasia e tampona sua falta.

O desejo é regulado a partir da fantasia de maneira homóloga ao que acontece com o eu em relação à imagem do corpo. Em  $\$ \diamond a$  e  $i'(a)$ , imagem virtual do corpo, existe a relação ao  $a$ , numa forma de mascarar-lo. Na fantasia, o *je* só é indicável no *fading* da enunciação. Lacan dá à fantasia a dimensão imaginária junto com  $i'(a)$ , mas inclui a dimensão simbólica e real, dada pela linguagem no *fading* da enunciação, naquilo que escapa ao dito.

A dimensão real estará vinculada ao pulsional. Lacan retoma o conceito de pulsão, como um saber, que não comporta nenhum conhecimento:

(...) já que está inscrito num discurso do qual, à semelhança do grilhão de antigo uso, o sujeito que traz sob sua cabeceira o codicilo que o condena à morte não sabe nem o sentido nem o texto, nem em que língua ele está escrito, nem tampouco que foi tatuado em sua cabeça raspada enquanto ele dormia. (LACAN, 1960/1998, p.818)

Lacan situa a pulsão, em  $\$ \diamond D$ , como tesouro dos significantes. Ela é o que advém da demanda quando o sujeito se desvanece. Mas a demanda também desaparece, o que resta é o corte, o que distingue a pulsão da função orgânica que a habita (LACAN, 1960/1998, p.831-832); o que antecipa a posição posterior de Lacan no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005), da função do corte, já trabalhada no item 2.2.4. desta dissertação.

O que o grafo propõe no patamar superior é um efeito de enunciação inconsciente, o que se situa em  $S(\mathcal{A})$ , como significante de uma falta no Outro. O Outro é solicitado a responder o “*Che vuoi?*” de seu lugar na cadeia inferior, mas

com os significantes que constituem a cadeia superior, em termos de pulsão. O “*Che vuoi?*” fica em suspenso entre os dois patamares, entre as duas vias de retorno. No entanto, a distância entre elas torna a relação com o desejo e a identificação narcísica homólogas e distintas, ao mesmo tempo (LACAN, 1962-1963/2005, p.15).

O patamar superior do grafo assume, a partir daí, o sentido de que a significação resultante do jogo das pulsões parciais é faltosa. Em outras palavras, nada vem unificar essas pulsões numa pulsão sexual global que dê conta da relação sexual do sujeito ao Outro, já que este último não é representado por significante nenhum e o significante do desejo é o significante de uma falta de significante.

Esta impossibilidade de dar conta da relação sexual pela via do significante faz o ser ansiar o gozo<sup>20</sup>. Esse gozo cuja falta torna o Outro inconsistente é proibido (LACAN, 1960/1998, p.834). Para falar do gozo, Lacan retoma o mito freudiano de “Totem e Tabu” (Freud, 1913/1980) que indica que só aquele que não é castrado, o pai primitivo, pode gozar, ter todas as mulheres. Os filhos se vêem divididos entre a vontade de gozar como o pai e o temor de serem, por ele, castrados. Realizam o ato de matar o pai e gozam ainda menos do que antes, pois interditam a si mesmos, mais rigorosamente ainda, o gozo que cobiçavam, e instituem as regras do tabu. O complexo de Édipo e de castração se inserem aí fazendo barreira ao gozo.

Lacan distingue dois tipos de gozo. O gozo que Freud atribui ao pai primitivo que não pode ser identificado como gozo sexual. Este aparece para Lacan como um recorte feito no campo do gozo que seria referente ao ser. Por ser atravessado pela linguagem e se manter faltoso em relação ao significante, o significante do falo tem por efeito separar o homem deste gozo do ser, mas se abre o campo de outro gozo. O significante do falo introduz assim uma divisão do gozo. O significante assume aí uma dupla função: por um lado proíbe o gozo, e por outro lado o permite.

---

<sup>20</sup> “[...] o Gozo, aquele que faria vão o universo.” (LACAN, 1960/1998, p.834). Faz vão o universo para todos os seres falantes, na medida em que não há relação sexual, que não há gozo de cada sexo. O gozo fálico constitui a medida comum para ambos os sexos, mas é uma suplência dessa ausência estrutural, que só pode ser assegurado por um significante que falta nesse lugar de falta, o falo.

O gozo do ser está vetado a quem fala, ele só pode ser dito nas entrelinhas, já que este gozo está excluído do significante e este só pode cercá-lo, delimitá-lo, para os que são sujeitos à Lei, já que a Lei se funda justamente nesta proibição. Mas não é a Lei em si que barra o acesso do sujeito ao gozo. A simples indicação desse gozo em sua infinitude comporta a marca de sua proibição e, para constituir esta marca, tem-se o falo. É isso que predestina o falo a dar corpo ao gozo, na dialética do desejo, tornando-se significante do gozo (LACAN, 1960/1998, p.838).

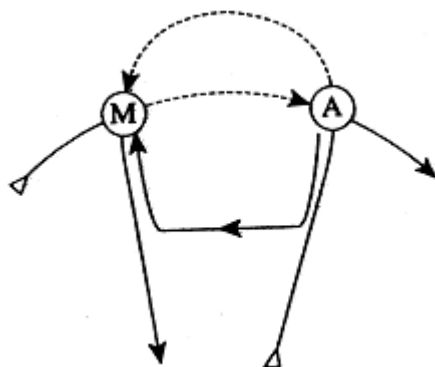
Para Freud, a castração é o obstáculo máximo; para Lacan, é graças à castração que o registro do gozo sexual, enquanto gozo fálico, é aberto. Desta forma, o desejo é uma defesa/proibição<sup>21</sup> de ultrapassar um limite no gozo (LACAN, 1960/1998, p.839). O gozo que o sujeito anseia é o gozo do ser, mas a partir da castração, o gozo possível é o fálico que torna o Outro inconsistente por introduzir o desejo no Outro.

Neste artigo, fica clara a entrada do real em sua teoria, na medida em que articula o gozo, numa divisão dada pelo falo. Apenas esboça a idéia do *objeto a*, mas define a cadeia superior do grafo, na qual no lado direito tem-se a castração, que limita o gozo, mas dá possibilidade para o desejo, e no lado esquerdo está o gozo, enquanto gozo fálico já que limitado pela castração.

Esta construção do grafo do desejo se refere a um sujeito neurótico, visto a incidência do significante e do falo como significante privilegiado na ordem simbólica, dado pelo Nome-do-Pai. Portanto, antes de articular o grafo do desejo como acima construído com o *objeto a*, para a posterior articulação com o *acting out* e a passagem ao ato, pretende-se abordar abaixo a forma como o grafo se apresenta na psicose e na perversão.

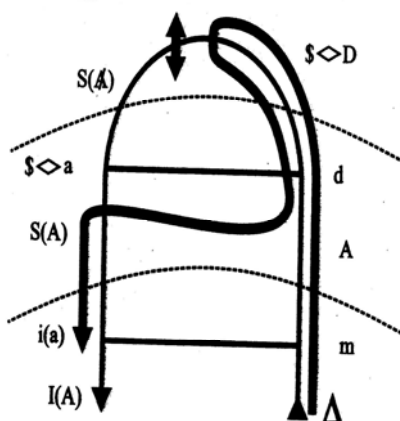
---

<sup>21</sup> Lacan se utiliza do duplo sentido da palavra *défense* para expressar defesa e proibição.



**Grafo 7: Grafo na psicose (LACAN, 1957-1958/1999, p.160)**

Na psicose, o grafo se apresenta da forma acima, nota-se que a forclusão do Nome-do-Pai, a ausência do significante que substitui o desejo da mãe, não permite que o Outro (A) encontre garantia num para além de A; ou seja, o Outro no Outro não se institui, não se configurando o  $S(\bar{A})$ . Assim, a mensagem não encontra a mediação do Outro e as ligações de ida e de volta da mensagem para o Outro e do Outro para a mensagem ficam destruídas e impossíveis. O Outro só faz emissões para além da mensagem, sem possibilidade de integrá-las, não sendo ratificadas como tais (LACAN, 1957-1958, p. 161-162). A construção do grafo na psicose se limita ao primeiro patamar.



**Grafo 8: Grafo na perversão (FORGET, 2009, p.54)**

Lacan não apresenta em seu ensino o grafo do desejo na perversão. Em razão disto, retirou-se o grafo 8 de Forget (2009, p.54). A perversão implica que o sujeito está privado do acesso à simbolização fálica, ao  $S(\bar{A})$ . Porém, o  $S(\bar{A})$  é

rejeitado mas presente, o grafo se constituindo de forma completa, com o percurso do sujeito não chegando à  $S(\Phi)$ . Desta forma, não há o acesso a uma perda que forneça ao objeto uma consistência que não seja metonímica e o sujeito se projeta na imagem esperada do Outro, em  $i(a)$ , assegurando o gozo do Outro.

Nota-se, na forma como o grafo se constitui na neurose, na psicose e na perversão, a referência ao significante fálico. Como o que se pretende é a articulação do grafo do desejo com o *objeto a*, torna-se necessário fazer uma distinção entre a dimensão fálica e a do *objeto a*. No nível fálico as coisas são razoáveis. Todos os seres falantes se entendem, podem chegar a um acordo. Existe por estrutura, tem um caráter pacificador próprio do simbólico. Já na dimensão do *objeto a*, não há medida comum, já que a divisão subjetiva deixa um resto irreduzível, é perturbação profunda. No nível da causa não há acordo possível (RABINOVICH, 2005b, p.49).

Lacan se utiliza destas duas vertentes, sabendo que elas são heterogêneas. O esforço do “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999) é aplicar em tudo o significante e será desta forma que encontrará o que não é significante. Assim, inventa o *objeto a*, que esboça na “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998), mas conceituará no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005), como descrito no item 2.2.

Nota-se que Lacan faz o seguinte movimento no que diz respeito ao falo e ao *objeto a*. Do significante fálico,  $\Phi$ , que é o norteador do grafo do desejo, passará ao falo imaginário que aparece no primeiro tempo do Édipo, como o desejo da mãe, que a criança busca e, portanto, positiva-o,  $+\phi$ . Trata-se de ser o falo. Porém, no outros tempos do Édipo, o  $\phi$  é negativizado, numa operação simbólica que remete à castração, que manterá o falo imaginário como  $-\phi$ . Este posicionamento de Lacan prioriza as relações entre imaginário e simbólico.

Frente ao que escapa destes dois registros, Lacan conceitua o falo, no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005), como visto no item 2.2.2., de forma a remetê-lo ao irrepresentável. Na releitura do esquema ótico, a imagem especular encontra com um limite imposto pela castração, o  $-\phi$ . O falo precedido

pela negatividade, reserva libidinal, marca que nem tudo é especularizável. Porém, o falo como falta é essencial ao desejo e ganhará importância, também, como reserva operatória ligada ao gozo. Por fim, parte para o *objeto a*, mas mantém a relação com o  $-\phi$ .

No esquema ótico, Lacan coloca a relação entre o  $-\phi$  e o *objeto a*, que surgem no mesmo lugar, onde no espelho não se vê nada, mas são duas formas heterogêneas de falta. O  $-\phi$  é uma função que permite, como reserva libidinal-operatória, a incidência da falta. É instrumento do desejo enquanto que o *objeto a* remete a falta como tal, ao objeto causa de desejo. Há um intervalo entre instrumento e causa, que indica a diferença estrutural dessas duas formas de falta.

Ainda, quando Lacan fala das várias formas de incidência do *objeto a*, como descrito no item 2.2.4., remete a castração à detumescência do órgão. O falo ganha estatuto de falo-órgão, o que remete ao gozo e que, por ceder prematuramente, terá função de *objeto a*. Mas a noção de órgão como instrumento depende da existência do falo no simbólico, do  $\Phi$ , da inscrição do falo como falta. O que é demonstrado nas psicoses, na qual a falha na metáfora paterna gera transtornos na própria constituição dos órgãos corporais.

Desta forma, o falo pode funcionar como falo do gozo, funcionar como obstáculo em relação ao desejo, marcando a disjunção entre desejo e gozo<sup>22</sup>. Pode ser instrumento do desejo,  $-\phi$ , quando funciona relacionado com o desejo, serve de ligação entre os sexos. E, por fim, pode assumir a função de *objeto a* como causa do desejo. A partir destes esclarecimentos, da diferença entre o significante fálico, o falo negativizado e o *objeto a*, pode-se retornar ao grafo do desejo.

Assim Lacan divide, no “Seminário 16: De um Outro ao outro”, o grafo: do lado direito estão as perguntas e do esquerdo as respostas. A pergunta que interessa, neste momento é o “*Che vuoi?*”, “O que o Outro quer de mim?”, já que o grafo se articula em função do desejo do Outro, a pergunta acerca do que me deseja o Outro.

---

<sup>22</sup> A disjunção entre desejo e gozo foi trabalhada no item 2.2.5 desta dissertação.

A resposta a esta pergunta é o significante do Outro barrado,  $S(\bar{A})$ , resposta insuportável que introduz a castração do Outro e este enquanto desejante. Na medida em que o grafo descende, tem-se as demais respostas, sempre destinadas, de formas diferentes, a obturar a castração, a falta no Outro. Como resposta tem-se: a fantasia,  $\$a$ ; o significado do Outro,  $s(A)$ ; o eu,  $moi(m)$  e o significante do Ideal,  $I(A)$ , em relação ao qual se organiza a demanda de amor. Pode-se notar que do lado das respostas encontra-se duas vezes o *objeto a*. No *moi, m*, fazendo parte da imagem do eu,  $i'(a)$ , e na fórmula da fantasia,  $\$a$ . Pode-se dizer que estes dois pontos são os dois suportes do desejo: a fantasia e o  $i'(a)$ , mas nos dois casos o *objeto a* é invisível.

O esquema ótico, descrito no item 2.2.2., esclarece quanto à constituição imaginária do corpo. Assim, o  $i'(a)$  é o corpo libidinizado, dá consistência ao eu, *moi*, por meio de uma imagem, constituída a partir de uma imagem real,  $i(a)$ . Como constatado no item 2.1., o vetor que vai de  $i(a)$  a  $i'(a)-moi(m)$  é o da relação imaginária, especular. O *objeto a*, aí, é encoberto pelo brilho narcísico, que articula com  $I(A)$ , enquanto insígnias simbólicas, ligadas ao ideal e, portanto, à demanda de amor. O *objeto a* recebe sua substância de  $i'$  na intenção de responder a demanda do Outro, demanda de amor por excelência, o que permite ao sujeito falar “eu sou eu”, mas isso em razão do vazio que o *objeto a* instituiu no espelho (RABINOVICH, 2005a, p.75). Como suporte do desejo, a imagem do eu tem uma determinação que supera sua determinação pelo ideal, remetendo ao desejo como desejo do Outro.

Na fantasia,  $\$a$ , o *objeto a* sustenta o sujeito dividido em *fading*, o que está ligado ao remetimento entre significantes, próprio da metonímia. Resgata o  $\$$  dando-lhe consistência momentânea (RABINOVICH, 2005a, p.75). O *fading* do  $\$$  é coerente com a definição do sujeito do inconsciente, na qual um significante representa o sujeito para outro significante. A fantasia é a posição do sujeito como desejante do desejo do Outro na medida em que se articula com a falta do Outro, com seu lugar como causa desse desejo. A castração do sujeito é o signo de seu lugar como causa do desejo do Outro.

Assim, nota-se uma diferença nas duas respostas evocadas pelo desejo do Outro em que se articulam o *objeto a*. Na primeira,  $i'(a)$  que se articula com  $I(A)$ , tem-se uma resposta que remete ao ideal, ou seja, à demanda de amor. Aqui se

trata de responder a uma demanda pela via do ideal, no nível da imagem, mas que, da mesma forma, se for articulada ao significante, terá a função de encobrir a falta com o brilho narcísico. Já em  $\$a$ , na fantasia, o sujeito se posiciona frente à falta do Outro, não numa resposta à demanda, mas à falta, e coloca-se numa relação com o *objeto a* que sustenta o desejo. Ambas as respostas são suporte do desejo do Outro em que o *a* permanece invisível, marcando seu desconhecimento pelo sujeito.

Entre estas duas respostas tem-se o  $s(A)$ . O *objeto a* não está aí dado, porém, como o grafo fala de relações, seus elementos são articulados. Assim,  $s(A)$  se articula com  $i'(a)$ . O  $s(A)$  é o significado do Outro, aqui o sujeito responde ao Outro com um significado, significa o desejo do Outro e projeta-o para  $i'(a)$ . É uma resposta alienada ao desejo do Outro que pretende dar consistência ao Outro, com sua imagem,  $i'(a)$ . Também  $s(A)$  se articula com  $\$a$ , esta é a articulação que deve ser priorizada na análise, já que se direciona à fantasia.

Portanto, por meio de  $\$a$ ,  $s(A)$ ,  $i'(a)$  –  $m$ ,  $l(A)$ , o sujeito não aceita que sua castração garanta a função do Outro, nega-se a funcionar como causa desse desejo do Outro ( $\$$ ) (RABINOVICH, 2005a, p.81). Busca tamponar esta falta, num movimento que tampona e denuncia ao mesmo tempo, pois todas estas respostas mancam, assim surgindo a angústia, o sintoma e a inibição. Também é frente a esta tentativa de tamponar a falta do Outro que o *acting out* e a passagem ao ato surgem.

## 2.7. O ACTING OUT E A PASSAGEM AO ATO

Cabe agora discutir as noções de *acting out* e passagem ao ato, como elaboradas por Lacan no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005). Como referido no item 2.2., Lacan parte do texto de Freud (1925/1974) “Inibição, sintoma e angústia” para montar um grafo, no qual estes termos se relacionam numa certa ordem que não é de co-implicação, em função de dois eixos de referência. Procura dar conta dos sucederes afetivos com que o sujeito pode se deparar, em sua aproximação ao desejo (HARARI, 1997, p.26).



Os vetores que representam a dificuldade (horizontal) e o movimento vertical) crescem de dentro para fora. Este quadro (LACAN, 1962-1963/2005, p. 89), portanto, representa parentescos e relações.

	DIFICULDADE		
M O V I M E N T O	Inibição	Impedimento	Embaraço
	Emoção	Sintoma	Passagem ao ato
	Perturbação	Acting-out	Angústia

**Ilustração 6: Quadro da angústia (LACAN, 1962-1963/2005, p.89)**

O *acting out* se situa no lugar vizinho da angústia. Devido ao seu maior grau de movimento em relação ao sintoma, implica uma convocatória à interpretação, efetuada de forma chamativa. Já a passagem ao ato é um modo de ação no qual o sujeito cai identificado com o *objeto a*, como modo último de evitação da angústia. Esse ato se posiciona em um grau extremo de dificuldade.

O *acting out* e a passagem ao ato “[...] são expressões da ação, por cujo intermédio se pode arrebatarse da angústia sua certeza.” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 88). Quando o sujeito se lança a esses tipos de ações, permanece num devir no qual a dúvida fica abolida, ele se aproxima da certeza. São defesas contra a angústia, tentativas de evitação da angústia, operações em que o sujeito se relaciona com o *objeto a*, com a falta do Outro.

Lacan coloca que o *acting out* é oposto da passagem ao ato (LACAN, 1962-1963/2005, p. 136). No primeiro o sujeito se coloca em cena, no segundo o sujeito sai de cena.

O *acting out* é a demonstração de um desejo desconhecido, um desejo cuja essência é mostrar-se como outro, mas mostrando-se como outro assim se designa (LACAN, 1962-1963/2005, p. 138). Lacan, no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999), também fala do *acting out*. De forma que é possível articular o que apresenta neste “Seminário” com o *objeto a* como conceituado no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005). Assim, pode-se dizer que o *acting out* não é propriamente um sintoma, não tem duplo sentido, não

é uma formação de compromisso. É um ato que sobrevém ao longo de uma tentativa de solução do problema da demanda e do desejo, deixa transparecer mais claramente o *objeto a*. Revela que toda relação com a demanda é inadequada para permitir que o sujeito tenha acesso à realidade efetiva do efeito que o significante tem nele, que se coloca no nível do complexo de castração (LACAN, 1957-1958/1999, p.434).

O *acting out* comporta um elemento significativo, por ser enigmático e tem um caráter especialmente imotivado. Mas isso não quer dizer que não tenha causa. Não tem uma motivação psicológica, mas a causa aí em jogo é o *objeto a* enquanto causa do desejo. No *acting out* o desejo se afirma como verdade, em uma mensagem dirigida ao Outro, mostrando, de forma velada para o sujeito, sua causa. É visível ao máximo, e é por isso que num certo registro é invisível. O que é mostrado é esse resto, o *objeto a* (LACAN, 1962-1963/2005, p.139).

Lacan (1957-1958/1999, p.433) afirma no “Seminário 5: As formações do inconsciente” que um objeto desempenha um papel no *acting out* e que há quase uma equivalência entre a fantasia e o *acting out*, já que se estrutura de um modo que se aproxima muito de uma encenação. Assim, apesar de não ter formalizado o *objeto a*, neste momento fica evidente sua presença na articulação que faz do *acting out*.

Já a passagem ao ato implica uma retirada de cena. Há no primeiro momento uma identificação absoluta do sujeito com o *objeto a* ao qual ele se reduz, depois um confronto do desejo com a lei. E, por fim, o sujeito se deixa cair da cena, a função do *objeto a* passa para o real (LACAN, 1962-1963/2005, p. 125). A passagem ao ato está do lado do sujeito, na medida em que ele aparece apagado pela barra (p.129).

Pode-se dizer que, nas relações entre o *acting out* e a passagem ao ato e o *objeto a*, o *acting out* tem como causa o *objeto a*, num caráter que evidencia um mascaramento desta causa; enquanto que na passagem ao ato o sujeito se identifica com o *objeto a* e este passa para o real. Assim, no *acting out* o real se encontra na causa, mas na demonstração os registros do imaginário e simbólico se fazem presente. Já na passagem ao ato, o *objeto a* se faz presente tanto na causa como no fim, como puro real.

Na articulação do *acting out* e da passagem ao ato com o grafo do desejo, pode-se dizer que, frente à inconsistência do Outro,  $S(\frac{A}{a})$ , tanto o *acting out* como a passagem ao ato se aproximam do matema da fantasia,  $\$a$ . No primeiro caso, nas vertentes simbólica e imaginária, em que, na relação do sujeito barrado com o objeto causa, cabe um mascaramento da relação do sujeito com o desejo do Outro; numa encenação em que o *objeto a* se evidencia, não deixando de estar implícita uma satisfação que fica evidenciada no ato propriamente dito. Enquanto que, na passagem ao ato, o sujeito na relação com o *objeto a* se identifica enquanto objeto, rompendo a relação entre sujeito dividido e *objeto a*. O sujeito sai da cena da fantasia, do enquadre que a fantasia dá a falta do Outro, aí se denunciando uma impossibilidade de se posicionar frente ao desejo do Outro.

Além da relação do *acting out* com a fantasia, ainda se pode propor sua relação com  $s(A)$  na sua articulação, dada pelo grafo, com  $i'(a)$ . Aí, o *acting out* se inscreve em  $s(A)$ , numa resposta alienada ao desejo do primeiro Outro, que evoca uma posição ideal como resposta a demanda do Outro e encontra em  $i'(a)$  a forma de fazer consistir o Outro. Porém, deixa à mostra o  $a$  do  $i'(a)$ , ou seja, a falta que está encoberta pela vestimenta dada por  $i'$ , de forma a evidenciar o *objeto a*, como um desejo desconhecido que convoca o Outro barrado, numa tentativa de barrar o Outro. Com o *acting out*, o sujeito pretende então fazer com que algo desta consistência dada por  $i'(a)$  seja abalada, numa mostra para que o Outro barrado intervenha.

Com esta aproximação do *acting out* e da passagem ao ato, nas suas relações com o *objeto a*, com o grafo do desejo encerra-se esta primeira parte. Na segunda parte, pretende-se aprofundar este apanhado teórico com a apresentação de um caso clínico e sua articulação teórica.

### 3. A INCIDÊNCIA DO *ACTING OUT* E DA PASSAGEM AO ATO NA ADOLESCÊNCIA E A DIREÇÃO DE TRATAMENTO

Esta segunda parte da dissertação traz a articulação entre a teoria apresentada na primeira parte com um recorte de caso clínico, em que o ato, como *acting out* e/ou passagem ao ato, se evidencia. O *acting out* e a passagem ao ato foram apresentados, na primeira parte, nas suas relações com o *objeto a* enquanto causa do desejo, na proposta de Lacan (1962-1963/2005) no “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005). Relacionou-se o *acting out* e a passagem ao ato com os matemas e as relações que Lacan estabelece no grafo do desejo, utilizando-se desta tentativa de formalização da psicanálise proposta por Lacan no seu ensino, na medida em que o grafo permite estabelecer relações entre os matemas próprios à constituição subjetiva.

Esta pesquisa surgiu da dificuldade no manejo do tratamento de adolescentes que são conduzidos ao atendimento por exibirem comportamentos inadequados que são aqui tomados como *acting out* e passagem ao ato, o que traz ecos nos diversos âmbitos sociais, marcando uma demanda do social ao analista de adaptação destes sujeitos. Muitas vezes, estes comportamentos são diagnosticados pela psiquiatria como transtorno de conduta, de modo a se confundir a própria clínica com adolescentes com a clínica do transtorno de conduta. Desta forma, a proposta acima apresentada busca trazer à prática psicanalítica com adolescente o questionamento sobre esta forma de abordar o problema que deixa de lado o sofrimento que pode existir nestes adolescentes em prol da busca por uma conduta adequada. Bem como propor, pela via do grafo do desejo, um modo de redução do material e de formalização do que se manifesta na clínica<sup>23</sup> e, a partir daí, uma direção de tratamento possível para estes casos, que privilegie o sujeito do inconsciente. Porém, anteriormente à apresentação do recorte de caso clínico, pretende-se discutir as posições teóricas encontradas na psicanálise sobre a adolescência e as dificuldades que podem surgir na relação analítica e na direção de tratamento de adolescentes.

---

<sup>23</sup> A proposta desta parte da dissertação de redução do material e de formalização do que se manifesta na clínica foi influenciada pelo ensino de Bicalho (2007- 2011) em Seminários inéditos na Biblioteca Freudiana de Curitiba.

Pretende-se, ainda, discutir a demanda social de adaptação destes adolescentes a um padrão de bom comportamento e a tendência a catalogar os maus comportamentos como patológicos, como transtorno de conduta e de que forma a psicanálise pode dar uma resposta a esta demanda e inserir algo de diferente nesta perspectiva, sem perder de vista sua orientação ética. Já que sua direção visa o desejo, desejo que não é, necessariamente, adaptável e não responde a um bem.

### **3.1. A ADOLESCÊNCIA**

A adolescência, entendida como a passagem da infância à idade adulta, tem sido objeto de estudo nos diversos campos do conhecimento, na sociologia, na psicologia, na medicina, etc. A adolescência nem sempre representou um papel tão importante, não era reconhecida e estudada e sua duração não era tão estendida, como atualmente.

Nas sociedades tradicionais, a adolescência era simplesmente um período de transição, reduzido à duração dos ritos. Iniciados quando se mostravam os primeiros sinais da puberdade, estes ritos demarcavam uma passagem da família ao laço social. A partir do século XX, a adolescência ganha estatuto científico, como conceito, demarcando um lugar privilegiado na história individual e coletiva, sendo definida como crise, com percalços e incidências no laço social que mobilizam a tentativa de dar resposta no campo do saber.

A psicanálise também buscará, nas suas diferentes vertentes, dar resposta a isto que remete a uma crise, a uma interrupção da ordem, que faz ruptura no discurso e no laço social. No entanto, no que se refere à psicanálise, o privilégio da pesquisa será o que se apresenta na clínica, na relação do sujeito com o desejo e seu sofrimento e nas dificuldades que podem surgir no manejo do tratamento de adolescentes.

Nota-se, na psicanálise, dois posicionamentos: um que inscreve a adolescência em um momento do desenvolvimento que visa uma maturidade genital e outro que remete a um encontro com o real da sexualidade, que terá

implicações tanto de ordem psíquica quanto no posicionamento do sujeito frente ao laço social. Para discutir o estatuto da adolescência na psicanálise é interessante buscar em Freud e Lacan, já que são estes autores que norteiam esta pesquisa, como eles se posicionaram em relação à adolescência.

Freud, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1980), traz uma seção sobre “As transformações da puberdade”. Não trata diretamente da adolescência, mas sim da puberdade. Esta, por sua vez, é um abrir de túnel para os dois lados, assim remetendo às transformações que neste período ocorrem tanto no corpo como no psiquismo. Freud também coloca que neste momento há um desligamento da autoridade dos pais, o que implica o conflito de gerações, portanto um posicionamento no social. As mudanças subjetivas a partir das transformações pubertárias no corpo implicam numa redefinição do lugar do sujeito no laço social. Freud enfatiza na puberdade o trabalho psíquico, de desligamento da autoridade dos pais para tornar-se membro da comunidade.

Desta forma, apesar de Freud falar de puberdade, o que traz se inscreve no que se entende como adolescência atualmente, o que remete às mudanças no plano corporal, psíquico e social. Para Freud (1905/1980), no que se depreende da leitura dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, a estrutura do sujeito é dada na saída do complexo de Édipo, ou seja, na infância. Portanto, a adolescência é um momento crucial da vida do sujeito, porém não é estruturante. A estrutura neste momento já está dada.

Mesmo que a estrutura já esteja dada, isto não implica que este momento não possa ser marcado por uma ruptura, uma descontinuidade, o que muitas vezes é chamado de crise, a ponto de ser remetido a uma “síndrome normal da adolescência<sup>24</sup>”, a uma “patologia normal<sup>25</sup>”. No entanto, tal crise pode ser entendida como esta descontinuidade que se dá na medida em que o sujeito, saindo da infância, se depara com o real da sexualidade, que pode ser considerado como aquilo que, no encontro com o Outro, escapa à simbolização. A

---

<sup>24</sup> Aberastury e Knobel (1981) utilizam esta expressão no livro “Adolescência normal: um enfoque psicanalítico”, o que implica uma contradição, ao colocar em conexão o termo síndrome que remete a uma anormalidade e a palavra normal.

<sup>25</sup> Winnicott (1975) utiliza esta expressão ao se referir à adolescência no trabalho “O brincar e a realidade”, no qual se refere à adolescência como um mal necessário.

adolescência é o encontro mal sucedido, traumático, com este real, visto que este encontro é sempre faltoso.

Este real encontrava acolhida nos ritos de passagem das sociedades antigas, que buscavam inserir o púbere no aparato simbólico de maneira que fosse possível a atribuição de sentido a isto que escapa à linguagem. Estes ritos não davam, plenamente, conta do real, mas eram uma tentativa de simbolização. Porém, com a falta destes mecanismos culturais, o sujeito tem menos recursos de vencer os impasses que surgem do real impossível de simbolizar. O que implica que este encontro que é da ordem do impossível, do que não cessa de não se inscrever, pode vir a se apresentar ao modo da inibição, do sintoma, da angústia, do *acting out* e da passagem ao ato.

Para Lacan, o sujeito ex-siste<sup>26</sup> em razão do significante. Antes mesmo de vir ao mundo o sujeito é falado pelo Outro e será um significante que o representará em associação com outro significante. Este significante já está na criança. Na falta deste significante fundador, tem-se a forclusão do Nome-do-Pai<sup>27</sup>, o que implica a psicose. Neste caso, não se pode falar de crise da adolescência, pois a crise implica a inscrição de uma normalidade dada pelo Nome-do-Pai. A adolescência muitas vezes é o momento em que se desencadeia a psicose, nos casos em que há a forclusão do Nome-do-Pai, já que neste momento o sujeito é convocado a responder de um lugar simbólico, o que em razão desta não inscrição do Nome-do-Pai não ocorre<sup>28</sup>.

Neste ponto, é importante lembrar que a psicanálise trabalha com estruturas e não com fenômenos, sejam estes alucinações, delírios ou atos. Portanto, como são o *acting out* e a passagem ao ato os objetos desta pesquisa, é válido ressaltar que um mesmo ato de um adolescente pode ser diferente de um outro, dependendo da estrutura. Não há uma estrutura clínica do adolescente, mas sujeitos adolescentes que tem, como todo sujeito, uma estrutura psíquica (ALBERTI, 1996, p.153).

---

26 Termo lacaniano que indica o que existe fora, fora da consistência. Mas não é apenas um lugar fora, pois não é um não dentro. O sujeito ex-sistir em relação ao significante é existir numa posição de ex-centricidade, de ser marcado pelo significante, mas não ser a ele subsumido.

<sup>27</sup> A noção de Nome-do-Pai foi desenvolvida no item 2.4. desta dissertação.

<sup>28</sup> Remete-se o leitor a alguns autores que se referem à adolescência e à psicose: Alberti (1996), Rassial (1996), Xavier (1999) e Freire, Ribeiro e Monteiro (2007).

É o encontro com o real do sexo e sua impossibilidade de simbolizar este real que acarreta na adolescência esta característica de ruptura, o que pode se manifestar de diversas formas. Este encontro com o real do sexo sempre será traumático. Este encontro traumático pode ser sintetizado na frase de Lacan: “não há relação sexual”<sup>29</sup>. As origens deste axioma estão em Freud (1912/1980), na medida em que esclarece que há uma divisão na sexualidade do menino entre o objeto de ternura e o objeto sexual, dada pela dissolução do complexo de Édipo, o que impossibilita, ao adolescente, o encontro de um único objeto de amor que se adeque a estas duas vertentes<sup>30</sup>. Como referido no item 2.5. desta dissertação, o desejo está relacionado ao falo. Na medida em que ele é o objeto privilegiado na ordem simbólica, tanto homens como mulheres estão a ele referidos. No entanto, a partir das questões e impasses que Freud<sup>31</sup> se coloca em relação à sexualidade feminina, Lacan pode articular que, na mulher algo, escapa à lógica fálica, afirmando o não-todo do sujeito feminino. Desta forma, visto existir um impasse do lado do homem na escolha de um objeto que abarque a vertente de ternura e a sexual e existir algo na mulher que escapa à lógica da normalidade dada pelo falo, demarca-se a impossibilidade da relação sexual.

Assim, o adolescente, diferente da criança, que apesar de já ter a experiência desta impossibilidade da relação sexual ainda acredita que seja uma questão de tempo, já tem as condições físicas para se colocar frente ao parceiro sexual, porém se defronta com a impossibilidade deste encontro.

---

<sup>29</sup> Tanto a diferença sexual quanto a relação sexual não estão inscritas no inconsciente, o que torna a reprodução misteriosa, enigmática. Isto não quer dizer que não ocorra a copulação entre os humanos, mas que, por serem falantes, não se reconhecem como sexuados, a partir do ato sexual. Diferente da biologia, em que a reprodução é a união entre um óvulo e um espermatozóide, o discurso analítico pressupõe que o real do sexo produz impasses e conflitos para o ser falante. Na medida em que, no campo da linguagem, o masculino e o feminino estão sujeitos a lógicas distintas que não se complementam.

<sup>30</sup> “A corrente sensual, que permaneceu ativa, procura apenas objetos que não rememorem as imagens incestuosas que lhe são proibidas; se alguém causa uma impressão que pode levar à sua alta estima psíquica, essa impressão não encontra escoamento em nenhuma excitação sensual, exceto na afeição que não possui efeitos eróticos. Toda esfera do amor, nessas pessoas, permanece dividida em duas direções personificadas na arte do amar tanto sagrada como profana (ou animal). Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar. Procuram objetos que não precisem amar, de modo a manter sua sensualidade afastada dos objetos que amam ...” (FREUD, 1912/1980, p. 166).

<sup>31</sup> Um dos momentos em que, em Freud, aparece este impasse de algo que escapa a esta lógica é no caso Dora (FREUD, 1905/1980), que denuncia em seu interesse pela Sra K que nem tudo gira em torno do falo.



A inserção do sujeito no mundo da linguagem submete a libido ao significante, de modo a marginalizar o mundo das pulsões, o que implica uma proibição que divide o campo do gozo<sup>32</sup>: onde o sujeito goza, ele faz algo proibido; quando se submete, ele só tem acesso ao gozo fálico. Portanto, há uma incompatibilidade do gozo com a regulação da sexualidade, de modo que a sexualidade, antes de fazer sentido, faz furo no real. O adolescente encontra-se num despertar quanto a estas questões.

É o encontro com o real do sexo que desperta o sujeito para tomar posição na partilha dos sexos. Para se defender desse real, por ser angustiante e traumático, cada adolescente cria suas defesas de acordo com sua estrutura, sua história, fazendo determinadas escolhas. Se o adolescente é psicótico pode-se desencadear um surto, o delírio e alucinações. Na neurose, o adolescente reviverá sua história edípica que o reconduzirá ao “*Che vuoi?*” (ao que: “o Outro quer de mim?”)<sup>33</sup> na partilha dos sexos.

Rassial (1996) toma a adolescência como um momento estruturante para o sujeito, na medida em que há uma ressignificação e uma retificação subjetiva frente ao novo estatuto do corpo, do *objeto a*, do significante e do Outro. Refere-se, então, à construção de um lugar no discurso social que inclua uma posição sexuada diante do Outro, o que acaba por conferir à adolescência um estatuto de operação psíquica. No entanto, questiona-se esta ideia na medida em que a estrutura já estaria dada desde a infância. Desta forma, acredita-se, acompanhando Forget (2009), que a adolescência é um tempo lógico<sup>34</sup> de colocação em jogo da subjetividade que, a partir do encontro com o real da sexualidade, introduz o sexual no corpo e a interdição que o social coloca ao

---

<sup>32</sup> A divisão do campo do gozo em gozo do ser e gozo fálico foi trabalhada no item 2.6. quando foi retomado o artigo “A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998).

<sup>33</sup> Remete-se o leitor ao item 2.6. desta dissertação quando, no grafo do desejo, o sujeito se interroga sobre o desejo do Outro: “*Che vuoi?*” “O que o Outro quer de mim?”, o que o conduz ao caminho de seu próprio desejo.

<sup>34</sup> Para Lacan (1945/1998), o tempo lógico se refere a certos cálculos lógicos que incluem a referência ao tempo, não cronológico, mas do produto de certas articulações lógicas. Por meio do sofisma, o problema de três presos, Lacan demonstra que os três momentos: o instante do olhar, o tempo de compreender e o momento de concluir, não são construídos em termos de unidades cronométricas objetivas, mas sim como uma lógica intersubjetiva baseada na tensão entre a hesitação e a urgência, entre aguardar e precipitar.

exercício deste sexual. Trata-se de um processo subjetivo que implica uma retomada da posição em relação ao Outro barrado. Em consequência disto, a adolescência é o tempo em que o sujeito percebe que nunca encontrará na realidade o objeto adequado a uma satisfação total. O adolescente precisa se convencer da falta no Outro. Esta decepção remete o adolescente a procurar em outro espaço, que não o familiar, a reorganização de seu espaço psíquico e físico. O adolescente está à espera da designação de um lugar, de significantes que o representariam junto ao discurso social.

Na adolescência, frente ao encontro com o real da sexualidade, há uma retomada da história edípica. O adolescente segue a trilha deixada pelo trauma da infância, o que não quer dizer que não seja um novo trauma, já que traz um excesso pulsional. Portanto, a adolescência é um novo encontro, mas já existe um trilhamento, que faz desse encontro com o sexo uma “re-ato-alização” do próprio trauma vivido na infância (ALBERTI, 1996, p.191). Para que este encontro não seja um mau encontro é necessário que ele seja bordejado pelos significantes, sustentados pelo Nome-do-Pai. Desta forma, organizar-se-á uma nova posição e o sujeito deve responder com os meios de que dispõe, dados pela função paterna. Quando estes meios de que dispõe não dão conta da questão que se coloca no encontro com o real da sexualidade, pode-se pensar na incidência do *acting out* e da passagem ao ato na adolescência.

Para finalizar esta breve retomada teórica da adolescência na psicanálise, traz-se uma das poucas referências na obra lacaniana sobre o adolescente, o prefácio feito por Lacan (1974/2003) para a peça de Frank Wedekind (1891/2010), “O despertar da primavera”. Esta peça evidencia o universo de um grupo de adolescentes e refere a temas como a sexualidade, o incesto, o suicídio e a opressão na família, no sistema educacional e na igreja. Lacan prioriza aquilo que da sexualidade faz um furo no real. Remete à ligação deste com a linguagem e com o gozo fálico<sup>35</sup>, que circunscreve a não relação sexual entre os falantes e indica a exigência lógica do não-todo.

---

<sup>35</sup> Aqui se remete o leitor ao item 2.6. desta dissertação, à divisão do gozo, proposta por Lacan (1960/1998), dada pela inscrição do significante fálico, em que há um gozo do ser, não sexual, proibido, atribuído ao pai da horda e o gozo fálico, campo aberto em razão da castração e que permite o gozo sexual.

Os personagens principais são Wendla, adolescente de 14 anos que se vê inteiramente presa à posição de ser “o único bem” de sua mãe, que lamenta muito vê-la crescer; Melchior e Moritz, também adolescentes de 14 anos, que iniciam a peça se perguntando por que vieram ao mundo, sobre a existência das pessoas, sobre a sexualidade. Moritz relata um sonho com pernas femininas e o despertar das excitações sexuais. Enquanto Melchior sente uma ligeira vergonha, Moritz experimenta uma angústia de morte. Nessas preocupações está posta a exigência que se coloca para esses sujeitos, levar adiante o trabalho de assumir o seu próprio desejo, pois há uma nova situação, o real do sexo.

Wendla tem encontro com Melchior num celeiro, acaba ficando grávida. Gravidez que não consegue descobrir, nem explicar, sem ajuda da mãe. Em razão de um aborto, morre. Melchior fica confuso sem saber o que isso significa, mas termina sendo punido por isso. Vai para um reformatório, mas de lá consegue fugir.

Moritz é reprovado nos exames e teme as reações dos pais, que fazem grandes esforços para mantê-lo nos estudos. Moritz se mata. Esta passagem ao ato se refere, acima de tudo, à impossibilidade de lidar com o encontro com a sexualidade, o que aparece na primeira cena em que, frente ao despertar da sexualidade, surge uma angústia de morte.

A última cena da peça se dá num cemitério. Surge aí a figura de um Homem Mascarado. Ele salva Melchior, que estava caindo na conversa do fantasma de seu amigo Moritz, que tenta seduzi-lo para que lhe dê as mãos. O Homem Mascarado o afasta do fantasma e se propõe a enviar Melchior para a casa de seus pais. Melchior lhe pergunta: Você é... meu pai? O “Homem mascarado” questiona se não reconheceria a voz de seu pai e diz: “O seu pai agora procura consolo nos braços fortes da sua mãe. Eu abro o mundo para você. Sua incredulidade momentânea é fruto dessa situação miserável. Com um jantar quente na barriga, você vai rir dela.” (WEDEKIND, 1891/2010, p. 75). Com essa intervenção, Melchior é reenviado à cena das relações parentais. Cena diante da qual ele está, em razão do complexo de Édipo, excluído.

Lacan afirma que não há todo que possa suturar o furo que a sexualidade faz no real. Contrariando a lógica do todo, Moritz busca localizar-se como exceção, não tendo outra saída senão a de se situar entre os mortos no mais

além. Já Melchior, nomeia-se como homem, mas não o faz como todo, mas como um entre outros, inscrevendo-se desse modo no laço social. A função do Homem Mascarado é primordial no encontro com o não-todo que o despertar do gozo introduz. Para Lacan, o Homem Mascarado é um dos Nomes-do-Pai, não o que convém ao Pai, mas o nome enquanto ex-sistência. A amarração dada pelo Nome-do-Pai permite a Melchior um destino diferente ao de Moritz, destino que abre as portas do desejo, já que permite uma regulação do gozo, pela lógica do não-todo.

Muitos autores na psicanálise, frente às dificuldades no manejo no tratamento de adolescente, acreditam existir uma especificidade da análise e do manejo da transferência com estes sujeitos. Mais uma vez seguindo Freud, é importante lembrar que este formulou a transferência no caso Dora (1905/1974), uma adolescente de 18 anos, que trazia sintomas que a remeteram a questões sobre a sexualidade e sua posição sexuada diante do Outro. Assim, os psicanalistas que propõem mudanças no dispositivo analítico ou uma forma diferente do manejo da transferência desviam-se da proposta freudiana. Aí, tem-se o exemplo de Rassial (1996), referência na psicanálise de adolescentes, que se refere às armadilhas transferenciais às quais o analista que atende adolescentes está sujeito. Na medida em que o adolescente rejeita o analista para o mundo dos adultos, “[...] incapaz de entender o que quer que seja de sua demanda” (p.162), puxa-o para uma posição de cúmplice ou de bom mestre<sup>36</sup>. Como solução deste impasse propõe que o analista aja com o seu “ser” e evite estas armadilhas por meio de auto-controle e auto-análise. No entanto, o analista deve sempre, independente da idade ou da fase do analisante, operar com sua falta-a-ser, que a dimensão significativa introduz na vida do sujeito, o que remete à irreduzibilidade da falta e do desejo. Rassial demonstra, assim, nesta suposta especificidade do tratamento, a dificuldade do analista de identificar o adolescente ao sujeito do inconsciente, que é atemporal, e que as peculiaridades da transferência que indica no tratamento de adolescentes são passíveis de ocorrer em qualquer análise, desde que a condução da análise não vise a falta e o desejo (ALBERTI, 1996, p.160-163).

---

<sup>36</sup> Para Rassial (1996), na posição de cúmplice há uma tendência a sexualizar a relação analítica e, na de mestre, o adolescente acredita que o analista tem as respostas para tudo.

Mas, de fato, a análise de adolescentes traz impasses, principalmente pela aproximação em que o adolescente se encontra na relação ao real. Esta posição do adolescente pode trazer resistências ao analista que não suporta esta iminência do real, não opera com a falta-a-ser e acaba por colocar algo neste lugar de falta. Acaba por ser destituído da posição de sujeito suposto saber, ocorrendo, muitas vezes, a saída do adolescente da análise.

Neste ponto, é interessante resgatar o que é a intenção desta pesquisa. Buscou-se na primeira parte articular o *acting out* e a passagem ao ato, como Lacan (1962-1963/2005) no “Seminário 10: A angústia” os conceitua, com o grafo do desejo. Supõe-se que esta revisão e articulação permitirá formalizar e analisar o que se apresenta no comportamento de sujeitos adolescentes como um ato impulsivo, irrefreável, disruptivo e que pode tomar diversas formas. Este ato<sup>37</sup> aproxima-se dos fenômenos integrantes de um transtorno mental, o que a psiquiatria, no DSM-IV (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) e no CID – 10 (Código Internacional das Doenças),<sup>38</sup> denomina de Transtorno de Conduta.

### 3.2. O TRANSTORNO DE CONDUTA

Segundo Bercherie (1983/2001), na Europa a psiquiatria infantil surgiu do campo da deficiência mental e, nos Estados Unidos, os primeiros estudos e atividades terapêuticas centraram-se nos transtornos de conduta, em especial na delinquência infantil. Constata-se que a psiquiatria infantil nasceu a partir da convergência entre a profilaxia e a disciplina social. Não estava inicialmente ligada

---

<sup>37</sup> Como dito na introdução desta dissertação, na psicanálise não há um conceito específico deste tipo de ato e sim de *acting out*, passagem ao ato e ato falho. Além destes, há o ato analítico, o que motivou, no ensino de Lacan, o “Seminário 15: O ato analítico”. No entanto, este não será aqui abordado. Da mesma forma, o ato falho só será abordado na medida em que se trata de uma formação do inconsciente e, portanto, está contido nas articulações do grafo do desejo.

<sup>38</sup> A CID-10 adota uma perspectiva metodológica semelhante ao DSM-IV. Quando estes manuais foram elaborados, ocorreram uma série de reuniões entre a Associação Psiquiátrica Americana (APA) e a Organização Mundial de Saúde (OMS), que resultou numa formulação de códigos e termos em comum acordo (ROUDINESCO, 2000).

à descoberta de um objeto próprio, mas sim a intervenções que visam à inclusão social, seja do deficiente ou do delinquente.

Após 1930 surge uma clínica nova da psiquiatria infantil, a pedopsiquiatria, que não transportava mais a loucura do adulto para a criança. Retoma certas categorias do período precedente (neurose e psicose da criança), reinterpreta a herança da primeira etapa (manifestações caracteriais e psicóticas dos retardados) e acrescenta um imenso campo: as doenças psicossomáticas, os transtornos do comportamento, as manifestações afetivas patológicas e perturbações do desenvolvimento das funções elementares.

A psiquiatria infantil integra um campo com estreita ligação com o desenvolvimento psicológico da criança e com a grande mutabilidade que a criança possui em sua estrutura mental. Estas características explicam o fracasso dos métodos clássicos na clínica infantil, na medida em que, neste campo, é impossível definir trajetórias e estruturas fixas, cuja evolução já estaria inscrita nos dados de início.

Esse problema também interfere na nosografia, na medida em que as descrições clínicas a-teóricas, a-históricas e a-doutrinárias dos manuais de classificação, para a criança e o adolescente, tem mais de quinze categorias diagnósticas (subdivididas em outras), distribuídas por dois blocos: dos transtornos do desenvolvimento psicológico (F80-89) e o dos transtornos emocionais e de comportamento com início usualmente ocorrendo na infância e adolescência (F90-98).

Para a psiquiatria infantil, o quadro clínico do transtorno de conduta é caracterizado por comportamento anti-social persistente, com violação de normas sociais ou direitos individuais. Os critérios diagnósticos do DSM-IV (APA, 1995, p. 88-89) para transtorno de conduta incluem as seguintes possibilidades de comportamento anti-social: (1) perseguir, atormentar, ameaçar ou intimidar os outros; (2) iniciar lutas corporais frequentes; (3) usar armas que possam causar sério dano físico; (4) ser fisicamente cruel com pessoas; (5) ser fisicamente cruel com animais; (6) roubar ou assaltar; (7) submeter alguém a atividade sexual forçada; (8) atear fogo com a intenção de causar danos; (9) destruir propriedade alheia (não pelo fogo); (10) arrombar e invadir casa, prédio ou carro; (11) mentir para obter vantagens; (12) praticar o furto; (13) passar a noite fora, apesar da

proibição dos pais (início antes dos 13 anos); (14) fugir de casa; e (15) gazetear aulas (início antes dos 13 anos). Esses comportamentos devem causar prejuízo clinicamente significativo no funcionamento social, acadêmico ou ocupacional. Os critérios acima relacionados se aplicam a indivíduos com idade inferior a 18 anos e requerem a presença de pelo menos três desses comportamentos nos últimos 12 meses e de pelo menos um desses comportamentos nos últimos 6 meses. Excluem-se do transtorno de conduta os quadros psicóticos e aqueles ligados a algo no meio que poderia justificar tal comportamento.

Segundo Bordin e Offord (2002), no transtorno de conduta há uma tendência permanente para apresentar comportamentos que incomodam e perturbam, além do envolvimento em atividades perigosas e até mesmo ilegais. Também nota-se que estes adolescentes não aparentam sofrimento psíquico ou constrangimento com as próprias atitudes, falta a capacidade de aprender com as consequências negativas dos próprios atos e não se importam em ferir os sentimentos das pessoas ou desrespeitar seus direitos, de forma que seu comportamento apresenta maior impacto nos outros do que em si mesmo.

O transtorno de conduta tem sido atribuído, pela psiquiatria, a fatores constitucionais e ambientais. Fatores genéticos e neurofisiológicos também podem estar envolvidos no desenvolvimento do comportamento anti-social<sup>39</sup>.

O transtorno de conduta é uma espécie de personalidade anti-social na juventude. Como a personalidade não está completa, antes dos dezoito anos não se pode dar o diagnóstico de personalidade patológica para menores (APA, 1995, p. 88). Mas a correspondência que existe entre a personalidade anti-social e o transtorno de conduta é muito próxima. Nota-se que a personalidade anti-social, também conhecida como psicopatia ou sociopatia, é o que restou na psiquiatria de uma das estruturas clínicas formuladas por Freud, a perversão.

Como precedente da personalidade anti-social também se pode referir a monomania, classificação de Esquirol, no século XIX, entendida como afecção

---

<sup>39</sup>O estudo de Del-Ben (2005) traz os fatores biológicos implicados na fisiopatogenia do transtorno de personalidade anti-social, por meio de estudos de neuroimagem e da função serotoninérgica. Mendes (2009) num estudo sobre as pesquisas realizadas sobre comportamento anti-social afirma que os principais fatores biológicos encontrados foram: genéticos (baixa expressão do gene monoaminoxidase e do gene transportador de serotonina, variações nos genes transportador e receptor de dopamina), exposição a substâncias durante o desenvolvimento intrauterino (tabaco, álcool e cocaína) e nutricionais (desnutrição infantil).

mental na qual se classificava “[...] toda sorte de atos mórbidos (incêndio, roubos, assassinatos, embriaguez, suicídio, etc) fossem eles estritamente impulsivos ou parte e consequência de um estado delirante.” (BECHERIE, 1989, p.52). Morel aproxima todas as personalidades patológicas à idéia de degenerescência (p.117). Além de monomamia, esses indivíduos degenerados foram chamados de loucos morais, impulsivos e, a partir de 1970, psicopatas. Eram incapazes de se beneficiar da experiência e de equilibrar sua vida psíquica; numa sucessão de condutas isoladas sem relação entre si ou com a situação vivida, apresentavam todo e qualquer tipo de passagem ao ato (p.239). É válido salientar que, no conceito de psicopatia, predomina a ideia de um desvio de caráter, avaliado segundo os moldes morais, o que acaba por encontrar respaldo nas práticas *psi* de ressocialização.

Nestes termos, a psiquiatria resume-se a produzir um discurso estandardizado dos sintomas, organizando-os em transtornos e estabelecendo procedimentos-padrão diante das manifestações sintomáticas catalogadas e classificadas. Em defesa das neurociências e das pesquisas diagnóstica e terapêutica, estes critérios classificatórios vem respaldar cientificamente a psiquiatria. Nessa lógica, o modelo é uma resposta à administração de uma substância química específica. Além da medicação, só cabem as teorias comportamentais cognitivas e exclui a psicanálise como ultrapassada e ineficaz (CIRINO, 2001, p.66).

O breve histórico apresentado evidencia que o transtorno de conduta, para a psiquiatria, remete a uma degeneração, a uma desadaptação social, ou seja, um déficit, uma disfunção, seja de fatores biológicos ou sociais. Promove-se a patologização e a medicalização dessas práticas desviantes e tende-se a substituir a escuta clínica do sujeito pela pesquisa de anomalias comportamentais que, tendo como referência um padrão social, transformam-se em sinais de patologia. Desta forma, exclui-se qualquer laço do sujeito com o Outro e a determinação deste para a subjetividade. Enfim, exclui o sujeito e qualquer responsabilização pelo seu sofrimento.

O diagnóstico aparece não como forma de compreensão do paciente, mas como forma de cristalizar o sofrimento na enfermidade mental classificável, com a óbvia consequência de fazer desaparecer a singularidade do paciente. Pensar na



posição do sujeito frente ao seu discurso, ao seu sofrimento, está fora do diagnóstico. Assim, fica de lado a singularidade de cada caso, o que se contrapõe com a própria experiência analítica.

Se Freud deu um estatuto de legitimidade para aquele sofrimento que não era físico, mas sim mental, psíquico; dispôs-se a escutar o que ninguém suportava: a dor que não tinha origem no corpo, mas que fazia ali seus efeitos dramáticos. Agora se trata de tamponar isto que manca para dar uma resposta na via do saber. Saber este não apenas suposto, geralmente encarnado enquanto certeza de ter resposta quanto ao sofrimento do outro, e que faz calar o saber que no paciente pode se manifestar.

No entanto, há momentos em que o saber hegemônico vacila. Nota-se este vacilo nos Transtornos de Personalidade e nos Transtornos de Conduta, em que a medicação não consegue responder a um tratamento. Este vacilo se refere ao real da clínica e é frente a este real que o discurso psicanalítico pode se fazer presente, sustentando a importância de se reconhecer a singularidade de cada sujeito. Por meio de uma escuta que aponte para o sujeito na sua diferença.

No entanto, para que a psicanálise opere, a presença do analista é pontual e contingente e é necessário que haja um campo fértil para que isso aconteça. É a transferência, na qual o analista sabe que é suposto o saber nele depositado e deverá ser deslocado. O psicanalista tem compromisso com o sujeito naquilo que ele pode ir na via de seu desejo.

Neste ato impulsivo, irrefreável, disruptivo, que para a psiquiatria é um transtorno, pode-se entrever algo de insustentável em um saber prévio que evoca o real da clínica, seja pelo pedido de socorro da psiquiatria ao psicanalista, seja na própria experiência clínica, em que algo permanece opaco e traz dificuldades no estabelecimento da transferência, do próprio dispositivo analítico.

Para a psicanálise (LACAN, 1957-1958, p. 69): “Não é nem o gênero, nem a classe, mas tão somente o exemplo particular que nos permite apreender as propriedades mais significativas”. Assim, como não se deve responder à questão de forma genérica, mas sim no estudo de cada caso particular, propõe-se, a partir da discussão acima, um recorte de caso clínico e a articulação teórica deste. O caso escolhido para tanto é uma análise que não chegou ao fim, mas que passou

por momentos importantes que são de interesse para pensar a direção de tratamento nestes casos.

### **3.3. O CASO CLÍNICO**

Trata-se de um adolescente de 15 anos com sérias dificuldades escolares, várias repetências. Está na quinta série há quatro anos, quando chega ao ambulatório. Foi expulso do colégio por ter jogado uma borracha no professor, fato que acarretou a sua condução à delegacia. Também ocorreram fugas de casa, o que deixou os pais especialmente preocupados.

Durante o tratamento fica evidente uma grande dificuldade em dar conta das atividades acadêmicas. Sempre há reclamações dos professores, não pára quieto, levanta-se várias vezes durante a aula. Com a professora do reforço mostra grandes dificuldades em terminar as tarefas, necessita de supervisão. Ainda há queixas de comportamento, brigas com colegas, desrespeito a professores, depredação, gazeteia aulas e, por fim, colocou fogo num lixo.

Estas queixas chegam à analista pelo colégio e pelos pais. O adolescente sempre as nega, traz desculpas para o comportamento ou diz que foi o outro adolescente que possui o mesmo nome que ele. Dizia também ser perseguido pelos professores: “tudo que acontece na escola de errado fui eu”.

Por um lado, há uma grande dificuldade de se manter em um propósito adequado socialmente, numa boa produção escolar, num bom comportamento e, por outro lado, há estes atos que se inserem numa agitação motora, em atos anti-sociais, nas brigas, na falta de respeito aos professores.

Nota-se ainda que as queixas dos pais sobre o comportamento em casa estão relacionadas às fugas, que atribuem a uma “depressão” e, também, referem-se ao relacionamento conflituoso do adolescente com a irmã. Esta recebe uma certa proteção do pai. Quando os filhos brigam, o pai se coloca do lado da irmã, enquanto a mãe vê-se na necessidade de defender o adolescente frente a uma suposta injustiça do pai: “meu pai sempre acha que minha irmã não faz nada, tudo fui eu...”.

As fugas ocorrem quando os pais se mostravam não só bravos com os comportamentos do adolescente, mas decepcionados. Depois de um tempo notavam que o adolescente não estava em casa. Passavam a procurá-lo pela vizinhança. Algumas vezes o encontravam rapidamente, mas no último episódio o encontraram dois dias depois vagando pelas ruas da cidade. Quando questionado pelos pais sobre o que fez durante este tempo, ou por que fez aquilo, o adolescente não tinha resposta a dar. Da mesma forma, nos atendimentos, não conseguia nem sequer relatar o que havia acontecido e dizia com um certo mal estar: “Não sei o que passava pela minha cabeça”.

O pai tem profissão de segurança, mas está afastado por ter se machucado. Fica então em casa, cumpre algumas funções nesta e joga videogame, enquanto a mãe vai trabalhar. Nota-se ainda uma dificuldade do adolescente em manter laços com seus pares, fica isolado, tem amigos esporádicos. Diz que prefere ficar próximo das meninas, elas conversam e jogam volei com ele.

Durante o tratamento fica clara a seguinte dinâmica: depois que os pais são chamados à escola em razão de algum mau comportamento do adolescente, este se propõe a melhorar, diz que não fará mais isto, mantém-se num comportamento adequado, cumprindo as obrigações escolares. Até que, num determinado momento, irrompe um novo mau comportamento, assim se repetindo a dinâmica.

A analista acaba se colocando nesta dinâmica, na medida em que os pais traziam os fatos, como se pudesse reforçar a necessidade do adolescente em se manter no bom propósito. Quando percebeu isto, indicou-o aos pais e ao adolescente e passou, na direção do tratamento, a apontar para o desejo. As intervenções até então acabavam por buscar o bem do sujeito, um bom comportamento, bons propósitos. Questionava-se por que agia desta forma, sem que fosse analisado o que isto poderia querer dizer, negando assim o campo do desejo.

O adolescente sempre estava na defensiva, pronto para se desresponsabilizar dos seus atos e sempre pareceu ter muita dificuldade em trazer pela via da palavra o que lhe acontecia. Seus relatos sempre eram sucintos e pobres. Dizia pouco sobre o que acontecia, e em geral surgia um desconforto e ditos como “Não consigo”, “Sou hiperativo”. Este manejo ficava ainda mais difícil

por ter sido privilegiada, na direção do tratamento, a via do bom comportamento, como dito anteriormente.

Começou a trazer as trocas que fazia, as vantagens que levava ou as desvantagens. Fazia rolo. Assim, trocou cinquenta figurinhas por um game, levou “vantagem”. Mas logo trocou o game por um celular estragado, ficou no prejuízo. A analista intervém: “O que ganha quando perde?”

A partir daí começou a se colocar algo da relação do adolescente com as meninas. Colocou que tinha namorada e, neste ponto, percebeu-se que havia algo de fantasioso nestas relações, algo de contar “vantagem”.

Relatou um passeio que fez com colegas do colégio, mostrando por este relato que tem dificuldades de estabelecer relações com seus pares. Falou que ficou com as meninas porque não tem amigos. Repetia “Antes só do que mal acompanhado. Eles são más companhias”. Falou que é preciso ter lábia para agradar as meninas, mas não sabia que lábia é essa. Também relatou que os garotos o ficavam provocando, mas que ele ameaçava e eles paravam com isto. Tinham medo, sabiam que cumpria o que falava.

Nota-se que algo da identificação com a virilidade, ao mesmo tempo que questões sobre o feminino, se colocavam. Passou a falar da profissão que gostaria de seguir, a mesma do pai. Falou no que era parecido com o pai: gostava de vídeo-game, dormia tarde como ele. Dizia que o pai era a coisa mais importante de sua vida. Relatou doença do pai, a preocupação de que ele morresse. Também se perguntou sobre as meninas: “como será que é ter lábia?”, “o que as meninas gostam?”, enfim: “o que queria uma mulher?”

Concomitante a estas inquietações, questionava o que se passava quando cometia os atos: “eu não sei o que acontece comigo, quando vi já fiz”. Os atos passaram a ceder e dar lugar a atitudes que visavam o seu futuro. Melhorou nos estudos, passou a se dedicar a cursos profissionalizantes. Mas, neste momento, apresentou-se de forma evasiva, referindo-se a assuntos particulares. Quando questionado sobre que tipo de assuntos particulares, falou: “são assuntos meus”.

Iniciou um namoro, levando a namorada ao ambulatório para apresentá-la. Estava bastante empolgado com o relacionamento. Por fim, rompeu o namoro. Este rompimento trouxe a decepção com as meninas, “elas não dizem a verdade”. Mais uma vez a questão sobre o feminino se atualizava.

### 3.4 PRIMEIRO TEMPO DO CASO: A INIBIÇÃO INTELECTUAL E O *ACTING OUT*

Propõe-se aqui a articulação da teoria apresentada na primeira parte desta dissertação com o recorte de caso clínico acima apresentado. No início do tratamento, nada que se referisse a uma angústia em relação ao encontro com o real da sexualidade se colocava. Havia apenas as queixas escolares e dos pais. Estas queixas podiam ser resumidas nos maus comportamentos na escola e nas fugas. As fugas trouxeram aos pais uma grande preocupação, um mal estar em relação ao que se passava com o adolescente, denotando que havia um sofrimento, que não sabiam qual era; o que, somado ao mau comportamento na escola, motivou a busca de tratamento.

Na análise que Lacan faz do *acting out*, como descrito no item 2.7., sempre este é contraposto à passagem ao ato. Lacan se utiliza de dois casos de Freud, as análises de duas adolescentes que se encontravam, no momento, confrontadas ao encontro com o real do sexo e com questões relacionadas a sua posição em relação à partilha dos sexos: a jovem homossexual e Dora<sup>40</sup>. No primeiro caso, todo o avanço da jovem em relação à dama cortesã, os passeios próximos ao escritório de seu pai eram da ordem do *acting out*, enquanto que o deixar cair da ponte era do registro da passagem ao ato. No caso de Dora, a bofetada dada por ela no Sr. K era uma passagem ao ato e, por outro lado, o comportamento paradoxal entre ela, seu pai e os K é considerado *acting out*. Também no caso Dora há outro *acting out*, a carta de despedida que Dora deixa a mostra para que os pais encontrem.

Pretende-se sublinhar que, nestes dois casos, o *acting out*, a carta de despedida no caso de Dora, e a passagem ao ato, no caso da jovem homossexual, tiveram a função de levar estas duas adolescentes à análise.

---

<sup>40</sup> O caso da jovem homossexual foi narrado por Freud (1922/1974) em “A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher” e o caso Dora está em Freud (1905/1974) no “Fragmento da análise de um caso de histeria”. Já se fez referência ao caso Dora no item 3.1.

Portanto, diferente do caso clássico de Ernest Kris<sup>41</sup>, do “homem dos miolos frescos”, em que o *acting out* se deu em análise, nestes casos o *acting out* e a passagem ao ato não ocorreram no contexto da cura, mas convocaram a busca por ela. Seja no contexto da cura, seja fora dela, o *acting out* é um apelo ao Outro.

No caso acima relatado, os maus comportamentos e as fugas, que incomodavam tanto a escola quanto os pais, acabaram por encaminhar o adolescente para tratamento. No entanto, a demanda dirigida ao analista, tanto por parte da escola quanto por parte dos pais, foi uma demanda de adaptação, enquanto que o adolescente se incomodava muito pouco em relação a estes atos. Aparecia um mal estar difuso e frases que marcavam uma impotência em relação a esta situação como: “Não consigo”, “Sou hiperativo”.

Pode-se se afirmar que, onde o real do sexo emergia, era abordado pelo adolescente por meio do ato. Este real que emergia marcava a falta de um significante no Outro, a inconsistência do Outro, e convocava o sujeito a se situar frente à castração, ao desejo. No entanto, o desejo definido como desejo do Outro é opaco, nada diz, só provoca enigma. A estruturação do desejo está situada na trama da relação edípica. Por isto, quando o sujeito se questiona sobre a falta do Outro, ele se coloca numa posição particular em face ao enigma do desejo da mãe.

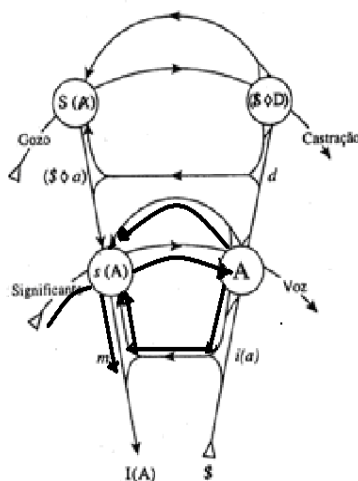
No primeiro momento do caso, percebe-se que o pai possuía atributos fálicos suficientes para constituir-se em um suporte identificatório. No entanto, a função paterna não era muito clara no discurso da mãe e na posição que o pai ocupava no desejo da mãe. Assim, dificultava a transmissão da castração e deixava o adolescente em um estado de suspensão quanto à identificação paterna. Ainda reforçando este ponto, notava-se esta suposta preferência que a mãe dedicava ao adolescente em compensação à injustiça por parte do pai e à preferência deste em relação à irmã. A identificação ao pai não se transmitindo, adiava o confronto do sujeito com o complexo de castração, deixando-o no

---

<sup>41</sup> Trata-se de um paciente de Ernest Kris que se dizia plagiário. Kris quis convencê-lo com os recursos da verdade: leu seu livro e mostrou-lhe que não era plagiário, que seu livro era original, e que os outros que o copiaram. Ao sair da sessão, o paciente se fartou com uma refeição de miolos frescos. O que é entendido por Lacan como um *acting out*, na medida em que demonstra, por meio do ato e não de palavras, ao analista que tudo que ele diz é verdade, mas não toca a questão. Restam os miolos frescos, o *objeto a* (LACAN, 1962-1963/2005, p. 139).

complexo de Édipo, fixado ao recurso da identificação ideal como falo materno, o que o mantinha no registro imaginário e o impedia de querer saber sobre a falta.

Pode-se afirmar que o adolescente encontrava-se no circuito  $s(A)$ ,  $A$ ,  $m$ ,  $i(a)$  do grafo do desejo, como demarcado no grafo abaixo. O circuito vai de  $s(A)$ , o significado do Outro, a  $A$ , o Outro, e retorna para  $s(A)$ , onde o sujeito recebe do Outro a mensagem invertida que emite. Esta mensagem que recebe do Outro o mantém no ponto do circuito que não ultrapassa o vetor da identificação imaginária  $\overrightarrow{mi(a)}$ . Aqui, o sujeito se identifica specularmente com aquilo que é objeto do desejo da mãe, ou seja, o falo. Portanto, o falo como objeto metonímico situa-se em  $m$  e em  $i(a)$ , identifica-se a ele. Isto ocorre pois: no lugar da mensagem em  $s(A)$ , recebe a mensagem da mãe, do Outro materno, de  $A$ , mensagem que reporta ao objeto de seu desejo. Ainda, portanto, não está em jogo um para-além da mãe. Nota-se que é neste circuito que Lacan (1957-1958/1998, p. 198) situa algumas perturbações, dentre elas as identificações perversas. Porém, aí também se caracteriza o momento do *assujeito* (p.195), na medida em que está *assujeitado* aos caprichos daquele de que depende, posição angustiante mas estrutural.



**Grafo 9: Percurso do primeiro tempo do caso**

Aqui, é válido salientar que não se está afirmando que o adolescente em questão era perverso, mais sim que havia um ponto em que ele estava cativo, o ponto nodal<sup>42</sup> a que Lacan se refere no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999) quando o sujeito não assume, não aceita ou recusa a privação do falo do pai na mãe, não supõe um para além do desejo na mãe, o que o colocava enquanto objeto desta. Também, justifica-se que não está diante da perversão, na medida em que Lacan (p.529) afirma que há relações, nas neuroses, que podem estabelecer-se aquém do Édipo, mesmo com o sujeito edipianamente estruturado. Outra indicação de que se estava diante de um neurótico era o incômodo, o embaraço, o mal-estar, mesmo que difusos, e que eram pequenos sinais subjetivos que indicavam que se podia continuar a escutar.

Muitas das queixas que se evidenciaram neste caso podem ser supostas a partir deste ponto em que o adolescente estava cativo. Uma destas queixas seria a dificuldade que apresentava em relação ao conteúdo escolar, as inúmeras repetências. O adolescente se referia a uma dificuldade de ater-se ao conteúdo escolar, apesar de ficar evidente que não havia nenhum déficit cognitivo. Esta dificuldade inseria-se numa inibição intelectual. Por estar no circuito acima referido, não se deparando com a castração da mãe, havia um não querer saber sobre a falta, o que remete aos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905/1980, p. 202), em que Freud afirma que toda a reflexão intelectual da criança sobre “de onde vem os bebês”<sup>43</sup> condiciona-se ao saber sobre o que funda o desejo no inconsciente, o desejo do Outro. Trata-se do saber sobre a falta, sobre a castração. O progresso da trajetória investigativa da criança tende a ser inibido por uma ignorância sobre a castração, por uma renúncia do sujeito ao saber inconsciente, cuja conseqüência é a degradação do desejo de saber.

Pode-se dizer que o adolescente, em razão desta dificuldade em se deparar com o real da castração, sexualizou a função do saber, mantendo-se no não-saber para não se deparar com a castração. Neste primeiro momento do

---

<sup>42</sup> Remete-se o leitor ao item 2.4.

<sup>43</sup> No momento crítico de descobrir a existência da vagina e do papel do pai no ato sexual, a criança perplexa e impotente é obrigada a interromper sua investigação. A teoria de que a mãe possui um pênis é o obstáculo que impede que ela descubra a existência de uma cavidade que acolhe o pênis. A teoria adquire função de desconhecimento, seu saber visa desmentir a verdade da castração.



caso, pode-se inferir que os maus comportamentos também diziam algo desta posição subjetiva em que se encontrava. Neste ponto, é importante salientar que se sabe, com Lacan (1969/2003), que a criança responde com seu sintoma ao fantasma do casal parental. Porém, mesmo que seu sintoma, sua angústia, ou qualquer outra formação clínica seja resposta a este fantasma, aí já se coloca uma posição particular frente ao Outro, posição esta que marca um modo de satisfação e uma relação com o desejo.

Por estar emaranhado no circuito  $s(A)$ ,  $A$ ,  $m$ ,  $i(a)$  do grafo do desejo, os maus comportamentos que este adolescente apresentava na escola, denotavam que objeto tinha um lugar particular, como objeto metonímico, objeto que falta à mãe, o falo. Tratava-se de ser o falo, estava identificado a este objeto. Colocava-se nesta dinâmica dois pontos: o eu,  $i(a)$  e, em frente a ele, aquilo com que o adolescente se identificava,  $m$ <sup>44</sup>, que ele vai procurar ser, ou seja, o objeto satisfatório para a mãe, a relação que se efetiva no vetor  $\overrightarrow{mi(a)}$ <sup>45</sup>; o que dava ao adolescente uma posição particular no imaginário, dando coerência ao seu eu,  $moi$  ( $m$ ). Há uma identificação com esse objeto, o falo como *objeto a* do  $i'(a)$ , que é o *objeto a* nas suas vestes narcísicas, imaginárias que está na base do *moi*, oferecendo consistência e não deixando de trazer uma certa satisfação, que fazia calar o desejo.

Por estar identificado a este objeto, o  $a$  do  $i'(a)$ , o adolescente neste primeiro momento se situava no nível  $s(A)$ , como significado do Outro. Desta forma, protegia a consistência do Outro, com o seu eu, e não permitia que surgisse a barra no Outro, a falta no Outro. O significado no Outro, enquanto mensagem, cristalizava uma resposta alienada ao desejo do Outro, que o mantinha nesta posição de objeto e remetia a certos enunciados em que ficava patente uma impotência frente ao Outro, já que este era totalizante e não permitia a falta, como: “Sou hiperativo”, “Não consigo”. O adolescente se apresentava a partir da resposta, já que, como visto no item 2.7. desta dissertação, o lado esquerdo do grafo comporta as respostas e  $s(A)$  encontra-se deste lado.

---

<sup>44</sup> Como referido no item 2.6, o  $m$  equivale a  $i'(a)$ , a imagem virtual do eu. Neste ponto do grafo tem-se a projeção do objeto enquanto metonímico. É a imagem virtual que dá vestimenta ao objeto que depois do “Seminário 10: A angústia” (1962-1963/2005) é chamado de *objeto a*.

<sup>45</sup> Estas noções foram trabalhadas quando foram abordados os tempos do Édipo no item 2.4.

Especialmente uma resposta que assegurava a consistência do Outro, o que alcançava por meio desta identificação com o *objeto a*. Nesta posição de objeto, o objeto não está latente, ele está em ato, como *acting out*.

É válido salientar que chegar a análise em posição de objeto não é privilégio de nenhuma estrutura. No entanto, esta posição pode dificultar o próprio diagnóstico. Esta forma de se apresentar pode remeter à perversão ou ao que foi denominado pelos pós-freudianos de neurose de caráter<sup>46</sup>, em que o sintoma é assimilado ao eu, ao *i'(a)*, de forma que este não faz perguntas e procura consistir o Outro, através de seu eu (RABINOVICH, 2004, p.52). O adolescente não podia dizer quase nada, apenas mostrava, nos maus comportamentos, uma cena onde o *objeto a* se apresentava de forma enigmática.

As frases “meu pai sempre acha que minha irmã não faz nada, tudo fui eu...”, “tudo que acontece na escola de errado fui eu...” também indica o ponto do primeiro patamar do grafo em que o adolescente está emaranhado. O adolescente recebia uma mensagem do Outro sob a forma invertida. A primeira frase, que se repetia na segunda, ia de *s(A)* ao *A* e retroagia ao *s(A)*, como ponto de escansão, e dava uma significação que se inscrevia em *s(A)* como mensagem que vem do Outro. Estas mensagens se apresentavam para o adolescente como demanda. Apesar do enunciado consciente se inscrever numa repreensão, elas podiam fazer supor uma demanda do Outro, demanda de amor por excelência, que o adolescente respondia na via imaginária em *m – i'(a)*. Nesta o *i'* dá as vestes narcísicas ao *a*, ao vazio, o que permite ao sujeito falar “eu sou eu”, que, no caso, remetia ao “fui eu”, enunciação que implicava seu eu no mau comportamento que apresentava.

Como toda a significação produzida em *s(A)*, esta serve como engodo para encobrir o que acontece com a essência da linguagem, na medida em que por sua essência ela não significa nada. Nota-se que é diante da primeira enunciação que os comportamentos inadequados se apresentavam, colocando em jogo algo da demanda na sua relação com a pulsão ( $\$ \diamond D$ ). Se “fui eu”, sua mãe o defendia, já que seu pai era injusto. Aí se colocava em cena algo do pulsional entendido

---

<sup>46</sup> Lacan (1962-1963/2005, p.158), no “Seminário 10: A angústia”, fala da classificação de neurose de caráter como: “[...] uma tentativa de classificação bastante problemática, quando, na realidade, não se trata de uma espécie de sujeito, mas de uma zona em que prevalece o que defino aqui como *acting out*.”

como a relação do sujeito com a demanda do Outro e que encontra como resposta, além de  $i'(a)$ , uma certa posição em relação ao *objeto a* na fantasia. Ao responder a esta demanda de forma imaginária em  $i'(a)$ , o adolescente fazia consistir o Outro, havendo porém um mal-estar. Assim, iniciou-se uma série de entrevistas que tinham como direção que a queixa de mau comportamento pudesse aparecer como pergunta.

Estes maus comportamentos, que se inscreviam em  $s(A)$  como uma significação e refletiam, após passarem por  $A$  e  $i(a)$ , no imaginário, em  $i'(a)$ , podem ser entendidos como *acting out*. Estes eram uma cena que o inconsciente exibia, como uma mensagem endereçada ao Outro, não por meio de palavras, mas de ato. Era uma demanda que o Outro, encarnado num sujeito qualquer, visse sua mensagem em ato, pois o adolescente ainda não sabia ou conseguia enunciá-la. O *acting out* não escapa à simbolização, pois funciona como suporte da palavra, falando a partir de uma cena para o Outro. É importante ressaltar que aqui a demanda era endereçada ao Outro barrado, ou seja, não ao Outro materno. Como toda demanda, o *acting out* era marcado por uma ambivalência, o sujeito não queria que ela fosse plenamente satisfeita, para manter algo que se encontrava num para-além e que persistia como resto na relação entre a necessidade e a demanda, o desejo. Aqui, portanto, delineava-se algo que escapava à demanda de amor e convocava a falta.

O *acting out*, ao mesmo tempo que fazia consistir o Outro, convocava o Outro barrado. Assim, o adolescente já se deparou com a inconsistência do Outro, mas insistia em tentar tamponar esta falta, numa resposta alienada em  $s(A)$ , dando consistência ao  $i'(a)$ , por meio dos *acting out* e da inibição intelectual. Aqui, também se insere a discussão sobre a enunciação que se repete inúmeras vezes no discurso do adolescente: “Antes só do que mal acompanhado. Eles são más companhias”.

No “Seminário 7: A ética da psicanálise”, Lacan (1959-60/1997) traz a morte de Deus no mito proposto por Freud, em “Totem e tabu” (1913/1980), do assassinato do Pai da horda. Mito que foi reforçado, em “Moises e o monoteísmo” (1939/1980), pelo assassinato do Grande Homem, que precede o assassinato de Cristo, como o crime primitivo que funda a Lei primordial. Este assassinato não

abre a via para o gozo que o pai interditava, mas reforça sua interdição<sup>47</sup>. Em razão desta interdição pode-se supor que o pai morto remete a que Deus está morto desde sempre e o gozo, mesmo com o Pai morto, permanece proibido, fundando assim a inconsistência do Outro. Isto remete ao  $S(\mathcal{A})$  do grafo do desejo, como a resposta derradeira à garantia pedida ao Outro. Se nada mais há senão a falta, o Outro se esvai, não há garantia.

Lacan aproxima a morte de Deus do  $S(\mathcal{A})$  e o remete ao mandamento: “amar ao próximo como a ti mesmo” como articulado por Freud (1930/1980) no “Mal estar na civilização” (1930/1980). Este amor surge da falta de consistência do Outro para tamponar a maldade profunda que habita o próximo e a mim. O próximo, com seu gozo maligno, propõe-se como problema para o amor, na medida em que o gozo é um mal, porque comporta o mal do próximo. O bem do amor ao próximo nos mantém afastados do gozo. Assim, recua-se diante da traição de meu próximo e, por trás de meu semelhante, renuncio a meu próprio gozo. O mandamento de amor ao próximo, ao mesmo tempo que barra o meu acesso ao gozo e ao do próximo, coloca em evidência esta possibilidade; se não houvesse, no limite, a mediação da Lei (LACAN, 1959-60/1997, p.237).

Este próximo se refere à Coisa, com aquilo que depois Lacan formalizará como *objeto a*, como o mais interno que é simultaneamente o mais exterior e frequentemente é recoberto pelo semelhante. Não é o Outro. O próximo é a iminência intolerável do gozo e o Outro, como Lacan se refere no “Seminário 16: De um Outro ao outro” (1968-1969/2008, p.219), é o lugar do qual se limpou o gozo, já que é no Outro que está o inconsciente estruturado como uma linguagem.

Diante da inconsistência do Outro, tem-se como alternativa amar ao próximo, para não se dar conta do mal que habita o próximo e o próprio sujeito. Para o adolescente, no momento de se deparar com a falta de consistência do Outro, o próximo que poderia dar acesso à via do bem é a “má companhia”. Fica evidente que ele é habitado por um gozo que está para além do amor ao próximo. Esta “má companhia” encarna a própria exterioridade do gozo e coloca num para-almém do sujeito aquilo que lhe é mais interior. O que aparecia, também, quando o

---

<sup>47</sup> Quando abordado o gozo na perspectiva do artigo “A subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998), no item 2.6., foi trazido o mito de “Totem e Tabu”.

adolescente dizia que não tinha sido ele que havia cometido determinado ato, mas outro adolescente que tinha o mesmo nome que ele. O gozo está no outro e não nele.

Mais uma vez reforça-se a posição em que o adolescente se encontrava no grafo do desejo. O adolescente convocou o Outro barrado com seus *acting out* para, além de lhe permitir situar-se de outra forma frente ao Outro primordial, dar resposta a este gozo que o invade e que as “más companhias” personalizam. Assim, a resposta imaginária que busca frente à inconsistência do Outro, fora do âmbito familiar; os laços identificatórios, o semelhante que encobria o próximo, evidenciavam este gozo que o habitava. Como não havia possibilidade de se situar frente a isto, surgiram os *acting out*, o mau comportamento. Este é desculpado pela influência destas “más companhias”, o gozo está do lado de fora. Pela falta de possibilidade de tamponar a falta do Outro pela via do amor, visto o adolescente se dar conta que o próximo tem um gozo nocivo, gozo que fala do seu próprio, e em razão de uma impossibilidade de limpar este gozo pela via simbólica, a via do *acting out* se abre, em um modo de satisfação e como forma de convocar o Outro barrado.

### 3.5. SEGUNDO TEMPO DO CASO: A INCONSISTÊNCIA DO OUTRO

Sabe-se que a passagem do complexo de Édipo para o complexo de castração é a chave da humanização da sexualidade e da assunção da função de desejo enquanto causa. E para que essa passagem seja bem-sucedida, para que o sujeito tenha acesso à significação fálica na modalidade da castração simbólica, é preciso que a identificação ao falo materno falhe, preservando a incompletude ou o não-todo do sujeito feminino. Este processo permite que o sujeito se volte para o pai, para a partir daí portar as insígnias identificatórias e poder se colocar frente ao feminino, à falta e assim assumir seu desejo<sup>48</sup>.

O adolescente encontrava-se na busca de uma saída do Édipo, do luto da identificação imaginária. Para tanto, era preciso fazer do falo da mãe um objeto

---

<sup>48</sup> Remete-se o leitor aos três tempos do Édipo no item 2.4.

perdido, para ter acesso ao falo simbólico. Análise deveria promover um laço com o desejo do Outro, com a castração do Outro, permitindo a articulação da cadeia significativa, colocando o desejo do Outro em cena, o “*Che vuoi?*” Assim, poderia aproximar-se de seu próprio desejo.

Quando o adolescente trouxe as trocas que fazia e que ficava no prejuízo, ele pode ter acesso ao que ganhava quando perdia, de forma a possibilitar uma perda desta posição de objeto em que se encontrava. Para ter acesso a um para além da mãe, o que permitiu o acesso ao falo simbólico e às identificações simbólicas, de forma a se situar frente ao real da sexualidade.

Assim, neste momento, algo da consistência do Outro foi abalada, o que remete ao patamar superior do grafo do desejo. Este abalo na consistência do Outro apresentou-se no questionamento sobre as mulheres. Neste momento, o sujeito deparou-se com outro desejo, o desejo do Outro, reconhecendo um desejo para além da demanda que se situava no para-além do primeiro Outro a quem inicialmente dirigia sua demanda, a mãe.

É em  $S(\bar{A})$  que se manifesta a castração no Outro, onde o desejo do Outro é marcado pela barra significativa e introduz-se o complexo de castração. A castração será inicialmente encontrada no Outro. Só se deparando com  $S(\bar{A})$  foi possível ao adolescente subjetivar a metáfora paterna que modificava o desejo como desejo do Outro.

Este abalo na consistência do Outro também se tornou possível na medida em que se colocou em cena a possibilidade da morte do Outro. O pai ficou doente e, neste ponto, surgiu a angústia, vislumbrando a proximidade da falta da falta<sup>49</sup>. Com esta possibilidade o adolescente pode subjetivar o pai morto, como pai simbólico, não sendo preciso a presença do pai para que a interdição fosse inscrita, já que ela é dada pelo simbólico. Desta forma, arriscou-se a sair da posição de objeto para a posição de sujeito causado pelo objeto.

Como é o significativo do falo que barra o Outro, que é dado a partir da metáfora paterna, será este significativo que introduzirá uma divisão do gozo. Por um lado, proíbe o gozo do ser, o do pai da horda, e, por outro lado, permite o gozo

---

<sup>49</sup> A presença do pai marca a falta, na medida em que insere a castração. Caso esta presença falte surge o *objeto a* no lugar em que deve permanecer um vazio, indicando a falta da falta, a proximidade do objeto, surgindo a angústia (LACAN, 1962-1963, p.52).

fálico. É graças à castração que o registro do gozo sexual, enquanto gozo fálico, é aberto. A realização do desejo implica a castração (item 2.6.).

No entanto, é só porque o Outro foi abalado que pode haver falta no Outro e o adolescente pode perguntar “*Che vuoi?*” “O que o Outro quer de mim?”, o que pode conduzir ao caminho de seu próprio desejo. Porém, a primeira resposta a este “*Che vuoi?*” foi da ordem da identificação ao pai, identificação com a virilidade. Passou a portar as insígnias que remetem ao pai, como roupas, gostos, projetos para o futuro. Trouxe conteúdos em que ficava evidente um contar “vantagem”, significante que já havia aparecido nas vantagens e desvantagens que levava na troca de figurinhas, em que pode subjetivar o que ganhava quando perdia. Pode-se supor que a “vantagem” que levou foi ter aberto o campo do simbólico, da inscrição da virilidade, mesmo que este seja da ordem do engodo.

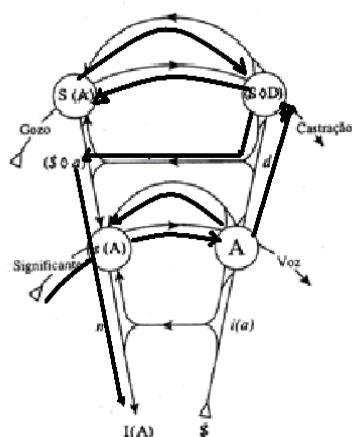
Esta posição que remete ao ideal do eu, I(A), destino final do vetor do grafo do desejo, marca a alienação do sujeito tanto na imagem quanto no significante e aponta, também, para a unidade do eu. Como uma das tentativas de dar respostas, nota-se que I(A) está do lado das respostas, pela via do Ideal, ou seja, do amor. Mesmo que aqui ultrapasse a resposta imaginária, na medida em que comporta as insígnias paternas, ainda se busca suturar a falta do Outro, já que um significante como insígnia é o traço unário, que por preencher a marca invisível que o sujeito recebe do significante, aliena esse sujeito na identificação primeira que forma o Ideal do eu (LACAN, 1960/1998, p.822)<sup>50</sup> O ideal torna-se sinônimo de totalização. Também se evoca a doença do pai, que possibilitou esta identificação tanto na via do simbólico, da metáfora paterna, como por uma resposta ao sentimento inconsciente de culpa, já que em muitos momentos pode ter desejado a morte do pai injusto.

Com esta resposta no nível do Ideal, fica evidente que o Pai é uma função simbólica crucial na adolescência, já que o adolescente faz um apelo ao pai na tentativa de dar conta do impacto do gozo que o invade. Mas como esta resposta, pela via do Ideal do eu é alienante, o pai não responde as questões cruciais do sujeito. Tem algo que escapa, e é nessa medida que não se trata na análise de apostar na dissolução do complexo de Édipo, mas neste algo que escapa.

---

<sup>50</sup>“Na captura que sofre de sua natureza imaginária, ele mascara sua duplicidade, qual seja, que a consciência com que ele garante a si mesmo uma existência incontestável, uma vez que se apóia no traço unário do ideal do eu.” (LACAN, 1960/1998, p. 823). Remete-se o leitor ao item 2.6.

Este segundo tempo do caso pode ser descrito no grafo do desejo no seguinte percurso: na enunciação “meu pai sempre acha que minha irmã não faz nada, tudo fui eu...” demonstrava a relação da demanda com a pulsão, na medida em que algo do pulsional se inscrevia em relação à suposta demanda do Outro que o adolescente respondia com os maus comportamentos e com o “fui eu”. Neste ponto surge um para além da demanda do primeiro Outro, que se mostra como desejo, em  $d$ . Frente ao abalo da consistência do Outro, em  $S(\overline{A})$ , a mensagem da falta do Outro retroage ao  $d$ , onde a questão sobre o desejo se abre. Se o Outro é faltante deseja algo de mim, o “*Che vuoi?*”, que tem como resposta, no primeiro momento do caso, o  $s(A)$ , que reflete em  $i'(a)$  e, no segundo tempo, em  $I(A)$ .



**Grafo 10: Percurso do segundo tempo do caso**

Ainda, outra resposta possível do sujeito diante da falta de significativo no Outro, como modo de defesa contra a castração, é a fantasia ( $\$ \diamond a$ ). Na fantasia, há uma sujeição originária do sujeito ao Outro, sua alienação a ele. Mas aqui, a via principal para esta alienação não é o amor, mas a falta no Outro. Explicita a relação entre o sujeito barrado, dividido pelo significativo que o constitui, e o *objeto*  $a$ , objeto inapreensível do desejo, que se refere a um vazio no campo do Outro. Este vazio no Outro leva o sujeito a questionar o que este Outro deseja dele para além da demanda, o “*Che vuoi?*”. É a partir desta lacuna de resposta que o sujeito



constrói sua fantasia que serve de tela protetora para mediar o encontro com o real. A fantasia seria tentativa de reconquistar o que fora perdido com a entrada do simbólico. É sempre fantasia de completude por tentar resgatar, sem sucesso, a completude perdida, fixando o sujeito numa relação com um objeto. Mas, além disso, é suporte do desejo. A história familiar aparece na análise tanto na forma de identificações como de fantasia. A fantasia norteia os atos do sujeito, caracterizando-se como um modo particular de responder ao “*Che vuoi?*”.

Apesar de não se saber ainda qual é a fantasia deste adolescente, tendo esta como referência, retomam-se as fugas. Notava-se que o adolescente tinha muito pouco a falar delas, apenas enunciando “Não sei o que passava pela minha cabeça”. Como um momento de apagamento, em que, em um momento específico e irrefreável, o adolescente não conseguia mais responder por si, apenas agindo guiado pela angústia. Estas fugas podem ser pensadas como sendo do registro da passagem ao ato, como uma tentativa de sair de cena em resposta ao impossível de suportar. O que é diferente de enviar uma mensagem de apelo ao Outro, já que se trata de uma forma radical de se separar dele.

Frente a algo insuportável na relação ao Outro, das cobranças por um bom comportamento e da decepção, a única resposta possível foi subtrair-se do registro do simbólico para colocar-se no real, projetar-se para fora da cena da fantasia. Por mais que esta decepção tenha remetido a uma impossibilidade de responder a um ideal, também evidencia um certo curto-circuito da lei e do desejo<sup>51</sup> que provoca a identificação do sujeito ao *objeto a* e a passagem deste ao real. Na medida em que a convocação do Outro para barrar a mãe, no *acting out*, não se efetiva, permanecendo tudo como antes, sem retificações de posições, chegam ao adolescente apenas as cobranças para a mudança de comportamento. Assim, o sujeito aí é aquilo que escapa ao simbólico, identificado ao *objeto a*, não mantendo mais a relação entre sujeito dividido e *objeto a*, mais sim se identificando ao *objeto a*, como resto, o que caracteriza uma predominância do registro do real.

Diante da inconsistência do Outro, o adolescente pode inscrever diversas formas de dar resposta ao insuportável da falta: seja como objeto do desejo do

---

<sup>51</sup> Remete o leitor ao item 2.7. Na passagem ao ato há uma identificação absoluta do sujeito com o *objeto a*, depois de um confronto do desejo com a lei.

Outro, numa resposta imaginária; seja no nível do ideal do eu, na ordem simbólica, porém ainda alienada à demanda de amor e às insígnias paternas; seja na fantasia, suturando o Outro não mais pela via do amor, mas pela via da falta. Entende-se que estas formas de resposta dadas pelo adolescente tomaram a forma seja do *acting out* ou da passagem ao ato. No primeiro momento, o adolescente estava na posição de objeto do desejo da mãe. Por ser neurótico, já havia se deparado com a castração do Outro, mas buscava, por esta posição, não inscrever a falta. Tinha-se a inibição intelectual como forma de não querer saber desta falta, e o mau comportamento como *acting out*, numa resposta alienada à demanda do Outro, que se inscrevia na frase “meu pai sempre acha que minha irmã não faz nada, tudo fui eu...”. Por esta via, no entanto, visava convocar o Outro barrado, na medida em que colocava em cena o *objeto a*, como um desejo desconhecido. Esta convocação também visava dar conta de um gozo que o invadia e que a “má companhia” personalizava, mas que acima de tudo não estava no próximo, mas nele.

Em um segundo momento, a consistência do Outro foi abalada, o pai pode cumprir sua função de transmitir os significantes, as insígnias e uma forma de se posicionar diante do feminino. A normalização do desejo foi dada pelo Nome-do-Pai. Na medida em que interditou um gozo proibido, forneceu as vias ao desejo. Mas, do lado do pai, também se inscreveu a inconsistência do Outro, já que este, como personagem manco (LACAN, 1959-60/1997), interdita o gozo absoluto, desde sempre impossível. Como dito acima, o lugar do Outro é vazado e não garante nada, algo escapa, os significantes não dão conta da questão do sujeito: “O que quer uma mulher?”, pergunta que deixa em evidência a falta e a dificuldade de se situar diante dela.

Desta vez, o sujeito encontrou na passagem ao ato, uma saída possível. Assim, frente ao insuportável da falta do Outro, evadiu da cena, vagou pela cidade a procura de algo rejeitado, recusado por toda parte, sem que qualquer significante tenha vindo ao seu encontro.

### 3.6. A TRANSFERÊNCIA

Como se trata, nesta dissertação, de uma discussão clínica, e esta sempre implica o analista como aquele que conduz a direção de tratamento, é válido resgatar os impasses transferenciais que surgiram. Os atos aqui evocados constituíram para este adolescente a via possível de entrada em análise, isto em consonância ao que Lacan fala do *acting out* como um apelo ao Outro. Porém, na medida em que a analista se coloca, no primeiro tempo do caso, na posição de querer o bem do sujeito, respondeu pelo seu ser e não pela falta-a-ser. Isto possivelmente ocorreu em razão da aproximação em que o adolescente se encontrava na relação ao real. Esta posição do adolescente trouxe resistências à analista que não suportou a iminência do real, não operou com a falta-a-ser e acabou colocando algo neste lugar de falta: o bem social e o que se supunha ser o bem do sujeito.

Os *acting out* que continuavam a acontecer, e que antes da busca de tratamento, eram direcionados aos pais, passaram a também se direcionar à analista. Afinal, o analista tem a responsabilidade que cabe ao lugar que concorda em ocupar. Este *acting out* passou a ser entendido como ato de repetição na transferência, substituindo a associação livre, a enunciação; o recalcado retornava não na fala, mas no ato. Tinha-se um obstáculo ao trabalho, o que ficou evidente no primeiro tempo do caso, e a verdade do sujeito era encoberta. Desta forma, estes atos que persistiam na transferência eram a via em direção à verdade; enquanto que, fora da análise, reafirmavam a alienação do adolescente a uma certa posição.

Se há no *acting out* uma demanda ao Outro, quando o sujeito está em análise este se dirige ao analista, que ocupa o lugar de sujeito suposto saber na transferência. Na articulação entre transferência e *acting out*, Lacan (1962-1963/2005, p. 140) define que o *acting out* é o início da transferência, não sendo esta entendida como exclusiva do campo psicanalítico. O *acting out* sem análise seria a transferência selvagem, no sentido de não incluir um apelo ao analista como Outro, e sim a qualquer um que possa ver e escutar sua mensagem. O analista deve saber reconhecer um *acting out*, apontar para o lugar do desejo que

está implícito no *acting out*. O analista não deve apagar esse desejo, como no caso de Ernest Kris<sup>52</sup>, mas o tomar como ponto de direcionamento.

Lacan, no “Seminário 7: A ética da psicanálise” (1959-60/1997, p.280) propõe para o analista um repúdio radical de um certo ideal do bem, o que é necessário para chegar a apreender a via que desenvolve a experiência analítica. Inclui a experiência analítica no campo do real. O real aqui pode ser entendido como um furo no saber, um resto que escapa a qualquer representação, que escapa ao sujeito e ao analista e que irá demarcar uma posição ética. Portanto, o bem nos desencaminha, perde-se a via do desejo.

Para a psicanálise, a travessia do que se apresenta como ato só é possível pela via da enunciação, de forma a conduzir o sujeito nas vias de seu desejo, do *objeto a*, enquanto causa do desejo. Desta forma, insere-se o ato num contexto ético em contraposição à noção psicologizante e psiquiatrizante sobre a tendência a catalogar as condutas do adolescente como patológicas. Para tanto, é necessário que o analista não opere a partir de significações prontas, mas a partir da interpretação da enunciação e do silêncio, sustentando-se como *objeto a*, objeto causa do desejo. A interpretação refere-se mais a uma pontuação do discurso do que a um preenchimento do sentido com significantes vindos do analista. Não se trata de condenar ou desejar abolir o ato, mas do analista ajudar o paciente a bem dizer o seu ato e a reconhecer que seu ato diz respeito ao *objeto a*.

Posteriormente a este momento em que os *acting out* se deram para convocar os pais e a analista, como repetição na transferência que barrava a associação livre, surgiu a enunciação “são assuntos meus”, o que poderia ser pensado como mais uma barreira a análise. Porém, diferente dos atos, no momento em que ela surge, foi possível colocar em questão esta enunciação e dar continuidade ao trabalho de associação livre.

Pode-se dizer que a análise permitiu que as diferentes respostas dadas ao ponto de insuportável da estrutura, a falta como tal, a inconsistência do Outro - seja por meio da identificação imaginária, do *acting out*, da identificação ao pai ou da passagem ao ato - fossem abaladas. Respostas que o mantinham numa posição particular que implicava uma satisfação, sua alienação ao Outro, e não

---

<sup>52</sup> Este caso já foi mencionado nesta dissertação no item 3.4. (LACAN 1962-1963/2005, p. 139).

permitia a apropriação de seu desejo. Quando o adolescente sai do lado das respostas e pode formular as seguintes interrogações: “como será que é ter lábia?”, “o que as meninas gostam?”, “eu não sei o que acontece comigo, quando vi já fiz” e “elas não diziam a verdade”, ele pode sustentar as perguntas sobre o enigma do desejo do Outro e pode ir na via do seu desejo.

Esta direção permitiu escutar, para além do transtorno, algo que implicou aquele que fala num mal estar, que estava para além do mal causado no social, mas remetia à falta e àquilo que esta falta mobilizou de resposta possível para o adolescente.

### **3.7. A DEMANDA SOCIAL E A ÉTICA DA PSICANÁLISE**

Na discussão e articulação teórica do caso pretendeu-se evidenciar a possibilidade de manejo clínico em um caso em que o adolescente veio trazido para atendimento por ter comportamentos considerados como inadequados e que causavam transtorno no social. Mas estas queixas não se mostravam como incômodo para o adolescente.

Coloca-se uma diferença entre a forma de abordar estes atos pela psiquiatria e psicologia e pela psicanálise. A ideologia de um cérebro sem sujeito, presente na psiquiatria atual, incomoda o psicanalista, tanto pela inconsistência lógica como pelas consequências terapêuticas. O único agente de transformação possível é uma química, associada a condicionamento comportamental ou do pensamento. Posição que exclui toda e qualquer responsabilização do sujeito pelos seus sintomas, pelos seus atos, cujo único sentido passa a ser o de um déficit neuronal ou social, e que contradiz a psicanálise na medida em que, para além de uma técnica, insere-se em sua prática uma dimensão ética, desarticulada dos ideais e do bem-estar.

Esta ética foi explicitada por Lacan (1959-60/1997), no “Seminário 7: A ética da psicanálise”, no modo como traz a novidade da obra de Freud e da experiência da psicanálise que dela decorre. Quando na história do conhecimento humano chegou-se à noção de consciência - com o sujeito da ciência de

Descartes - seguiu-se Freud, que disse não ser só consciência a dimensão psíquica do ser humano. Apresentou seu conceito de inconsciente como algo diferente da ideia de uma não-consciência. O inconsciente freudiano rompe com o passado. O que ele estabelece sobre o que é inconsciente não tem por função preencher as lacunas da consciência, mas instaura no homem uma falta primeira de objetos que preencham e totalizem. Encontra-se aí, segundo Freud (1927/1980), o pior dos golpes<sup>53</sup>, o golpe psicológico no narcisismo humano, o de que o homem é determinado por algo que não conhece. A partir daí, institui-se com a psicanálise o sujeito do inconsciente.

Esta descoberta de Freud pode ser resumida na frase *Wo es war, soll Ich werden*<sup>54</sup>, que foi traduzida por Lacan (1959-60/1997) por “[...] o *je* deve advir lá onde isso era.” (p.816). Assim o *je*, entendido como sujeito do inconsciente, que está para além do enunciado, mostra-se nos momentos de um corte no discurso. Na medida em que o discurso tropeça, interrompe-se, vem à tona um sujeito que perde toda unicidade, surgindo algo que fala do inconsciente. Trata-se do que está além do enunciado, do dito, do discurso consciente, no qual há uma vinculação da pessoa que fala a uma significação. Todo significante do sujeito da enunciação pode não estar presente no enunciado, sendo, portanto, uma cadeia que se inscreve em uma “outra cena”<sup>55</sup>, o inconsciente. Lacan (1959-60/1997, p.17) localiza na frase de Freud a raiz da experiência moral na psicanálise, a entrada do paciente na análise, na qual o *je* se interroga sobre o que quer.

Coloca-se, então, para o psicanalista a questão de como se orientar na resposta a esta interrogação. Para falar desta dimensão ética dada pela experiência psicanalítica e enraizada, segundo Freud, na dimensão do desejo inconsciente, Lacan retoma as concepções de ética de Aristóteles, Kant e Bentham e contrapõe a experiência psicanalítica a cada uma destas éticas. A ética da psicanálise está, portanto, para além do bem supremo de Aristóteles, do

---

<sup>53</sup> Freud traz os golpes psicológicos ao narcisismo humano em vários textos. Ressalta-se “O futuro de uma ilusão” (1924/1980). Os golpes anteriores ao de Freud são de Copérnico, que coloca que a Terra, o homem, não está no centro do universo, e de Darwin, que, com a ideia de evolução, estabelece ser o homem descendente de animais inferiores.

<sup>54</sup> A frase de Freud já foi citada nesta dissertação no item 2.6.

<sup>55</sup> Expressão usada por Freud (1900/1980) na “Interpretação dos Sonhos”, a partir de sua leitura dos textos de Fechner. Freud diz referindo-se a “outra cena”: “Ele (Fechner) suspeita, antes, que a cena de ação dos sonhos é diferente da cena da vida ideacional de vigília.” (p. 50).

bem moral do imperativo categórico de Kant e do bem útil de Bentham, na medida em que a dimensão do bem levanta uma barreira na via do desejo.

Se a via da análise não é a de um bem, ela nos leva em direção a *das Ding*, que é o que do real padece do significante, objeto perdido que remete ao Outro primordial, a mãe, o próprio objeto do incesto. Não há Bem Supremo visto que *das Ding*, o único bem possível, é proibido. Assim, ao mesmo tempo que *das Ding*, no inconsciente, é o objeto perdido, é o que constitui a Lei. Este é o limite em que a prática psicanalítica se insere, já que o mal pode estar em *das Ding* (LACAN, 1959-60/1997, p. 156). Fica evidente que a ética da psicanálise não é a ética do bem-estar, o que o humano busca não necessariamente produz o bem do sujeito. Mas é em relação à estrutura dada por *das Ding*, de falta, de real, que o homem pode ser apreendido no campo do inconsciente, o que comporta uma *spaltung*. E é em relação a esta divisão que se deve articular a função do desejo.

Lacan, quando formula o *objeto a*, relaciona-o a *das Ding*. Afirma no “Seminário 16: de um Outro ao outro” (1968-1969/2008) que o *objeto a* faz cócegas em *das Ding*. Portanto, pode-se deduzir que o *objeto a* é o que busca dar resposta a *das Ding*, à falta como tal, mas que tem estatuto de falta porque o objeto está perdido desde sempre, e será este objeto faltante que causará o desejo.

Tendo como referência o direcionamento ético da psicanálise, como pensar a demanda social, escolar, familiar, com a demanda de curar este transtorno, de adaptar estes adolescentes? Sabe-se que o analista deve se precaver em relação a fazer o bem, ao desejo de curar, pois este pode desencaminhar qualquer possibilidade de análise. Lacan afirma, então, que “[...] nosso desejo deve ser um não-desejo de curar, para nos alertar das vias vulgares do bem, contra a falcatura benéfica do querer-o-bem-do-sujeito.” (LACAN, 1959-60/1997, p.267).

Se o analista responde a demanda do social, seja dos pais, da escola, das instituições sociais e jurídicas, de adaptar estes adolescentes a uma boa produção escolar, a uma adequação social, estará propondo uma normalização e sabe-se que, para Lacan, se uma análise se propõe ao retorno à norma, o *objeto a* ficará de fora. Qualquer possibilidade do sujeito ir na direção da causa do desejo estará excluída, se se prioriza o bem, seja social ou aquele que se julga ser o do sujeito.

Para reforçar este ponto de vista, na articulação de Lacan, sobre a ética da psicanálise, é ressaltado que o que nos separa do campo central do desejo é primeiro o bem e depois o belo. Estas duas vias se tornam privilegiadas quando se trata de deixar de lado aquilo que remete a *das Ding*, isto porque este campo é de horror, como fica evidente na leitura realizada por Lacan da tragédia de Antígona. É este horror que se trata de higienizar, na demanda do social ao analista, no que se refere a estes adolescentes. Enfim, que não usem drogas, que não sejam impulsivos, que não questionem a ordem estabelecida, que se normalizem e não causem incômodo aos adultos que não querem se deparar com este horror, a que a própria adolescência remete na medida em que se trata do encontro com o real do sexo. No entanto, é este horror que Freud inclui na experiência analítica e na direção de tratamento, não para que o adolescente se veja livre para a transgressão, mas para que assuma este horror como próprio e possa se responsabilizar pelos seus atos. Este horror é *das Ding*, o que remete ao sexual e, portanto, o que pode indicar a via do desejo.

A experiência analítica é um convite para a revelação do desejo, e ela muda a relação do sujeito com o bem (LACAN, 1959-60, p.270). Assim, por mais que o desejo do homem seja fazer o bem e de se encontrar conforme uma norma, de bem consigo mesmo; na margem irreduzível, no horizonte de seu próprio bem, o sujeito revela o mistério do seu desejo. Já que na via de seu desejo há algo de irreduzível que se dirige e se funda em *das Ding*.

Se na infância o diagnóstico prevalente nos serviços de saúde mental é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH, no adolescente o diagnóstico prevalente é o Transtorno de Conduta, o que acaba por aproximar a clínica do adolescente à clínica do Transtorno de Conduta. No entanto, a análise dos atos dos adolescentes, assim como a direção de tratamento proposta no caso acima discutido, visou algo diferente do déficit neuronal ou social e sua consequente direção na via do bem e da normalização. No entanto, não é porque a psicanálise não visa o bem, que não podem ocorrer efeitos terapêuticos, inclusive efeitos que se circunscrevam em uma normalização, em uma reorganização psíquica que tem efeitos adaptativos, como ocorreu no caso acima relatado. Porém, se isto ocorre não é o essencial, estes efeitos vem por acréscimo. Como Lacan (1962-1963/2005, p. 67) ressaltava no “Seminário10: A



angústia”, a cura vem por acréscimo e isto não é um desprezo por aquele que sofre, mas sim um ponto de vista metodológico, pois indica que a direção de uma análise não está no bem do sujeito, mas na falta.

No entanto, aqui ainda é válido discutir o que do caso particular relatado e articulado teoricamente pode ser ampliado à clínica psicanalítica com sujeitos adolescentes. Cabe uma distinção entre universal, particular e singular. Já que aí nota-se a diferença da investigação psicanalítica para a da ciência propriamente dita, a ciência é do universal e a psicanálise ocupa-se essencialmente do singular.

Na linguagem comum, o singular é o único na sua espécie; o particular é o que é característico de determinada pessoa ou coisa e o universal compreende todas as coisas, que se estende a tudo ou a todos. Para a psicanálise, o universal compreende os elementos que tem as mesmas propriedades. O particular seria uma parte da classe universal. O singular é o que não faz parte do conjunto, é o único.

A psicanálise parte do particular para o singular, retomando o universal a partir dos efeitos colhidos. Desta forma, nesta pesquisa, a partir de um caso particular, de um caso de adolescente que se inscreve na classe dos adolescentes portadores de transtorno de conduta para a psiquiatria, pode-se construir *o caso de um adolescente conduzido para tratamento, por apresentar maus comportamentos entendidos como acting out; fugas entendidas como passagem ao ato; e inibição intelectual; e que, no decorrer do tratamento, pode retificar a posição em que se encontrava em relação ao Outro e se questionar sobre seu desejo*. O que foi possibilitado pelos elementos recolhidos no discurso que permitiram inferir a posição subjetiva, incluindo o fim ético de interrogar um sujeito, implicando-o de modo singular à causa de seu desejo. É um caso, uma exceção. Aí, a singularidade se mostra como exceção à totalização do saber. Desta forma, a psicanálise se sustenta no singular.

No entanto, a psicanálise também contempla a passagem da singularidade do caso à universalidade da proposição teórica, a busca de regularidades que concernem à estrutura, sem que haja a reprodutibilidade da experiência.

Desta forma, o caso singular pode produzir algum modo de conhecimento. No entanto, isto se torna possível, se se coloca em reserva o saber sobre a teoria. Nas palavras de Lacan (1960/1998, p.839) “O analista preserva a

insciência quanto a cada sujeito que vai procurá-lo em análise, de sua ignorância sempre renovada de que alguns deles constitua um caso”.

Transpondo para o universal a experiência clínica e a articulação teórica proposta, pode-se estabelecer que, para Lacan (1968-1969/2008, p.202), o ato possui uma ênfase estrutural e é esta a única em que ele subsiste. Assim, como visto nesta dissertação, o ato remete à estrutura naquilo que implica o *objeto a*. Ao visar o contrário da adaptação, o que a psicanálise visa é uma responsabilidade face à estrutura, à falta; o consentimento à determinação da cadeia significante e ao objeto que causa o sujeito. Se o adolescente, como qualquer sujeito, não puder responder pelo que diz e pelo que faz, não existe nenhuma possibilidade para a prática analítica. Mas a ética da psicanálise consiste em oferecer ao sujeito uma possibilidade de tematizar, ressignificar e elaborar seu sofrimento, até onde for possível para tomar uma outra posição frente ao Outro. Deve-se lembrar que o sujeito depende da palavra, é ser falante, ser falado. Ao reconhecer os poderes da palavra, a psicanálise permite ao sujeito uma alternativa, reconhecer a verdade implícita no *acting out* e na passagem ao ato. Esta verdade é o próprio *objeto a*, que resulta da divisão do sujeito, por ser essencialmente falta. A interpretação analítica visa essa divisão do sujeito, o *a*, para ter como efeito a verdade, que está do lado do desejo. Trata-se de um manejo, de uma retificação do desejo, mas que deixa em aberto o desejo e exige seu perpétuo questionamento.

#### 4. CONCLUSÃO

Esta dissertação teve como objetivo analisar e propor uma direção de tratamento para um fenômeno que se observa na prática em ambulatório infanto-juvenil ligado ao SUS, e que toma a forma de atos impulsivos, disruptivos e irrefreáveis que se apresentam na conduta de adolescentes como maus comportamentos ou comportamentos inadequados e desadaptados nos diversos contextos. O que a psiquiatria classifica de transtorno de conduta na adolescência.

Estes comportamentos desadaptados ganham pelo social e pelo meio *psi* uma dimensão patológica que remete a uma degeneração, a uma desadaptação social, ou seja, um déficit, uma disfunção, seja de fatores biológicos ou sociais, que tem implícita o pedido de cura e de ressocialização. O que exclui qualquer laço do sujeito com o Outro e a determinação deste para a subjetividade. Enfim, exclui o sujeito e qualquer responsabilização pelo seu sofrimento. Esta demanda do social remete a um questionamento por parte do analista que recebe estes adolescentes, de como responder ou não a esta demanda, sem perder de vista seu direcionamento ético. Outro impasse, ainda, surge na medida em que estes adolescentes trazem um sofrimento que se apresenta de forma vaga, imprecisa e que tende a não sustentar, por esta razão, o tratamento, já que não traz questões que possam implicá-los subjetivamente. No lugar do mal-estar, aparecem atos, dos quais tem muito pouco a falar e que os incomodam muito pouco, não sendo, num primeiro momento, um problema.

Em razão destes dois pontos, a demanda social de adaptação e a falta de demanda destes adolescentes para o tratamento, surge uma dificuldade no manejo clínico, o que remete o analista a pensar a possibilidade do dispositivo analítico para estes casos. Mas antes de concluir pela impossibilidade destes adolescentes serem tratados pela psicanálise, foi a proposta desta dissertação aprofundar-se na análise de um caso clínico em que estes atos se apresentaram e na teoria que poderia embasar a leitura deste caso e a direção de tratamento.

Desta forma, a via escolhida para a análise do ato na adolescência foi a aproximação deste com o *acting out* e a passagem ao ato, na referência de Lacan (1962-1963/2005), do “Seminário 10: A angústia”, em que os aproxima do *objeto a*

como causa do desejo; e a articulação destes com o grafo do desejo como apresentado no “Seminário 5: As formações do inconsciente” (1957-1958/1999) e no artigo “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” (1960/1998).

Esta via foi escolhida na medida em que o grafo do desejo é uma tentativa de redução do material e de formalização da experiência analítica que implica nos seus matemas e relações a constituição subjetiva, o que permite analisar a experiência analítica e o seu direcionamento.

Na primeira parte da dissertação retomou-se a teoria referente ao grafo do desejo, o *objeto a*, o *acting out* e a passagem ao ato, e na segunda parte tentou-se articular um caso clínico em que atos se apresentam na forma de *acting out* e de passagem ao ato com a teoria e o grafo do desejo. No entanto, considerando que a psicanálise não toma o analisante como objeto de investigação, o analista, mesmo na função de pesquisador, estabelece com o analisante uma relação, a transferência, a qual faz parte da pesquisa.

Sem buscar totalizar um saber sobre estes adolescentes, mas trazendo a singularidade de um caso e sua articulação teórica, pode-se produzir conhecimento e refletir sobre a experiência. Trata-se de um caso, uma exceção. E, mesmo que este caso não traga a possibilidade de se estender ao universal, já comporta um avanço na formalização da psicanálise, ao propor um exercício de analisar a clínica a partir da teoria, principalmente de pontos da teoria que remetem à formalização matemática, aos matemas e ao grafo do desejo.

No entanto, além do próprio exercício de articular a clínica à teoria, neste caso, pode-se contemplar a passagem da singularidade do caso à universalidade da proposição teórica. De forma a possibilitar a leitura e a direção de tratamento de adolescentes trazidos para atendimento por apresentarem tais atos em sua conduta.

Nesta dissertação, a adolescência foi tomada como o tempo lógico de se deparar com o encontro ao real da sexualidade, que desperta o sujeito para tomar posição na partilha dos sexos. Para se defender desse real, por ser angustiante e traumático, cada adolescente cria suas defesas de acordo com sua estrutura, sua história, fazendo determinadas escolhas. Organiza-se uma nova posição e o sujeito deverá responder com os meios de que dispõe. Quando estes meios de

que dispõe não dão conta da questão que se coloca no encontro com o real da sexualidade, pode-se pensar na incidência do ato na adolescência.

O encontro com o real da sexualidade remete o adolescente à inconsistência do Outro, à falta do Outro, que remete à castração do sujeito e a posição insuportável de ser a causa do desejo do Outro. No caso apresentado, o adolescente inscreveu diversas formas de dar resposta ao insuportável da falta. No primeiro tempo, como objeto do desejo do Outro, numa resposta imaginária, que visava dar consistência ao eu e não se deparar com a falta. No segundo tempo, após o abalo da consistência do Outro, pela intervenção paterna, numa resposta simbólica por meio da identificação às insígnias do pai, no nível do ideal do eu, porém ainda alienada à demanda de amor e às insígnias paternas. E, por fim, na fantasia, suturando o Outro não mais pela via do amor, mas pela via da falta. Estas respostas dadas pelo adolescente à inconsistência do Outro tomaram a forma de *acting out* ou de passagem ao ato.

No primeiro tempo do caso, o adolescente estava na posição de objeto do desejo da mãe. Como neurótico, já havia se deparado com a castração do Outro, mas buscava, por esta posição, não inscrevê-la. Aí se apresentava a inibição intelectual. Esbarrou na função do saber, já que se continuasse a investigação sobre “de onde vem os bebês” poderia se deparar com a castração da mãe e ter que se posicionar diante desta, mantendo-se em um não querer saber sobre a falta. Também o mau comportamento se inscrevia nesta posição. Este mau comportamento foi entendido como *acting out*, numa resposta alienada à demanda do Outro, que se inscrevia na frase “meu pai sempre acha que minha irmã não faz nada, tudo fui eu...”. Esta via, ao mesmo tempo que era alienada à demanda do Outro materno, convocava o Outro barrado, na medida em que colocava em cena o *objeto a*, como um desejo desconhecido. Esta convocação também visava dar conta de um gozo que o invadia e que a “má companhia” personalizava, mas que não estava no próximo, mas nele mesmo.

No segundo tempo do caso, a consistência do Outro foi abalada, o pai passa a cumprir sua função de transmitir as insígnias, inscreve o falo como significante do desejo que divide o gozo, dando acesso ao gozo fálico e a uma forma de se posicionar diante do feminino, por meio da identificação com a virilidade. A normalização do desejo foi dada pelo Nome-do-Pai. Após esta

normalização do desejo, algo ainda escapa em uma pergunta que se atualiza em diversos momentos sobre o desejo e a falta. O Outro é vazado e não garante nada, não responde ao “*Che vuoi?*”, a questão sobre o desejo fica em aberto. Frente ao insuportável da falta do Outro, o adolescente evadiu da cena, vagou pela cidade à procura de algo que não responde, por ser puro vazio.

Este percurso da análise foi possível na medida em que, do primeiro para o segundo tempo do caso, houve uma mudança na posição que ocupava a analista, abandonando a posição de querer o bem do sujeito, seja o social ou aquele que se julga ser o do sujeito, por meio de uma resposta à demanda social de adaptação deste adolescente. Com esta postura não operava com a falta-a-ser e colocava o bem no lugar da falta, o que excluía qualquer possibilidade do sujeito ir na direção da causa do desejo e evitava, para a analista, a aproximação em que o adolescente se encontra na relação ao real.

Esta postura obstruía o trabalho analítico, a associação livre, e os *acting out*, que antes se direcionavam aos pais, passam a se direcionar à analista, da mesma forma como se apresentou o *acting out* do “homem dos miolos frescos”, na medida em que demonstra à analista, por meio do ato e não de palavras, que sua intenção era boa de querer o seu bem, mas não tocava a questão. Restava o *objeto a*, a causa do desejo intocada. Na normalização, o *objeto a* fica de fora

Esta via da normalização, da adaptação, que exclui o desejo, é a que prevalece quando se trata da busca de tratamento para estes adolescentes, seja porque eles incomodam demais com seus atos, seja porque incomodam o analista, na medida em que com seus atos remetem a *das Ding*, ao campo do real e ao horror que este pode provocar. Propondo a normalização, acredita-se que se limpará este horror, esquece-se que o que é forcluído do simbólico retorna no real, naquilo que é refratário às práticas *psi* de adaptação e ressocialização.

No entanto, a análise dos atos dos adolescentes, assim como a direção de tratamento proposta no caso acima discutido, visou algo diferente do déficit neuronal ou social e sua consequente direção na via do bem e da normalização. Mesmo que efeitos de normalização tenham ocorrido, este não foi o essencial. O essencial foi a retificação subjetiva que ocorreu. No primeiro momento, queixam-se os pais e a escola, que reclamam do comportamento do adolescente, sem que ele se incomode com estes. Esta posição cede para a posição de sujeito que

sofre e, como solução, encontra a identificação com as insígnias paternas como resposta. Por fim, esta identificação paterna vacila, ao se evidenciar que o Pai não responde a questão que se formula no encontro com o real da sexualidade, e aí a questão do desejo se abre. De imediato surge a passagem ao ato, a falta de significante só possibilita que o adolescente evada da cena. Aí coloca-se a questão de até que ponto o adolescente consegue manter esta abertura e não fechar em uma resposta alienante que visa tamponar a falta. Esta é a tarefa da análise, que fica em aberto como possibilidade.

Uma possibilidade se o analista estiver precavido de querer fazer o bem e incluir na experiência analítica e na direção de tratamento o real, suportado pela falta e pelo desejo. Desta forma, a psicanálise pode visar, nestes casos, a responsabilidade do sujeito em relação à falta e ao objeto que o causa. O enigma do desejo torna-se possível.

O direcionamento ético aqui proposto consiste em oferecer ao sujeito uma possibilidade de trazer, com os recursos que a psicanálise dispõe, simbólicos por excelência, uma forma de ressignificar e elaborar seu sofrimento, até onde for possível, para tomar uma outra posição frente ao Outro. Desta forma, reconhecer a verdade que pode estar implícita no *acting out* e na passagem ao ato, o que remete ao *objeto a*.

Para finalizar, torna-se importante salientar as questões que esta pesquisa deixa em aberto. Acredita-se que o objetivo principal de articular um caso clínico, em que o que se chama aqui de ato se evidencia, com a teoria e, principalmente, com alguns instrumentos de formalização dados por Lacan, como os matemas e o grafo do desejo, tenha ocorrido. Pode-se ampliar a leitura e o direcionamento de tratamento aos casos que chegam ao analista com uma demanda social de adaptação, por meio de um giro da demanda; a não resposta a demanda social e a suposição de que o sujeito que está ali pode se questionar sobre o que se passa e ir em direção ao seu desejo.

No entanto, há um ponto em que esta pesquisa não avançou. O que remete a uma certa satisfação pulsional dada no ato, justamente no ponto em que ocorre o obstáculo ao trabalho analítico. Aqui, acredita-se que os referenciais teóricos, o grafo do desejo, o *acting out* e a passagem ao ato nas suas relações com o *objeto a*, como causa do desejo, não são suficientes para responder a esta

questão. Seria necessário que o *objeto a* fosse abordado na dobradiça, na dupla articulação que o remete ao desejo, como objeto causa do desejo e a pulsão como mais-de-gozar.

É no “Seminário 16: De um Outro ao outro” (1968-1969/2008) que Lacan elabora o conceito de *objeto a* como mais-de-gozar, elabora o acesso ao gozo como efeito de entropia<sup>56</sup>, de desperdício, ao mesmo tempo que introduz um suplemento da perda de gozo, e também articula o *objeto a* como mais-de-gozar com o grafo do desejo. Esta pesquisa poderia ter avançado no que se refere à satisfação pulsional do ato se tivesse recorrido a mais este aparato teórico de Lacan. Desta forma, fica em aberto a questão: Como o ato se relaciona com a pulsão, em que ponto ele remete a uma satisfação? Qual a relação entre o *objeto a* como causa de desejo e como mais-de-gozar? Como o *objeto a* nesta segunda dimensão pode se inserir na análise e permitir seu avanço?

---

<sup>56</sup> Entropia, palavra originária da termodinâmica, mede a parte da energia que não pode ser transformada em trabalho.



## REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Sonia. *Esse sujeito adolescente*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. *Adolescência Normal: Um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 1981.
- ASSOCIAÇÃO PSIQUIÁTRICA AMERICANA (APA). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4ª. ed. (DSM-IV). Porto Alegre: Artmed, 1995.
- BERCHERIE, Paul. A clínica psiquiátrica da criança: estudo histórico. (Trad: Oscar Cirino) In: Cirino, O. *Psicanálise e Psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- BERCHERIE, P. *Os fundamentos da clínica: história e estrutura do saber psiquiátrico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- BICALHO, M.H.S. *Biblioteca Freudiana de Curitiba*. Curitiba, 2007 – 2011. Seminários Inéditos.
- BORDIN, Isabel AS e OFFORD, David R. Transtorno da conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. [online]. 2000, vol.22, suppl.2, pp. 12-15. Disponível em; [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151644462000000600004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462000000600004) Acesso em 18/ 09/2010.
- CAZOTTE, J. *O diabo enamorado*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- CIRINO, O. *Psicanálise e psiquiatria com crianças: desenvolvimento ou estrutura*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DEL-BEN, Cristina Marta. Neurobiologia do transtorno de personalidade anti-social. *Revista de psiquiatria clínica*. [online]. 2005, vol.32, n.1, pp. 27-36. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01016083200500010000](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01016083200500010000). Acesso em 18/09/2010.
- FORGET, Jean-Marie. Perversidade e perversão na adolescência. In: FLEIG, C.F.B. *Adolescente, sexo e morte*. Porto Alegre: CMC, 2009.
- FREIRE, A.B.; RIBEIRO, J.M.L.C.; MONTEIRO, K.A.C. Em torno do sintoma e do pai: um caso clínico. In: FREIRE, A.B. (org.) *Apostar no sintoma*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2007.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 18.

\_\_\_\_\_. A dissecção da personalidade psíquica. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 22.

\_\_\_\_\_. Fragmento da análise de um caso de histeria. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 7.

\_\_\_\_\_. O futuro de uma Ilusão. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 21.

\_\_\_\_\_. Inibição, sintoma e ansiedade. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 20.

\_\_\_\_\_. Interpretação dos sonhos. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.3 e 4.

\_\_\_\_\_. Mal-estar da civilização. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 21.

\_\_\_\_\_. Moises e o monoteísmo. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v.23

\_\_\_\_\_. Projeto para uma psicologia científica. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 1.

\_\_\_\_\_. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 18.

\_\_\_\_\_. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 12.

\_\_\_\_\_. A tendência à depreciação do amor (Contribuições à psicologia do amor). In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 11.

\_\_\_\_\_. Totem e Tabu. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 13.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. 7.

HARARI, R. *O Seminário A Angústia de Lacan: Uma introdução*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997

HEGEL, G.W.F. *Fenomenologia do Espírito*. 7<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

KOJÈVE, Alexandre. *Introdução à Leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002.

LACAN, J. O despertar da primavera. In \_\_\_\_\_. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. A direção da cura e os princípios de seu poder. In \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Duas notas sobre a criança. In \_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise. In \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Observações sobre o relatório de Daniel Lagache In \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Seminário 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. *Seminário 5: As formações inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *Seminário 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Seminário 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. *Seminário 16: De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. A Significação do Falo. In \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. Subversão do sujeito e dialética do inconsciente freudiano. In \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

MENDES, Deise Daniela et al. Estudo de revisão dos fatores biológicos, sociais e ambientais associados com o comportamento agressivo. *Revista Brasileira de Psiquiatria*. [online]. 2009, vol.31, suppl.2, pp. S77-S85. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s2/v31s2a06.pdf>>. Acesso em: 18/09/2010.

MILLER, Jacques-Alain. Introdução à leitura do Seminário da Angústia de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana*, 43. São Paulo: Eous, 2005.

MILLER, Jacques-Alain. *Perspectivas do Seminário 5 de Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10 - Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre: Artmed, 1993.

RABINOVICH, D.S. *A angústia e o desejo do Outro*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2005a.

RABINOVICH, D.S. *Clínica da pulsão: as impulsões*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2004.

RABINOVICH, D.S. *A significação do falo: uma leitura*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2005b.

RASSIAL, J.J. *O Adolescente e o Psicanalista*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2004.

ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SAUSSURE, F. *Curso de lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1998.

WEDEKIND, F. *O despertar da primavera e Mine-Hana*. (Trad. Claudia Abeling & Marcus Tullius Franco Moraes). São Paulo: Luzes no asfalto, 2010.

WINNICOTT, D. W. *O brincar & a realidade*. (Trad. J. O. A. Abreu e V. Nobre). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

XAVIER, E. F. A irrupção da psicose na adolescência. Em: *Adolescência: entre o passado e o futuro*. 2ª. ed. Porto Alegre: Artes e ofício, 1999.

## **ANEXO**

Curitiba, 29 de Abril de 2010.

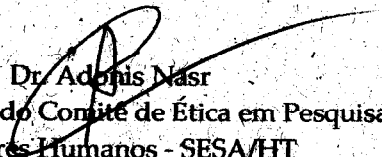
**Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos  
SESA/HT**

<b>Protocolo:</b> CEP-SESA/HT nº179/2010	<b>CAAE:</b>
<b>Projeto de Pesquisa:</b> O Ato na Adolescência	
<b>Pesquisador:</b> Mirela Stenzel	
<b>Patrocinador:</b> não consta	
<b>Instituição:</b> Centro Psiquiátrico Metropolitano - CPM	
<b>Área Temática Especial:</b> Grupo III	
<b>Data de apresentação ao CEP:</b> 13/05/2010	<b>Data de Entrega do Parecer:</b> 29/05/2010

O Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria de Saúde do Estado do Paraná/Hospital do Trabalhador analisou na sessão do dia 27 de Maio de 2010 o processo Nº. 179/2010, referente ao projeto de pesquisa: "O Ato na Adolescência", tendo como pesquisador (a) Mirela Stenzel

Mediante a importância social e científica que o projeto apresenta e a sua aplicabilidade e conformidade com os requisitos éticos, somos de parecer favorável à realização do projeto classificando-o como **APROVADO**. O mesmo atende aos requisitos fundamentais da Resolução 196/96 e suas complementares do Conselho Nacional de Saúde/MS. Solicita-se ao pesquisador o envio a este CEP de relatórios sobre o andamento da pesquisa bem com o envio de relatório final.

Atenciosamente,

  
Dr. Adonis Nasr  
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa  
em Seres Humanos - SESA/HT